

Palavras sem fronteiras



Um legado para a
humanidade



Palavras sem fronteiras



Um legado para a
humanidade



Editoração e acabamento: **Editora In House**
Organização: **Márcio Martelli e José Felício Ribeiro De Cezare**
Editor Responsável: **Márcio Martelli**
Revisão gramatical: **José Felício Ribeiro De Cezare**
Fotografias: **www.freepik.com**
designed by  **freepik.com**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Palavras sem fronteiras : um legado para a
humanidade / organização Márcio Martelli,
José Felício Ribeiro De Cezare. -- 1. ed. --
Jundiaí, SP : Editora In House, 2020.

ISBN 978-65-86978-37-7

1. Poesia brasileira I. Martelli, Márcio. II.
Cezare, José Felício Ribeiro de.

20-49399

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta publicação reservados e protegidos à Editora In House nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, inclusive de internet ou outros, sem a prévia e expressa autorização por escrito do Autor e do Editor. Textos revisados, segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa Jundiaí, novembro de 2020.



11 4607-8747 | 99903-7599
editorainhouse@gmail.com
www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br



DEDICATÓRIA

Aos médicos, aos profissionais da saúde, a todo o batalhão de frente que lutou e enfrentou a pandemia da Covid-19 neste ano de 2020, protegendo-nos, orientando-nos e dando-nos a esperança de um futuro melhor.

A todos que se dedicaram a fazer do cotidiano das pessoas algo melhor, quer seja cantando, lendo poesias ou contos, falando de esperança, enfim, trazendo a paz para dentro do lar de cada cidadão através das janelas das nossas redes sociais.

Em especial, aos membro do grupo Palavras Sem Fronteiras que mostraram ao mundo que a amizade, a fraternidade, o amor, a solidariedade e o respeito pela humanidade devem ser sempre o objetivo de cada um de nós. Este livro é para vocês.

Muito obrigado a Deus por permitir a nossa existência.



SUMÁRIO

Ronaldo Martelli	13-17
Kelly Cristina Galbieri	18-19
Maria Beatriz Sayeg Freire	20-21
João Carlos José Martinelli	22-24
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega.....	25-27
Fábio Spina	28-30
Tatiana Rosa	31-32
José Garcia Netto	33-34
Maria Teresa Sponchiado	35
Jefferson Dieckmann.....	36-38
Thaty Marcondes.....	39-40
Márcio Martelli	41-43 / 150-151
Rosalie Gallo y Sanches.....	44-45
Bel Lopes.....	46-48
Ivonete Piccinato de Freitas	49-51
Aristides Almeida Rocha	52-55
José Felício	56-58
Flavia Cunha	59-60
Susana Ferretti	61-62
Herminia Balbuena	63
Jorge Trigo	64-67
Manoel de Jesus Carvalho	68
Dalton Luiz Sibinel	69-79
Luiz Alberto Carlos.....	80-85
Nilton Gutierrez.....	86-87
Vanderlei Negro.....	88-89
Luciana Piamonteze.....	90-91
R. R. Mansfield.....	92-95
Aristeu de Campos Filho	96-101
Cacilda Franco Ribeiro.....	102-106
Liege Esteves.....	107

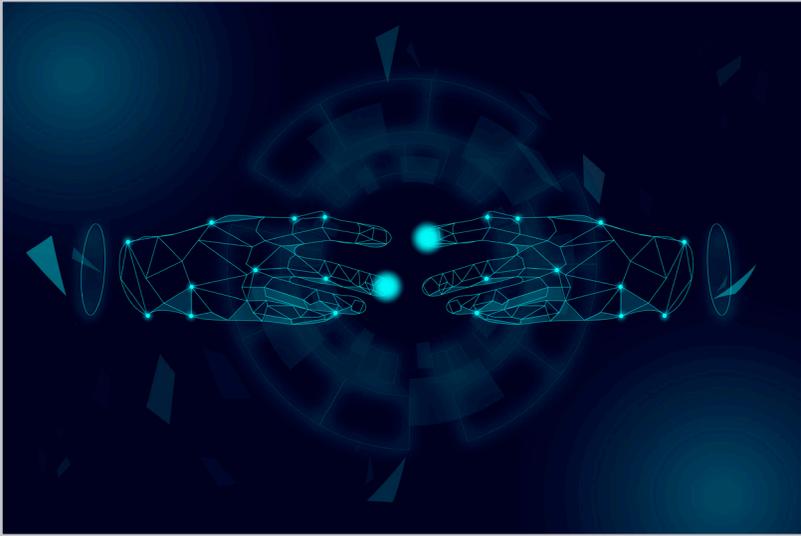
Susana Bueno de Souza.....	108-109
Osnir Gonçalves Ferreira.....	110-111
Sandra Regina Librelon	112-113
Damião Nascimento.....	114-117
Anna Maria Gallo.....	118-119
Devair Ahrens.....	120-122
João Daniel	123-124
Carmen Sílvia Pereira	125
Katia Maria Moratore.....	126-127
Geraldo Enfeldt	128-130
Sandra Albuquerque Torres.....	131
Bruno Marin	132-133
Evandro Fernandes da Silva	134-135
Ana Clara Santos Cavalcante	136
Kelli Cristina Candido de Lima.....	137-139
Cidinha Palma	140-141
Eliane Diana Nunes.....	142-143
Marta Corrêa	144-146
Poema Sem Fronteiras - Criação coletiva	147
Carlos Thompson	148-149

ÍNDICE EM ORDEM ALFABÉTICA

Ana Clara Santos Cavalcante	136
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega.....	25-27
Anna Maria Gallo.....	118-119
Aristeu de Campos Filho	96-101
Aristides Almeida Rocha.....	52-55
Bel Lopes.....	46-48
Bruno Marin	132-133
Cacilda Franco Ribeiro.....	102-106
Carlos Thompson	148-149
Carmen Sílvia Pereira	125
Cidinha Palma	140-141
Dalton Luiz Sibinel	69-79
Damião Nascimento.....	114-117
Devair Ahrens.....	120-122
Eliane Diana Nunes.....	142-143
Evandro Fernandes da Silva	134-135
Fábio Spina	28-30
Flavia Cunha	59-60
Geraldo Enfeldt	128-130
Herminia Balbuena	63
Ivonete Piccinato de Freitas	49-51
Jefferson Dieckmann.....	36-38
João Carlos José Martinelli	22-24
João Daniel	123-124
Jorge Trigo	64-67
José Felício	56-58
José Garcia Netto	33-34
Katia Maria Moratore.....	126-127
Kelli Cristina Candido de Lima.....	137-139
Kelly Cristina Galbieri	18-19
Liege Esteves.....	107

Luciana Piamonteze.....	90-91
Luiz Alberto Carlos.....	80-85
Manoel de Jesus Carvalho	68
Márcio Martelli	150-151
Márcio Martelli	41-43 / 150-151
Maria Beatriz Sayeg Freire	20-21
Maria Teresa Sponchiado	35
Marta Corrêa	144-146
Nilton Gutierrez.....	86-87
Osnir Gonçalves Ferreira.....	110-111
R. R. Mansfield	92-95
Ronaldo Martelli	13-17
Rosalie Gallo y Sanches.....	44-45
Sandra Albuquerque Torres.....	131
Sandra Regina Librelon	112-113
Susana Bueno de Souza.....	107-109
Susana Ferretti	61-62
Tatiana Rosa	31-32
Thaty Marcondes.....	39-40
Vanderlei Negro.....	88-89

PREFÁCIO



Que coisa extraordinária é um livro. Um objeto plano, produzido a partir de uma árvore, com camadas flexíveis nas quais são impressos vários traços e rabiscos. Mas basta um olhar e você se vê dentro da mente de outra pessoa, talvez alguém que tenha morrido há milhares de anos. Atravessando os milênios, aquele autor fala clara e silenciosamente dentro da sua cabeça, diretamente para você. A escrita é talvez a maior das invenções humanas, capaz de unir pessoas que nunca se conheceram, cidadãos de épocas distantes. Livros quebram os grilhões do tempo. Um livro é uma prova de que os humanos são capazes de fazer mágica.

Carl Edward Sagan

Na década de 1970, algumas mensagens foram enviadas ao espaço. Todas elas tinham como objetivo, ilustrar aos outros possíveis povos do universo o que seria a humanidade terráquea, músicas, sons, imagens, descobertas científicas, vídeos... ou seja, legado humano. Talvez, em algum lugar do Cosmos – seja na perspectiva pitagórica, na perspectiva nórdica ou nas percepções atuais – algo ou alguém terá contado com aquilo que Frank Drake, Carl Sagan, Liza Sagan e outros cientistas e intelectuais idealizaram como mensagens.

O Projeto **Palavras sem fronteiras** – Um legado para humanidade, oferta aos escritores mais audaciosos e destemidos, a oportunidade de assim como Carl Sagan descreveu, “romper os grilhões do tempo e fazer mágica”.

Os universos possíveis e impossíveis aqui criados constituem um multiverso complexo e de infindáveis caminhos de compreensão e entendimento. A distância impõe barreiras, mas o coração humano conecta as mentes que querem viajar nessas conexões, nesses caminhos, nesse multiverso artístico, literário, cultural, sensível e senciente.

A literatura, a arte, a cultura... têm sido o bálsamo que acalma as feridas da alma num período tão incompreensível e tão controverso como o atual. As dores do mundo se encontram, quando buscamos das mais variadas formas exercitarmos a empatia e a alteridade. A união em prol do bem-estar, o caminhar na busca por uma cura ao mal que atinge a humanidade, demonstra que há esperança em meio ao caos. Que há uma luz, ainda que pálida suficiente para espantar a escuridão, para indicar um caminho, para oferecer alento.

Consciente ou inconscientemente o ser humano sempre deixará uma marca, uma herança. **Palavras sem fronteiras** – Um legado para a humanidade reunirá todas as pessoas que buscam deixar sua marca no universo literário, na imaginação das pessoas, nas pessoas que amam, no mundo, seja ele real ou onírico ou virtual.

Quiçá, no Cosmos! Por que não? Qual será o seu legado?
Vida longa e próspera!

José Felício

ESCREVER É ESQUECER

Bernardo Soares

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e o representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida – umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana.

Não é esse o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso.

Livro do Desassossego por Bernardo Soares, Vol. II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática, 1982. 505. "Fase confessional", segundo António Quadros (Org.). In: **Livro do Desassossego**, por Bernardo Soares, Vol. II. Fernando Pessoa. Mem Martins: Europa-América, 1986.



CAMINHANTE

Vindo donde a noite esquece
Que a gente é gente
Ao menos parece...
Mas, no caminho longo
Novo, velho, diferente
Em que a gente perece
Caminhando descrente
Quem sobrevive segue
Em frente.

O vento levanta poeira
Que amarga meus olhos
Embaraça a cabeleira
E embaralha meu caminho...
Eu ainda tão menino
Indo embora
E para trás não há olhar
Não há nada lá para mim
Não há lugar
Não foi o começo nem o fim.

Ah, caminho que faz
Peito em chamas, arder febril
Num momento uma partida
Uma vida dividida
Encruzilhada, ardil
Perdi-me de você
Agora caminhante senil
Caminho para a tarde fria
Um velhote infantil.

Caminhante, nada deixei
Caminhante, fiz a estrada
Aonde chego ou o que serei
Qual o fim da caminhada?
Nada sei... ainda não sei
Deixo minha mula encilhada
Aguardando meu comando
Pra comer o pó da estrada.

A solidão é um açoite
De manhã lhe rasga o dorso
De noite entorpece a alma
O velho, a poeira, a estrada
Podre, feia, ensimesmada
Segue capenga sem calma
Continua a desgraçada
Carregando em seu lombo
Pá, picareta e enxada!

Faço assim minha jornada
Caminhante...
Não sou nada
E da poeira da estrada
Fiz minha canção
Meu único legado
Feito a facão e machado
Pois a vida não lhe entrega
Um roteiro traçado!!

MINHA “SENHORA”

Pela ruas que vigia
Que de estreita
Vago, qual desfeita
Alegria, alegria...

Ainda que ande pela rua
Eu olhava, não te via
Mas você sabia...
Da minha amargura.

Neste mundo, que jamais vou estar
Com seu manto, azul profundo
Estendido a cobrir este mundo
A olhar, a olhar.

Sou cordeiro, sou perdido
Divisando sua figura
Encrustada na moldura
Esquecido, esquecido...

Sua luz, queima-me, desnuda
Minh'alma chora, estremece
Oração absurda, muda
Minha prece... minha prece.

Seu amor por nós,
cobrindo, escorrendo
Dissipando o nevoeiro
De minh'alma... inteiro
Sofrendo, sofrendo

Chorei pois não sabia
Sobre esse seu amor infinito
Bálsamo bendito
Em mim caía... caía.

Nossa Senhora, deste amor bendito
Olha esse dorido coração
Em oração, em perdão
Perdão infinito... infinito.

Ah, que vontade de nunca mais voltar
Porque me perdi...
Quando me separei de ti?
Minha Nossa Senhora do altar.

Por tanto amor, tanto amar
Sumi nas estradas
Perdidas paradas
Sem te encontrar.

Nossa Senhora, mãe de Jesus!
Num dia te perdi
Ceguei, esqueci
Escondi-me de sua luz.

Encontre-me minha Senhora
Apague meu infinito esquecer
Pois quero lhe conceder
Meu tempo, minha hora
Por que és
Minha Nossa Senhora!

RIMA

Sabe que nem sei se tenho rima
Penso numa prosa
Imagino uma rosa
Aí desatina
Sai o verso
Sai a prosa
Sai o inverso
Pra onde foi a rosa?

Agora não sei mesmo
Algum dia rimei?
Fiz versos a esmo
Falando comigo mesmo
Surtei....
Entristeci
Por que não sei
Quando rima farei
Desapareci

Voltei, achei que devia
Ao menos uma rima
Uma rima faria
Uma que valesse o dia
Do meu coração, que valia
Uma sofrida rima...
Chorei
Rimava com voltei
Sorri
Rimava com sofri
Mas o que me valeu

Foi que cantei
Um canto que doeu
Corroeu
Ah, falei
Falei tanto que rimei
Amor com dor
Novamente chorei

E os versos que li
De choros incontidos
Amores não correspondidos
Acreditei muito que ali
Ali havia rima
E se preciso repito
Que ademais, tenho dito
Que cisma....
Não digas que naveguei em vão
Nos versos dessa canção
Que me cortou
Que me acertou
Em cheio no coração
Enjoei
Não tenho mesmo rima
Meu destino, desatina
Chorei
Não encontro verso
Verso que corresponda
Ao que, diverso
Desencontra
Eu me disperso...

Mas sonho sempre
 Com tempos
 Rimas de amores
 Pois um dia
 Serei indagado, sobre rimas minhas
 E só terei dores
 De um tempo em que tu vinhas
 Para ler os versos meus

Versos sem rimas
 Palavras escritas no papel coração
 Tão teus, tão teus
 Versos que eram meus
 Com tintas de emoção
 E dizias, a rima aonde foi?
 Falei, foi por porta afora
 Vestiui camisa e calção
 Não sei aonde anda agora!

ROMANCE (FICÇÃO)

Ela passava ao largo
 E mais bela não existia
 Ele parava pra olhá-la
 Em sua marcenaria.

De tudo que ele fazia
 Banco, cama, escadaria
 De tão bela perfeição
 Ou qualquer coisa já feita
 Ou que ainda faria
 Quer o Sol
 Quer seja a Lua
 O que lhe compararia
 Em sua tão terna beleza
 Mais bela não haveria.

Ele singelo rapaz
 Ela a moça flor da alegria
 Ele sonhava com ela
 Ela pra ele sorria.

Assim o tempo corria
 Ele muito paquerado
 Pelas moças da cercania
 Seu nome era José
 José da marcenaria
 Ela a flor mais bela da vida
 Beleza ainda em botão
 E nenhuma outra havia
 Pra uma comparação
 Pois a luz que o Sol irradia
 No raiar do novo dia
 Era pra iluminar
 O rosto da bela Maria.

E nas voltas que a vida dá
 José da marcenaria
 Deveras apaixonado
 Pela graça de Maria
 Joga-se aos seus pés de anjo
 E declara o grande amor
 Que há muito lhe consumia.

Assim foi, num belo dia
Em que o céu à Terra se inclina
E os anjos em cantoria
Saúdam a união
José era de Maria.

E era tão lindo esse amor
Que a casinha refletia
Naquele ninho de amor
Novo coração batia.
E num belo dia de sol
A mais bela criança nascia
Fruto de um grande amor
Irradiando sua luz
José abraçado à criança diz
Seu nome será Jesus!

Dizem que foi assim
Não nego e não vou afirmar

Mas contam essa história
Que o tempo não vai apagar
Que a mais linda mulher
Que neste mundo havia
Casou com um rapaz
José da marcenaria
Eu não sei
Só se sabe o que se conta
Que deste amor tão fecundo
Nasceu o fruto da esperança.
Olha, posso até me enganar
Mas me parece esta criança
Um rebento milagroso
Seja nossa salvação
Já vislumbro a felicidade
No futuro da Nação!

Qualquer semelhança
É pura coincidência.



Ronaldo Martelli

Jundiaense. Gerente de TI. Atualmente reside com sua família em Valinhos. Poeta com participações em várias antologias.

A NECESSIDADE DE UM OLHAR

Uma vez li algo assim: *"Nesse mundo não há perdas ou fracassos quando temos no coração a vontade de lutar e modificar a vida."* Nunca me conformei com essa afirmativa. Acho insuficiente apenas lutar. Algumas pessoas, animais, situações, dependem daqueles que lutam... então, não creio que baste vontade. Todos dependem do sucesso. E foi assim que trilhei minha vida. Não me conformando com as diferenças.

Trabalhei por alguns anos na Defensoria Pública do Estado de São Paulo, prestando assistência jurídica àqueles que não têm condições financeiras de arcar com os custos de um processo judicial. Ali vi de tudo: brigas de vizinhos, abandono de toda espécie, famílias despedaçadas, crimes de toda sorte, enfim... tanta coisa ruim, mas também tanta gente precisando de um colo, de um consolo. Até mesmo aqueles que cometem estes crimes, se acompanhados de perto, por trás da casca dura, têm uma vida de muito sofrimento e abandono. Confesso que minha família e amigos nunca entenderam ou aceitaram bem me ver fazer a defesa dos encarcerados, daqueles que, por alguma razão já não estavam mais no convívio com a sociedade. Mas ainda assim, segui fazendo o que achava correto. Tanto que participei com minhas amigas Cristina Castilho de Andrade e Rose Gentil Ormenesi (duas pessoas que guardo em um lugar mais que especial na minha vida), da Pastoral Carcerária, dentro do Centro de Detenção Provisória em Jundiaí.

Pois bem, de lá, fui para o Conselho Tutelar, onde permaneci por quase sete anos. Um lugar e um trabalho que costumo dizer deve ser realizado por quem tem vocação. Acompanhar a crueldade que algumas crianças e adolescentes sofrem, muitas vezes dentro de suas próprias casas, com as pessoas que deveriam prestar todo cuidado e proteção, não é para qualquer ser humano. Não carregar todos esses traumas no final do dia para o nosso ambiente familiar é uma das tarefas mais difíceis. Tentar não pensar em tudo o que faltava para aquelas crianças, enquanto tantas outras deitavam e dormiam em um colchão quentinho, com comida suficiente, escola de qualidade e pais que as amavam, fazia com que meus olhos marejassem a cada nova ocorrência em que era chamada. Algumas crianças e adolescentes ficarão marcadas para sempre na minha memória, umas pelas histórias impublicáveis, outras pelas recuperações familiares. Mas de qualquer forma, trago comigo recordações escritas em papel e no coração. Eternas.

“Defender” crianças e adolescentes é muito fácil. Todos têm empatia com o trabalho. Basta dizer que seu papel é trazer igualdade, amor aos “pequenos”, que as portas se abrem. O que não acontece quando falamos da comunidade LGBTI+. Parece que, a partir do momento que decidi olhar para os direitos suprimidos desta parcela da população brasileira, passei a ser outra pessoa. Aquelas mesmas pessoas que me aplaudiam porque me viam lutando pelos direitos das crianças, agora me apedrejavam, pois entendiam que eu não poderia estar ao lado “delxs”.

Ora, estamos falando de pessoas que desde que se reconhecem fora do padrão hétero-cis-normativo, lutam. Travam a primeira batalha consigo mesmos para tentar deixar de sentir o que sentem, tentar se encaixar naquilo que a sociedade espera de todos. Até que se dão conta que não é uma escolha pessoal, porém, às vezes este processo leva anos, e aí percebem que terão uma vida toda de luta... familiar, muitas vezes; escolar; profissional; social...

E tudo isso por quê? Qual a razão de alguém ter de dar satisfação ao vizinho sobre quem mora em sua casa? Há explicação para a expectativa de vida de uma pessoa transexual ser de 35 anos? Ou ter que justificar à sociedade uma mulher preferir usar roupas masculinas? Uma pessoa heterossexual precisa prestar todos estes esclarecimentos sobre sua vida diariamente? É disso que estou falando... de igualdade! É só o que a comunidade LGBTI+ exige: respeito e igualdade.

Hoje sei que pouco importa a cor, a raça, a orientação sexual, a identidade de gênero, a idade, a classe social ou qualquer outra forma de segregação, mas a luta pelo fim do preconceito está apenas começando, mas, graças a Deus, ganhando cada vez mais adeptos. E sei que este é o legado que quero deixar. A minha luta. Em nome de todes, para que um dia este texto seja desnecessário. Que as gerações futuras consigam enxergar que daqui nada se leva, que ninguém é melhor que ninguém e que o amor é o único bem que realmente vale a pena acumular.



Kelly Cristina Galbieri

Natural de Jundiá, SP. Assessora de Políticas para Diversidade Sexual na Prefeitura Municipal de Jundiá. Formada em Administração de Empresas pela PUCCAMP e Direito pela UniAnchieta. Pós-graduada em Direito Público pela UNISAL e em Direito Homoafetivo e de Gênero pela Universidade Santa Cecília. Articulista do portal **JundiAqui**.

O LIVRO EM SUA ESSÊNCIA: DO VERBO AO IDEAL



20

No princípio, assim como no verdadeiro princípio de tudo, eu era o Verbo. Descarnado, indefinido, embrionário. Em meio às trevas vivia arisco, à espreita das pessoas que eram rudes e primitivas e dos esparsos fatos que germinavam em promessa, na irrealidade. Os dias eram lentos, talvez até a Terra ainda estivesse aprendendo a girar e eu tinha muita dificuldade de me realizar. Não conseguia enxergar qualquer futuro e naquele tempo não existia o passado. Vagava com o vento, aquiescente, atemporal.

Não sei precisar o momento em que após flunar por centenas de territórios misteriosamente circunvoltos que encontrei dentro dos homens, um de particular magnetismo me atraiu e adentrando por um fantástico labirinto de imagens, sombras, espelhos paralelos, conexões, multipliquei-me, adquiri força e perspectiva: tornei-me Ideia. Meu processamento alucinante se compara a uma viagem psicodélica, a um Hopi Hari, a uma embriaguez reversa onde pude me apossar de coerência e lógica impressionantes. Neste caleidoscópio lúdico, ganhava formas e matizes diferentes, encantado com meu etéreo pleomorfismo.

Mas chegou o dia em que eu, amadurecido, debutei. Seria responsável e consequente e assim, transferido ao papel. Ganhei uma beca verde com traços dourados e tenho sido passado de mão em mão e, em cada mente visitada, vivencio espetáculos pirotécnicos, como se eu, luz, através dos cristais dessas mente-lentes, fosse repartido no espectro infinito das cores de cada um. Fui

clonado e agigantado pela multidão que visitava e disso decorreram descendentes vários. Nesta espiral de crescente fervilhamento atingi a cátedra e me tornei Ideal.

Por mim homens debatem, lutam, raciocinam: habilidade humana capaz de me modificar. Na rígida aridez das metas, escravizado, posso ser levado a ferro e fogo, extravasar sangue e dizimar civilizações. Dentro do coração, contudo, pelo mero cio do exercício, no qual não atingir mas praticar é a razão, redimo suor e lágrimas, aguço sentidos, agrego vidas, extermino a desesperança e permito aos homens experimentar a sensação dos deuses.



Maria Beatriz Sayeg Freire

Nascida em São Paulo, capital, médica de formação e professora da Faculdade de Medicina de Jundiaí. Após longo tempo de poetisa “na gaveta”, aos 60 anos, lançou seu primeiro livro de poesias intitulado **Capturas**, em janeiro de 2020. Participou ainda neste ano como jurada do concurso – Museu da Pandemia – organizado por Valquíria Malagoli. Esse é seu primeiro trabalho publicado na Editora In House.

POETA NÃO É O QUE ESCREVE. É AQUELE QUE SENTE A POESIA...

Há muito tempo que curto um hábito saudável: levanto e após minhas orações, leio uma poesia de boa qualidade que escolho entre as muitas existentes, quer seja de autores consagrados ou desconhecidos, quer de locais ou regionais. A manhã acaba florescendo com tamanha aptidão de viver, que os dias quase sempre são extremamente maravilhosos. Nesse momento, lembro-me de Clarice Lispector que afirmava *“a palavra é meu domínio sobre o mundo”*. Com efeito, através dela, não só flutuo sobre a criação alheia, como compartilho minhas, em redes sociais, o que propicia muitas vezes um encontro de sentimentos, dores, alegrias, tristezas, saudades e tantas outras circunstâncias que fomentam nossa subjetividade.

É por isso que adoro escrever e ler, e como na maioria das vezes minha inspiração não se concretiza em versos, aproprio-me da ode de terceiros, repleta de coisas delicadas, com ritmo e harmonia típicos dos poetas que imortalizam tudo o que há de melhor e de mais belo no mundo; românticos que se revelam aos outros, sem receio de serem incompreendidos em seus sonhos, aspirações, desejos e principalmente, emoções.

Nesse aspecto, invoco a singeleza de Cora Coralina: *“Poeta, não é somente o que escreve. É aquele que sente a poesia, se extasia sensível ao achado de uma rima à autenticidade de um verso”*. Todos os que admiram esse gênero literário, com certeza, exercitam suas almas aproximando do próprio íntimo, sem pudores com o materialismo. Extravasam o espírito, sem se consumirem integralmente. Renovam-se a diferentes leituras na incessante procura de uma vida melhor.

Celebrava-se a 14 de março, o Dia Nacional da Poesia no Brasil, em homenagem a Antônio Frederico de Castro Alves, nascido nessa data em 1847 e que se consagrou como o poeta dos escravos por ter lutado e defendido arduamente a abolição da escravatura no Brasil. A partir de 2015, foi sancionada a lei 13.131, que mudou a data para o aniversário de Carlos Drummond de Andrade, ou seja, para 31 de outubro. Por outro lado, o Dia Mundial é em 21 de março, criado pela UNESCO, em 1999 com o objetivo de estimular a produção e celebrar a poesia como forma de arte em todo o mundo.

Que Deus abençoe os poetas e os ajudem a permanecer difundindo seus trabalhos, fazendo da poesia uma das expressões artísticas mais populares em

que permeada por seu lirismo característico, enriquece sobremaneira a profícua literatura brasileira. Numa reverência a comemoração de ontem, invocamos **Soneto da Separação** de Vinicius de Moraes:

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

E, na realidade, todo dia é de poesia, já que em qualquer parte do mundo, felizmente, há alguém todo momento, evocando sensações, impressões e emoções, por meio de sons e ritmos harmônicos. Tanto que, pouco antes de sua morte, em 1987, Carlos Drummond de Andrade, disse: *“A poesia, que é um alimento para o espírito e o coração, pode ser vivida todos os dias. Ela tem me acompanhado por toda a vida”*.

Para o consagrado Paul Valéry *“poesia é a tentativa de representar ou de restituir por meio da linguagem articulada aquelas coisas ou aquela coisa que os gestos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros procuram obscuramente exprimir”*. Manuel Bandeira escreveu com brilhantismo que *“afinal, em poesia tudo é relativo: a poesia não existe em si: será uma relação entre o mundo interior do poeta, com a sua sensibilidade, a sua cultura, as suas vivências e o mundo interior daquele que o lê”*.

A vida seria muito triste e a convivência humana extremamente fria, não houvesse os poetas que, com seus trabalhos, comovem, sensibilizam e desper-

tam sentimentos, fomentando o sublime e o belo. Através deles, a emoção é retratada por elementos formais como o ritmo, os versos e as estrofes. Fernando Pessoa indicou que *"poeta é aquele que vivencia as suas experiências e as dos outros na sua alma e as transforma em sentimentos que apenas o seu coração consegue expressar. Normalmente escreve para expressar estes sentimentos"*.

Realmente, a poesia é uma forma de arte que inspira e encanta. Ela transfere esperanças, angústias, alegrias e tristezas, mas sempre é uma obra sublime e superior.

Guilherme de Almeida assim a concebeu:

Poesia não é rosa.

E não é mesmo.

Se poesia fosse rosa, para que o canteiro?...

Poesia é terra.

*Separada desta, será apenas verso, pedaço, coisa amputada
que murcha, apodrece, acaba.*



João Carlos José Martinelli

Advogado, jornalista, escritor e professor da Faculdade de Direito Padre Anchieta de Jundiáí. É ex-presidente das Academias Jundiáenses de Letras e de Letras Jurídicas. É mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autor de inúmeros livros individuais, sendo o último **Direitos Humanos. Resumo de Aulas e Crônicas Jurídicas** lançado em setembro de 2020, pela Ed. In House. Participou de mais de cem obras literárias coletivas. Escreve semanalmente para vários jornais e blogs no Brasil e no Exterior. Recebeu diversos prêmios, entre os quais em nível nacional, o Quality em Direitos Humanos.

Contato: martinelliadv@hotmail.com

FLOR DE LITCHE

A temperatura do ar está amena, a umidade relativa do ar está abafada e a chuva tão esperada não aparece para nos refrescar. É o “*primo vere*” (latim), que significa o primeiro verão. “Mui Bela” a primavera que neste primeiro encontro vespertino, colorido pelas flores brilham como estrelas. Rego meu jardim com sede e aprecio as primeiras gotas de água cristalina escorregando pelos diferentes tamanhos e formas de pétalas, modificando seus tons com o brilho do Sol.

Em cada flor, olhares úmidos me levam a lembranças em cada sementinha presenteada e plantada. Enquanto crescem mais distantes ficam as saudades e mais perto permanece o amor de quem nos ofereceu a meiga plantinha.

Uma pequena quantidade de gotas de água se destaca sob a forma de um único e gorducho glóbulo em uma tímida e delicada flor! É a “flor de lis”.

Escondida e protegida por entre floreiras de Manacás, Primaveras e Damas da Noite, está ele: um lírio meigo e sorridente, com pétalas em *dégradée* rosa, sensíveis rugosidades e exalando um perfume tocante que penetra em minha alma e me leva ao encontro da mais doce criatura que convivi em minha infância: Tia Alice.

Florice, Flor de Liz, Alice, qual seria seu verdadeiro nome? Não importava... O que nos tocava era a sua leveza de ser. Com sorriso carinhoso, como ao lírio rosé do jardim, nos abraçava e beijava com amor e saudades.

Doce mulher! Protegida pelo próprio nome, cabelos castanhos ondulados de comprimento médio e de um brilho cintilante, olhos castanhos pequeninos que refletiam alegrias misturadas com silêncio e sorrisos.

Seu nome, depois de muitos anos, foi um mistério desvendado! Era desejo de meu nono Tercílio, nascido na região de Treviso e nona Linda em Nápoles, pais de Tia Alice; homenagear sua menininha com o nome da mais pura e abençoada flor de lótus, registrá-la como “flor de lis”. Mas pela ingênuo e estranha atitude do escriba, sugeriu e grafitou “FLORICE”.

Durante todos os seus 65 anos vividos, seu nome foi modificando pela intimidade e amor fraternal por Alice, realçando a cada dia pela beleza espiritual e física de nossa amada tia, igualando-a a pureza e a delicadeza da Flor de Lótus.

As saudades me transportam aos anos de 1975. Em visitas para um café da tarde aos domingos, com toda a família: pais, avós, irmãos, primos e tios, íamos felizes e ansiosos para brincar na casa da Tia Florice e do Tio Waldir que situava na Vila Santana, um bairro calmo devido às poucas casas, localizada na Rua Padre Manoel da Nóbrega. Não me recordo o número.

Havia um portão de ferro baixo, que era fechado por um pequeno trinco e, ao abri-lo, o aço raspava fazendo um pequeno ruído, avisando nossa chegada.

A casa construída ao lado direito do terreno em tom azul celeste, com telhados de cerâmica marrom e venezianas de madeira peroba gastas pelo tempo, era tranquila, simples e aconchegante. Ao lado esquerdo da casa, plantas de diferentes tamanhos cores e espécies acompanhavam o muro e os parentes visitantes até a pequena entrada da cozinha.

Tia Alice, sempre nos recebia com abraços apertados e beijos calorosos de felicidade!

Meus sentidos foram aguçados pelo doce aroma que perfumava aquela cozinha. O paladar encharcado, salivava à espera degustativa em saborear fofinhos biscoitinhos de maisena e leite condensado, saídos do forno e dispostos elegantemente em um pirex de porcelana florida.

O sabor do primeiro biscoito permanece em minha boca, sinto a mescla entre o perfume da mordida de um delicado pedaço derretendo, misturando e se dissolvendo delicadamente na língua com o líquido e o aroma do café Seletto coado na hora, formando um pequena pasta de sabores que grudava no céu da boca e ia diluindo, deslizando por entre as bochechas até escorregar pela laringe.

O encanto da Tia Flor de Liz penetrava em nossos corações. Sua formosura estava presente em no preparo de pequenos biscoitos e de outras guloseimas.

Entre conversas com minha mãe e meu pai sobre a saúde do nono e da nona, o futuro dos filhos e a própria vida. Eu e minha irmã gêmea nos dispersávamos e íamos brincar na horta da Tia Alice. Um quintal longo e com muitas árvores frutíferas: goiabeira, limão, jabuticabeira e bananeira. Meu irmão Tó, em companhia do primo Dirzinho (filho mais novo da Tia), iam passear e se aventurar com suas bicicletas poderosas; minha irmã Maria ficava entre conversas, risadas e segredinhos adolescentes com as primas Cida e Valquíria (as filhas do "meio"); e Wladi (o filho mais velho), descontraído, distrai-se em passeios com sua moto, conquistada pelo trabalho na saudosa empresa "Vulcabras".

A vida não era fácil para Tia. Às vezes doía, mas a sua ternura a embelezava com o amor dedicado aos filhos.

Tia Alice era flor! Aquela flor que todo pintor impressionista desliza seu mais fino pincel e contorna em detalhes nuances de cores expressivas e vibrantes como as telas de Claude Monet.

Tia "Litche" assemelha-se à Flor de Lótus do Egito, de três pétalas, a força de uma guerreira com sua espada de três pontas: a fé, a sabedoria e a lealdade.

A semente da Tia Flor de Lis está diariamente brotando em nossas vidas. Várias cores, diferentes pétalas que perfumam com frescor nossa alma e nosso espírito eternamente.

Amor infinito por minha Madrinha Tia Alice!

Biscoito de Maisena (Tia Florice)

Ingredientes:

750g de maisena

1 lata de leite condensado

2 ovos

1 colher (sopa) de banha

1 colher (sopa) de manteiga

1/2 colher (sopa) de fermento em pó

Modo de fazer: misture todos os ingredientes com as mãos, faça bolinhas e leve ao forno médio em forma untada e polvilhada com farinha de trigo.



Ana Eulinda Marquesim Nóbrega

Professora do ensino público estadual. Graduada em Letras, Pedagogia, Espanhol e Pós-graduada em Criatividade e Produção de Textos, Estudos de Língua Portuguesa pela Unicamp e Alfabetização. Com vários cursos realizados pela Diretoria de Ensino de Jundiaí e pela Organização Educacional Escrevendo o Futuro. Participou de várias antologias da Editora In House.

PER ASPERA AD ASTRA

Estávamos longe a mais de cinco anos vagando pelo espaço, era uma missão longa, uma de muitas que eu já tinha participado. Eram em sua maioria monótonas.

O espaço, como o próprio nome diz, é um local mais vazio do que cheio, os planetas e as estrelas, ficam bem longe umas das outras, e apesar de conseguirmos transpor as dobras espaciais, não o fazemos com frequência, pois exige muita energia, e temos que ser cautelosos, sempre há o risco de ficarmos à deriva.

Eu diria que uma vez por mês temos um pouco mais de ação, chegamos perto de algum planeta, investigamos, mapeamos, raras vezes conseguimos descer no mesmo para coletar amostras. Pode parecer parado, mas quando isso acontece, temos uma sensação boa na nave.

Claro que no período de cruzeiro fazemos várias coisas para passar o tempo na nave, temos um grande bar com vista para o espaço e sempre fazemos festa, seja de aniversário, para comemorar alguma data, ou simplesmente para quebrar o tédio.

Uma vez por ano somos reabastecidos, e daí sim fazemos uma boa festa, pois a maior parte da comida é sintética, não é ruim, mas falta algo no sabor, talvez uma lembrança de casa, ou às vezes é mais imaginação nossa do que realmente sabor, o fato é que comer uma comida não sintética, mesmo que ruim e não tão nutritiva, nos traz boas recordações de casa.

Eu estava sentado na ponte de comando da nave, era meu turno, e não esperávamos encontrar um planeta tão cedo, mas estávamos perto de uma extensão com diversos asteroides e podíamos encontrar algo interessante por lá, por isso nossos sensores estavam bem ativos e estávamos acompanhando de perto os dados.

De repente, captei dados de algo que não era uma rocha, fiquei muito feliz e chamei a equipe de apoio para vir acompanhar.

Em meia hora a ponte esta cheia de pessoas, como não tínhamos muitas novidades, várias pessoas vinham para ponte apenas por curiosidade.

Nos aproximamos do objeto ao ponto de conseguir visualizá-lo, e vimos um círculo côncavo branco, em uma base dourada e algumas varetas metálicas que acreditamos serem antenas ou sensores ligados a mesma.

Finalmente tínhamos uma prova do que poderia ser vida inteligente, tínhamos encontrado vida em diversos planetas, a grande maioria microscópica, mas três planetas tinham vida animal variada, nenhum ser com inteligência avançada, mas tínhamos alguns seres com muito potencial evolutivo. Várias

missões estavam dedicadas para estes planetas. Eu mesmo fiquei três anos em uma base em AlphaCeti 1, foi uma época bem animada, mas o chamado para o desconhecido me fez voltar para as explorações de espaço profundo.

Agora meu anseio estava sendo realizado, meu nome seria lembrado como o homem que fez o primeiro contato com uma raça alienígena inteligente.

Tentamos nos comunicar com o objeto, mas ele não nos enviava resposta, contudo nossos sensores tinham certeza de que o mesmo possuía atividade ainda que baixa, mas nenhuma forma de vida conhecida foi detectada pelos nossos sensores. Aparentemente era uma sonda, e parecia estar transmitindo algo, identificamos três geradores termoelétricos de radioisótopos, alimentados por plutônio-238

Resolvemos trazer o objeto a bordo, com muito cuidado nos aproximamos e nossa equipe de apoio externa saiu para resgatar o objeto, a falta de gravidade ajudava a movimentar o mesmo, esta sonda era feita de materiais mais pesados que os nossos, a raça que o desenvolveu provavelmente estaria em um estágio de evolução inicial, devido aos materiais e também pela fonte de energia utilizada nele.

A sonda ficou em isolamento por um mês no nosso depósito de carga, neste período ela foi monitorada constantemente, nossa conclusão é que ela não apresentava riscos para nossa tripulação. Mesmo assim, utilizamos roupas especiais de contato para se aproximar da mesma e iniciar nossos estudos.

O achado em si, era algo extraordinário, mas a cereja do bolo para nós foi encontrar um círculo dourado com diversos sinais e arquivos dentro.

Existiam diversos sons, com várias vozes diferentes e também músicas, algumas instrumentais e outras cantadas, nossa equipe de tradução trabalha intensamente para tentar decodificar algo.

O disco era feito de cobre e revestido de ouro, e estava revestida com isótopo de urânio-238, esta raça adorava radiação, e isso nos preocupava um pouco. Sempre foi difícil controlar a radiação, mesmo nós não tivemos muito sucesso com isso e abandonamos seu uso há séculos por fontes de energia mais naturais e de mais fácil controle.

Com o disco encontramos também diversas imagens, algumas delas tinham conceitos matemáticos o que prova, mais uma vez, que o artefato foi feito por uma raça inteligente.

Existiam fotos de planetas e o que nos pareceu coordenadas para o planeta natal deles, com isso concluímos que esta era uma sonda com o objetivo de encontrar vida inteligente e que a tal raça era pacífica.

Após examinarmos todos estes dados e enviarmos para o nosso comando central, estávamos aguardando as ordens para irmos na direção das coordena-

das indicadas e realizar finalmente o primeiro contato com uma raça alienígena inteligente.

Meu nome é Sagani, sou primeiro oficial em comando da nave de exploração de espaço futuro Teka, e o primeiro de nosso povo a encontrar um artefato feito por uma raça alienígena inteligente e estamos em rumo de fazer mais um pouco de história.



Fábio Spina

Jundiaieense, casado com Stela e pai de Raul, já publicou mais de vinte trabalhos literários em diversas coletâneas de contos e poesias. Formado em direito no Anchieta e contabilidade na Anhanguera, com pós-graduação em finanças na Unicamp e direito tributário na PUC Campinas, atualmente trabalha como gerente financeiro de operações para as américas na FMC Química do Brasil. Aos finais de semana atua como escotista voluntário (I.M.) no 82º Grupo Escoteiro Jundiá trabalhando com jovens de quinze a vinte um anos. É também o agremiado de número oito no Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro. Amante de livros, *trekker*, colecionador de espadas e máscaras, Fábio adora uma boa história.

TUA FRONTEIRA

Tua fronteira
frente ou verso,
rente ou esparsa,
é reflexo ou inverso
a mente inconsciente
o sonho ardente
abafado, desejo inaparente
ou a aparência latente
na tela sorridente
é a visita inesperada
a vista embaçada
a palavra engolida
ou a lágrima escrita
(nem enxuta sequer lida)
é a linguagem nos dedos
são os olhos que desviam
é a via interdita
a tarde ou a alvorada
é o continente, o país, a gente
é a grade, o surto, o diferente
o medo branco
a branda paralisia
é toda e cada apatia
vozes caladas na dúvida
são ruas e avenidas
a inércia de cada dia
os cacos por cima do muro
são muros, canyons, placas
riachos, penhascos, vacas
ilusão com prego nas mãos
é fim e começo, limite
tracejado a giz no chão
o 'x', a dinamite.
um mapa de certezas inventadas.

Ultrapassar o passado é desfazê-la
é seguir o destino, correr o risco
o riso que perdeu embrulho
um urro longe, não virtual
é o bem-vindo, o banal, o trivial,
o rompante da nova estação
estalo, abraço, confissão.

Tua fronteira não tem nação,
não requer senso ou noção,
não impede proteção...
Mas carrega um fardo à espreita
que se faz real, que se mostra à beira
no instante pleno da separação,
no limiar da vida inteira.

É somente a morte tua fronteira.



Tatiana Rosa

Jornalista há mais de 21 anos, pedagoga e graduanda em Psicologia. Em todas essas áreas, a palavra é o coração – e o que move suas aspirações e inspirações.

ACEITA UM CONHAQUE?

Tinha terminado aquele ano de 1988, fazendo uma curta viagem até os Alpes Franceses, onde a mil e oitocentos metros de altitude, na cidade de Val-lorcine, experimentou temperaturas que beiravam aos 10° C negativos, ele que vivia no Rio de Janeiro, no clima tropical do hemisfério sul. É voz corrente que o ser humano tem a capacidade de adaptar-se às mais diferentes situações por que passa. Mas, meus amigos e amigas, lá em cima do morro (como zombava o saudoso João Saldanha) a coisa fica feia, pois juntando as latitudes setentrionais, com a altitude do Mont Blanc e somando-se com a estação mais fria do ano, só pode dar temperatura de fazer esquimó comprar aquecedor elétrico.

O nosso herói teve, nesta ocasião, o seu batismo de fogo (no caso, de gelo) no contato com as temperaturas baixíssimas, bastante comuns naqueles lugares e suportadas, desde sempre pelos nativos dos locais. Para um estrangeiro, e estrangeiro oriundo dos trópicos a pancada é violenta. Artêmio, o nome do nosso gelado personagem, tirou do fundo de suas reservas de coragem, forças para resistir àqueles infundáveis cinco dias nos lindos, mas gélidos maciços dos Alpes.

Durante o dia, com a empolgação de conhecer lugares com paisagens de tirar o fôlego, até que conseguia driblar a sensação de frio. Mas, quando caía a noite, o recurso era aceitar o convite que intitula o presente relato. E não apenas um, porém, vários e vários. Artêmio percebeu, por não ser um beberão juramentado (apud Odorico Paraguaçu), que o nosso organismo, nessas temperaturas, absorve naturalmente a ingestão de bebida alcoólica, sem o popular porre, como conhecemos abaixo da linha do Equador.

Mas o pior, em termos de frio, ainda estava por acontecer, se isso fosse possível. Artêmio volta de Vallorcine, e, via Paris, segue já no primeiro dia de janeiro de 1989, para visitar sua prima que junto com o marido residia em Amsterdam, na Holanda. A situação começou a engrossar, no voo do aeroporto Charles DeGaulle (Paris) para o de Schiphol, na capital batava. Trecho relativamente curto, quando após alguns minutos da decolagem de Paris, o piloto da Air France informa que, devido ao intenso nevoeiro com gelo iria voar mais para o norte até melhorarem as condições climáticas em Amsterdam. – “Mais para o norte?” - pensou Artêmio, que fora bom aluno de geografia – “é seguir sobre o Canal da Mancha, indo para o Reino Unido, Finlândia, etc. e mais frio.” – “Virgem Maria!”, rezou o nosso personagem. Deram certo as suas orações e em pouco tempo, o voo retoma a sua rota original e dentro de alguns minutos a aeronave pousa em solo flamengo (calma, nada a ver com o rubro-negro carioca) no aeroporto de Amsterdam, onde a sua parente e o marido o esperavam.

A prima Marli, brasileira, estava casada com um holandês (Thomas), que conhecera em Santa Catarina, ocasião que se apaixonaram e se casaram; como Thomas tinha um contrato de trabalho com o governo da capital holandesa foram obrigados a deixar o Brasil e morar em Amsterdam. Artêmio ia hospedar-se no apartamento da prima no centro da cidade, e, no caminho do aeroporto até a residência dela Artêmio teve noção das também baixíssimas temperaturas na Holanda. Os canais menores da cidade, totalmente congelados, e num deles, qual escultura de Dali, uma cadeira ficou presa no gelo por uma das pernas dando a impressão de que estava equilibrando-se apenas nela.

Como o nosso herói ia ficar somente dois dias com a prima e o marido, no dia seguinte foram passear, e visitar a cidade, inclusive conhecer a casa onde se deu o drama, famoso em todo o mundo, do Diário de Anne Frank. E tome frio e generosas doses de conhaque e bebidas mais fortes. À noite levaram Artêmio para conhecer um dos pontos turísticos noturnos mais conhecidos de Amsterdam: a rua das mundanas (saí-me bem, não?), onde as protagonistas completamente desnudas ficam atrás de janelas protegidas por vidros transparentes para exposição e futuras incursões dos interessados!

De Amsterdam, o nosso personagem retorna a Paris, que parecia estar quente com os 4°C/5°C, da capital francesa, em comparação com os 10°C /15°C negativos que deixara na Holanda. E, em seguida, o embarque pela VASP (na ocasião ainda existia), para o nosso quentinho verão.



José Garcia Netto

Nasceu em Nova Iguaçu, RJ, no dia 04/02/1937. Reside atualmente na Praia Grande (SP). Casado com Rosana e pai de duas filhas (Patrícia e Andréa) do primeiro casamento. Tem três netos (Rafael, Etienne e Simon) e uma neta (Juliana). Servidor aposentado do Banco Central do Brasil, onde trabalhou por mais de 20 anos. Começou a escrever formalmente a partir de 2016. Publica semanalmente no Facebook. Escreve mensalmente para o grupo Aposentados Ativos do BACEN. Em 2018, concorreu e foi premiado em 1º lugar, no Concurso promovido pela AEPTI/Jornal Itatiba Diário, com o trabalho *Maria e Betinho*. No ano seguinte, participou, no mesmo Concurso e levou o prêmio do terceiro lugar, com a crônica *Uma lesma injuriada*. Autor do livro **As folhas tantas**, lançado em 2020.

LEGADO DO TEMPO SALA DOS RELÓGIOS

*Dedicado a Vasti Atique,
uma de nossas Maestras inspiradoras*



Na sala de assoalho brilhante
Duas cadeiras e uma velha mesa de pés torneados
Feitas por mãos que hoje torneiam as nuvens
Ouço o som do piano

Da parede me olham dezenas de relógios
Cada qual com seus ponteiros
Apontando para lugar algum

Melodias e gargalhadas

A confusão dos ponteiros me diz escancaradamente
Que o Tempo é curto

Vozes salpicadas de acordes inundam o ar

Na sala dos Relógios o tempo não existe
Os sons e os sonhos se misturam
E tentam agarrar aquele vazio antigo
Mais antigo que o Tempo
Mais antigo que o Mundo
Onde ponteiro algum pode alcançar.



Maria Teresa Sponchiado

Jundiaense. Formada em Artes Plásticas. Bancária aposentada. Atualmente, dedica-se à escrita. Com participações em diversas antologias.

MEU PECADO...

O meu pecado
É não te amar
Como tu me amas
O meu pecado
É não te chamar
De minha vida
Como tu me chamas
O meu pecado
É não me importar contigo
Nunca
Como tu te importas comigo
O teu pecado é me amar tanto
O teu pecado é derramar teu pranto
Por alguém
Que não é
Nem tão bom
Nem tão santo
O risco que corro?
Já tarde
Te perceber
Me apaixonar
Então
Te perder
Meu olhar só ao longe te ter
Eis o risco
Eis o perigo
Será este meu destino?
Será este meu castigo?

CARTAS...

Onde estão as cartas?

Escritas...

Manuscritas!

Originais

Únicas

Diretas, de mão à mão

Destinatários?

Remetentes?

Onde está a pena, a tinta?

Mata-borrão?

O que é isso?

O lápis, a caneta?

Papéis

Envelopes

Selos

Ah, os carimbos...

Juras de amor trocadas

Frases esperadas

A saudade e a notícia amareladas

Guardadas com amor, paixão

No bolso

Na bolsa

No baú

Perdeu-se o contato

Das letras desenhadas

Com olhos que as percorriam

Dos singelos garranchos

Com sorrisos que os traduziam



Da notícia enviada
E da alma aliviada
Da alegria de quem descreveu
Com a emoção de quem compreendeu
Mas
Dos tempos, o sinal
Papel imaginário
Envelope virtual
Selo irreal
Depressão, pressão, solidão
Evolução...



Jefferson Dieckmann

Escritor, advogado e técnico em telecomunicações. Gaúcho de São Lourenço do Sul, nascido às margens da imensa e bela Lagoa dos Patos. Poeta com várias participações nas antologias da Editora In House. É coautor do livros **Lentes em Versos** em parceria com a fotógrafa Fernanda Eliza Eick e **D'Além-mar**, com Márcio Martelli.

Contato: jdieckmann@gmail.com

(IM)PREVISÃO DO TEMPO



Eu preciso de tempo e o tempo não se importa com minha vontade pra resolver se faz frio ou chuva ou calor ou ventania, apesar dos ventos terem vontades próprias e das águas encharcarem o mundo quando transbordam dentro de si mesmas em gozo e tempestade, em simples resfriado, brisa amena, uma sonolência sem sentido ou razão própria de ser no próprio tempo que, em tempo, nada sabe o que dizer.

Pianos e pêssegos em calda, menina e bola, música e magia, relógio parado, atrasado, volta, passado, futuro adiado. Antes o resgate, em notas cheias, colcheias, breves ou semibreves. Apenas o som, sem se importar com-o-passo, que nessa partitura não me cabem teorias precisas e sim apenas e tão somente a viagem em notas musicais.

A menina larga a bola e volta no tempo, e tanto e tão alto, o som dessa música, que lá se vai, perdida antes mesmo do vento, antes da magia, no ventre; o músico se perde no depois, achando que antes foi sempre, e continuar sendo, mesmo depois da festa de 15 anos em que não dançará com a moça, fruto da menina que dança nas notas, que flutua na música, que esqueceu a bola na esquina da tempestade, antes mesmo que nuvem houvesse, que frio fizesse, que o silêncio adormecesse por entre flautas doces, bocas em pêssegos, beijos sem amanhã.

As almas nuas são como maçãs flutuantes que já não se importam com a gravidade dos peregrinos ou com a falta das manhãs. Elas descansam dentro

de si próprias, qual maestro e menina, diante do piano compartilhando a bola, consagrando os segredos dos que repousam acima dos calendários, aquém da lógica temporal: distante da Terra dos homens, repousam, em mundos imprecisos, habitando naves espaciais, especiais em plenitude, e saem do deserto de sua insigne existência com destino para além da vida comum.

Na esfera dos sonhos, no mundo da lucidez, menina segue à frente jogando bola, homem e música formam um, as nuvens se afastam pra que o Sol tenha, enfim, pousada lírica nessa terra árida.

GRÃOS DE AREIA

Há amores que são como rochas: firmes, resistentes, brilhantes durante as maiores tempestades, reluzentes aos raios de sol; se a água bate, eles ficam cada vez mais limpos; são firmes, fincados em solo árido; por vezes até um musgo, uma planta, às vezes uma flor nasce. Destes, nos orgulhamos e nos lembraremos sempre.

Há amores que são como areia: escorregam das mãos, brilham somente em dias de sol a pino, nada cresce ou nasce de suas entranhas; ficam nas formas onde os colocamos e, se o invólucro se parte, eles se derramam ao chão; se a água lhes bate, perdem o brilho opaco de nascença e nada sobra. Destes, sentimos apenas a vontade de pegarmos uma vassoura e uma pá de lixo, para que possamos varrê-los e assegurar-lhes o lugar merecido: um canto obscuro da memória.



Thaty Marcondes

Escritora e poeta. Prêmio ALCG 2008 (crônica, primeiro lugar); Prêmio Anita Philipowski (2009); Vestibular UEPG (2010); *Azul da Prússia* (habilitado para os prêmios Brasil Telecom e Jabuti - 2013); Concurso Nacional de Contos Thaty Marcondes (2013). Cadeira nº 24 da AJL (Academia Jundiaiense de Letras). Jundiaí, SP.

UM INSTANTE EM MIM

Acalmou-me a notícia
silenciou meu eu inquieto
por segundos senti-me pleno
mas logo emergiu
um furacão devastador

Arrumei os pensamentos
tirei o pó dos livros parados
reengui-me novamente
ao encontro do ser
para até, então, refazer e realizar

Sonhos, conquistas
outros modos de ver a vida
visões para poder navegar
num barco ao longo do rio
até chegar

na imensa solidão
que é ser aquilo
que sempre
se desejou

QUINZE ANOS



Eu queria dar a ela um pouco de mim. Escolhi as músicas que ouvi nestes quinze anos. Fiquei bestificado com tanta coisa que ouvi, com tanta gente que entrou pelos meus ouvidos e se fundiu com a minha vida.

Não consigo me disassociar das canções. Cada uma delas diz respeito a algo de mim mesmo que nem sempre quero recordar. Cada som, cada palavra dita recorda uma cena que vivi e que se immortalizou na alma.

Sim, eu sou a música que ecoa ao vento e traz imagens de ultramar. Intenso, muito intenso. Translúcido, transparente, verdejante. Vivo. Principalmente vivo porque eu vivi muito neste tempo, eu fui, eu sou, eu queria tanto ter sido mais, mas não deu, não pude.

Ah...! Eu chorei tanto, eu ri tanto. Eu cresci e virei menino. Tornei-me homem. Amei, fui e sou amado. Tenho tanto a contar pela música...

Nada foi como imaginei, e sequer imaginaria que pudesse ter sido tão bom, tão triste, tão doído... tão eu.

Sinta-me pelas vozes dos cantores, sinta-me pela poesia que abranda a noite. Apenas sinta-me e entenderá tudo o que eu vivi.

DOR DE UMA SAUDADE

Lá fora, nas ruas, o silêncio da estranheza
Caos, medo, frio, pandemia e incerteza
Aqui dentro de mim mora um anjo protetor
Pousado sobre as ruínas a observar com fervor
Os poucos carros ocupam as vagas antes repletas
Os sem-teto, com fome, não têm a quem pedir
Dói aqui dentro nada poder fazer para conter
O frio, o temor e a farsa que se tornou viver
Se sinto saudade? Sim, sinto saudade de quando
Era somente um mundo sem nada
Um planeta se extirpando aos poucos
Hoje restam marcas dessa profunda solidão
E uma esperança tardia que isola tudo a todos
Um pequeno vislumbre de um novo velho mundo
Uma nova Terra tão desgastada e errática
Dói demais essa saudade
De tocar seu corpo, beijar seu rosto
De entender que nada foi em vão
Foi apenas uma construção insensata
Uma dicotomia entre o ser e o não ser
E somos! Um único ser, uma única nação
Em busca do ser feliz para viver em plena união.



Márcio Martelli

Escritor nascido em Jundiaí em 1968. Membro efetivo da AJL - Academia Jundiaíense de Letras. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Editor de livros com mais de 900 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou mais de 45 livros autorais. Foi o curador da I FLIVI – Festa Literária de Vinhedo.

Contato: marciomartelli05@gmail.com

FERNANDO

Nasceu franzino, o menino. Irônica e inesperadamente, sobreviveu.

Maria Madalena, parturiente pela primeira vez, o olhou com carinho e apreensão, quando o pegou nos braços, ainda sujo do parto difícil. Não chorava nem sorria, já taciturno. E costumava não abrir os olhos. Senão para não ver o mundo, para dele se esconder.

Demorou quase cinco anos para nascer seu irmão, a quem Fernando olhava como se fosse um brinquedo que pudesse se quebrar. Talvez pressentisse que sua vida não seria plena de alegrias pois, em poucos meses viu a morte lhe arrebatar o pai, primeiro, e depois o irmãozinho. Não tinha tempo sequer de ter se acostumado à presença dos dois...

Maria Madalena, determinada a sofrer, relutou às investidas de um segundo pretendente, mas acabou cedendo e se casou por procuração, com um comandante representado por um irmão, general. Podia se dar por satisfeita porque o novo marido assumia seu filho e tinha previsão de um futuro garantido como jovem viúva que era e como mãe do silencioso Fernando. Ele tinha então pouco mais de sete anos. De natureza fechada, o menino crescia sempre isolado e se precisava se apresentar, o fazia de forma a ressaltar seus defeitos para que as pessoas o ridicularizassem através de si mesmo e não às escondidas. Olhava para o vazio, prestava atenção ao ar e tomava notas do que parecia ouvir.

Não tinha completado nove anos quando nasceu sua primeira meia-irmã. Dois anos depois, sua segunda. Mais um ano, outro meio-irmão. Outro ano e meio, outro meio-irmão. Aos 14 anos e meio de idade vê nascer seu quarto meio-irmão e, um ano e meio depois, sua última meia-irmã. Assim a casa se repovoava. Mas a morte rondava, insistente.

Em pouco tempo morrem sua segunda meia-irmã e, por fim, sua irmã caçula. Observava a mãe, resignada e sabia sentir sua dor. Mas em silêncio, sempre. Acabou vendo por fim o próprio padrasto morrer e assistiu à mãe com desdobrado amor. Despovoava-se seu derredor. Mas, Fernando não se sentia só. E escreve abundantemente. "Finge tão completamente que finge sentir que é dor, a dor que de veras sente..." E nessa vida mascarada se cercava de amigos poetas, como ele.

O primeiro havia inaugurado o contato e pouco tempo depois sumira. Um, todo antigo, escrevia rimado; um outro era mais existencialista. Apesar de tudo, sobrava espaço para ele mesmo. E todos foram devidamente apresentados. Literariamente reconhecidos.

Presume-se que Álvaro tenha nascido um ano depois de Fernando, tendo sido levado a público depois de maduro. Aos seus 26 anos, Fernando apresenta

Alberto. Meses após, apresenta Ricardo. Todos distintos autores, todos com seu estilo próprio, todos aprovados pelo mestre Fernando.

Cresceram juntos, todos. E morreram todos, cada um a seu tempo.

Jorge de Sena, saudoso professor de Literatura Portuguesa, declamava Pessoa, como ninguém. Jamais vi alguém declamar Pessoa, com tanto vigor. O acento português que trouxe e guardava com carinho no bolso sempre rasgado do paletó surrado presenteava a nós, alunos adolescentes de Literatura Portuguesa, um Pessoa, que passaria a habitar dentro de cada um, irremediavelmente. Falava de um Fernando amigo, de alguém que sabia sentir e expressar seu sentimento mais profundo. Fazia que nossos corações fossem tocados pela dor.

Dizem que nascemos sós, crescemos sós, morremos sós. Dizem que ao nascer, estamos concretamente ligados às nossas mães pelo cordão umbilical. De las apartados, rompidos esse vínculo, que magia é essa que passa a nos guiar e a nos acompanhar para sempre, fazendo-nos refletir não apenas sobre a Vida mas também sobre a Morte? Seria essa solidão existencial a responsável pelo nosso eu pensante?

Sim, nascemos só, às nossas expensas. E choramos quando nos desligam do útero que nos abrigou por quase um ano. Sim, vivemos sós. Nenhuma experiência nos é transmitida e nem podemos transmitir a ninguém as experiências que temos. Entretanto, nossos diferentes olhares, se expressos com arte, oferece pistas.

Na verdade, somente a alguns é dado o talento de saber expressar devidamente seu sentimento de mundo, como dizia nosso Drummond. Somente a alguns raros cabe a felicidade e a responsabilidade de ter amigos verdadeiros, de nunca estar só, de não saber jamais o que é estar camonianamente só, mesmo estando “por entre a gente”. De ser vários em um. De ser um Pessoa múltiplo. Para estes eleitos, professor Sena, nunca “é tarde, muito tarde, na noite...”

Meu preito de respeito e admiração a todos os artistas que sabem que não estão sós.



Rosalie Gallo y Sanches

Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino de Português pela (PUC/SP) e Doutora em Teoria Literária (UNESP/SP). Com diversas premiações nacionais e internacionais. Membro da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Publicações: **A memória invisível / La memoria invisible** (2001), **Eu vi onde termina o mar** (2003), **Luísas** (2010), **O paciente de Jorlene** (2018), **A coroa da menina** (2020), **Ramos e outras estranhezas** (2020).

Contato: rgallo1945@gmail.com

CRIANÇA? NÃO TEM FRONTEIRAS!

Era década de 60. Naquela época, eu deveria ter uns 9 a 10 anos.

Se estivesse em casa, para não aborrecer o papai ou até mesmo como uma forma de poupar “mainha”, ela dava ordem à babá para me dar o almoço antes de todos.

Algumas vezes, se não tivesse compromissos com os estudos, eu era colocada para “brincar” lá no quartinho dos fundos, dessa forma, segundo meu genitor, o ambiente familiar ficava mais tranquilo.

Lembro de que minha brincadeira preferida era de escola.

Colocava as bonecas em uma parede e à frente, uma lousa pequena e verde.

– Vamos lá! Garotas... Bê-á-bá, Bê-é-bé, Bê-i-bi – e assim sucessivamente.

Intimamente, sempre discordei quando escutava alguém dizer que, “criança não sabe o que quer”, “criança não tem querer”!

Criança sabe o que quer, SIM!

Eu sabia!

Sabia tanto, que mesmo em direção contrária à do meu pai, pois ele queria que eu fosse médica igual ao meu tio; optei pela Educação e Promoção Social.

Aos 18 anos, descobri o quanto era prazeroso ensinar e multiplicar o que sabemos, dava aulas de Inglês em Fortaleza (Ceará), para 25 médicos.

Um dia, já em São Paulo, criei coragem e enfrentei uma sala de aula com 30 jovens, na faixa etária de 13 a 50 anos.

Apaixonei-me!

Estava em um Projeto de Ensino Profissionalizante gratuito. Quando menos esperava, estava em dois! Trabalho árduo, mas extremamente gratificante!

Aos poucos, percebi que além de Educadora, era também, “Assistente Social”, “Gestora”, “Psicóloga” e até mesmo “Mãe” de alguns.

Ser Educadora Social implica em saber diferenciar as leituras entre filhos e pais, “trabalhar” visões para que se encontrem, aprender a escutar e não simplesmente ouvir.

É como diz a frase: “*É preciso endurecer, mas sem perder a ternura jamais*”.

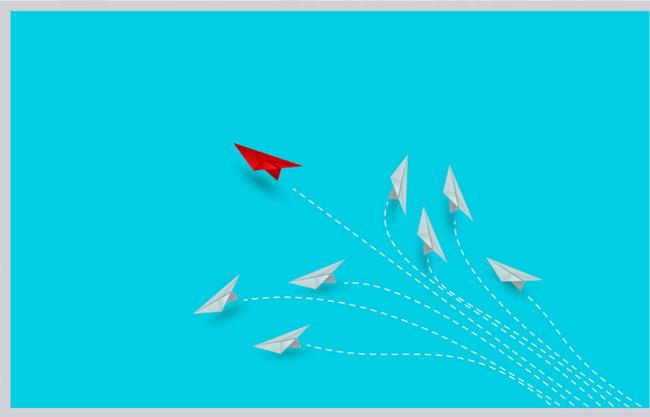
Porque não nos enganemos! Por incrível que pareça, o jovem não gosta de ordens, mas se sente importante quando percebe que é educado positivamente, principalmente quando sua base é pautada em exemplos.

Importante: vem do Latim importans, de importare, “ser significante em”, originalmente “trazer para”, formado por in-, “em”, mais portare, “levar, carregar”.

SÍNDROME DE PROCUSTO

Muitas pessoas carentes ou inseguras de suas habilidades, tentam prejudicar aqueles que veem como seus concorrentes, que se destacam ou podem ofuscá-las. Esse fenômeno é conhecido como Síndrome de Procusto. Muitos colegas de trabalho ou líderes boicotam, humilham e limitam os que se destacam em relação a eles porque se tornam uma possível ameaça.

Podemos encontrar rastros da Síndrome de Procusto em todos os setores, da educação ao esporte, da empresa à política. Estão presentes em qualquer organização, privada ou pública. São muitos os que anseiam o poder, seja com tentativas de alcançá-lo por méritos próprios seja com a degradação aos que podem competir com eles. Todos conhecemos alguém de nosso entorno que se comporta dessa maneira mesquinha e vil, conscientemente ou não.



Como detectá-los a tempo?

Demonstram insegurança e um sentimento de inferioridade.

Indivíduos desse tipo se veem ameaçados por qualquer um que acreditem ser capaz de superá-los. Quem apresentar ideias melhores que as suas poderão desmascará-los diante de um superior. O medo de perder hierarquia, poder ou posição, subjaz nesses casos.

Vivem na defensiva.

Talvez se sintam pouco criativos, não tão inteligentes, menos talentosos que outros. Quando se veem diante de uma ameaça, uma das soluções às quais recorrem é tentar passar à frente de seu rival. Mas carecem de recursos para se superar, de modo que, em vez de esforçar-se e potencializar suas capacidades, tentam limitar as dos outros. Pensam que assim terminarão todos iguais.

Monopolizam tarefas.

O nível de competitividade com que se trabalha em certos ambientes leva alguns a querer ganhar a qualquer preço. Não raro assumem projetos para os quais não têm tempo só para evitar que sejam atribuídos a algum colega capaz de surpreender com um trabalho melhor.

Realizam tarefas não racionais.

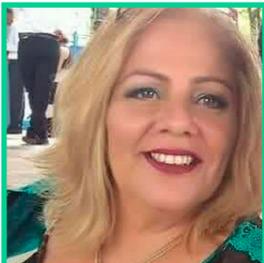
E podem chegar a pensar que o fato de outros serem brilhantes significa necessariamente que eles não o são. Mas a criatividade, a competência e eficácia, estão em toda parte, não se esgotam porque alguém os possui.

Rejeitam as mudanças.

Existem chefes e funcionários que trabalham há anos em uma organização e se acomodaram a determinado ritmo. Para eles, a chegada de alguém com maior motivação e entusiasmo, com vontade de mudar para melhorar significa que terão de se adaptar a uma nova forma de fazer e sair de sua zona de conforto.

Costumam julgar as opiniões dos outros a partir de seu próprio ponto de vista.

Para eles, suas ideias são as únicas válidas e não há lugar para nada que seja diferente. Dessa maneira boicotam o pensamento criativo e as ideias da equipe, com dificuldades sutis.

**Bel Lopes**

Escreve desde dos 18 anos. Graduada em Gestão de Recursos Humanos com Pós em Neuropsicopedagogia. Conselheira Tutelar e Mediadora Comunitária. Há 42 anos, trabalha nas áreas da Educação e Promoção Social. Ministra Palestras, Oficinas e T&D's, sobre Cultura de Paz, Inteligência Emocional e "Soft Skills". Seu trabalho é embasado em escutas e aconselhamentos, acredita em fortalecimento de vínculos como forma preventiva, em relação aos filhos.

Contato: consultbellopesrh@gmail.com

MEDITAÇÃO

Sento-me para meditar
Posição de lótus
As mãos e a mente abertas
Palmas das mãos voltadas para o Universo
Os planetas rodando
Circulam em volta da minha cabeça
Presenteiam-me com brilhos intensos
Conectam-me com o Universo
E alinham-se todos no Cosmos
Minha mente se organiza
É preciso escrever
Um poema
Uma prosa
Uma crônica
Um livro inteiro
Uma frase
Uma palavra
A letra de uma canção
Que virá para as cordas de um violão
Alguém um dia tudo lerá
Quem sabe cantará
É preciso deixar aqui nesse pedaço
Aquilo que penso, pois existo
Sem lógica
Minha herança nesse mundo
Foi feita de palavras
Da vida que foi em livro enfeitada
Para que todos saibam
Que foi necessário escrever
Ou não teria sido nada

COMO UMA PESSOA QUALQUER

Ela era uma mocinha especial, sem defeitos, virtuosa, alegre, daquelas garotas que parecem ter o céu estrelado no olhar e o dia ensolarado no sorriso. Era bem humorada e sua voz se parecia com o som de uma cachoeira que desliza morro abaixo e acalma quem ouve a água cair de mansinho.

Sonhava com uma vida sempre linda, envolta em alegrias, longe de decepções e parecia estar sempre com a alma em festa, como as que se fazem com direito a bolo confeitado e docinhos.

A inteligência dela era assustadora. Sua compreensão para as ciências e para os estudos, em geral, ficavam sempre em evidência. Quem conversasse com ela, conseguia saber tudo do mundo e também fora dele. Na simplicidade, exibia seu notável saber de um tudo.

Vivia sempre rodeada de muitas pessoas, gostava das amizades, procurava estar sempre perto das pessoas, bastando para isso dar apenas um passo adiante.

O mundo dela era como um jardim de flores perfumadas. E, como toda pessoa que vive assim, controlando o mundo com seu sorriso, tocando o céu sem nenhum esforço, desejando o melhor chão a ser pisado, ela era muito invejada.

Era alvo de muitas pessoas sem brilho próprio. Essas pessoas estavam sempre a almejar ser como ela, que sabia do cantar do Universo, preenchia os espaços do mundo com beleza, rodava as cirandas do mundo com alegria, tinha guirlandas de flores envoltas em seus braços, viajava por entre as estrelas...

Essas pessoas perdiam seu tempo querendo ser como ela e cada vez mais, caíam na escuridão das almas perdidas, perdendo-se nas pequenezas da vida, pensando que a vida lhes seria eterna, deixavam escapar as bondades por dentre os dedos...

E assim, ela, a mocinha que carregava nos pés as belezas do mundo, por acreditar na bondade das pessoas, sucumbiu aos malfetores, entregou-se às trevas, e amou quem nunca por ela teve amores.

Hoje, ela povoa o lugar onde habitam muitas pessoas que vivem sem luz e seu brilho virou mera lâmparina que ilumina aquilo que está próximo, enxergando formas distorcidas dos rostos, não sendo mais possível para ela distinguir a feição horripilante da maldade. A mocinha tornou-se uma pessoa qualquer. Ela agora, é uma habitante desse nosso mundo.

AMAR

Um mar...
Procuro por você
Quero meu amor lhe entregar
Diga-me, onde você está?
Um luar...
Dentro do seu sorriso
Quero lhe deixar
Diga-me onde você está?
Noite estrelada...
Em seus olhos
Ela vai sempre brilhar
Diga-me, onde você está?
Palavras de amor
Quero lhe falar
Quero seus ouvidos para escutar
Diga-me, onde você está?



Ivonete Piccinato de Freitas

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: **Dezembro** (2017), **Escritores Brasileiros**, Vol. II, (2018), **Encontro Além-Mar** (2019), **Memórias do Confinamento**, **Navegar é Preciso e Solstício da Alma** (2020) – todas da Ed. In House. Participação no livro **Gotas de Alegria**, de Nilton Gutierrez (2017). Atualmente prepara seu primeiro livro pela Editora In House. São Paulo, Capital.

Contato: ivonetepiccinato@yahoo.com.br

PROCURANDO EMPREGO NO PALACETE SANTA HELENA

Corria o ano de 1951 e a cidade de São Paulo começava a perder seu majestoso aspecto provinciano, para transformar-se na moderna metrópole de concreto armado. A população rapidamente ia ultrapassando os dois milhões de habitantes e as construções conferindo nova paisagem à zona urbana.



Palacete Santa Helena na Praça da Sé.

Acervo da Casa da Imagem. Disponível em: geopostal.com.br.

Nesse cenário, numa ensolarada manhã, desci do ônibus 11, Vila Mariana, na Praça da Sé, procurei uma banca de jornal e comprei o Diário Popular. Estava apreensivo, pois embora tivesse 15 anos, aparentava 12 e era a primeira vez que, sem avisar minha mãe, a austera portuguesa Dona Aurora, andava pelo centro da cidade à cata de um emprego.

Sentei-me num banco da Praça em frente à Catedral, ainda por inaugurar, e folhiei o periódico percorrendo a sessão de empregos, “precisa-se”.

Após cerca de uma hora, olhei à direita observando o imponente, Palacete Santa Helena; ali estava o número indicado no jornal, sala 2, primeiro andar.

Esse edifício de propriedade do ex-governador de São Paulo, Manoel Joaquim Albuquerque Lins e depois vendido a um sindicato, inaugurado a 12 de novembro de 1925, tinha esse nome em homenagem à esposa do político, e o “santa” foi agregado por estar perto da Catedral da Sé. A fachada com influência *art déco*, era ornamentada com figuras de anjos e o interior revestido de mármore e decoração barroca.

De frente à rua albergava o Teatro Santa Helena, depois cinema, e no subsolo, no que havia sido um elegante salão de festas, o Cinemundi frequentado pela camada menos favorecida da população.

O teatro foi inaugurado com a comédia "*Ideal Proibido*" da Companhia de Comédias Jaime Costa. Esse conjunto arquitetônico marcava com elegância a Praça da Sé, conferindo ares europeus à cidade de São Paulo. Inúmeros escritórios de advocacia tinham ali seu endereço, como o de Alfredo Buzaid, que chegou a ser Ministro da Justiça. Outras salas no seu auge se transformaram em estúdios e *ateliers* de artistas famosos como; Alfredo Volpi, Di Cavalcanti, Francisco Rebolo Gonzales, ex-jogador de futebol e pintor.



Palacete Santa Helena - detalhes da fachada.

Acervo da Casa da Imagem. Disponível em: geopostal.com.br.

Vencendo o medo e receio que quase me impediam de tomar uma atitude, levantei atravessando o jardim da praça e adentrei nesse icônico prédio. Outrora tão famoso, mas parecendo decadente, fui até o elevador, uma relíquia de portas pantográficas, apertei o botão "sobe", e lentamente fui conduzido ao primeiro andar, não sem antes passar certa confusão, pois havia uma espécie de sobreloja intercalando o piso térreo e o primeiro andar.

Ao sair do elevador, deparo com um labirinto de corredores, mal iluminados. Fui caminhando claudicante e lembrando em todo momento, de notícias dos tabloides sensacionalistas, sobre crimes acontecidos em alguns prédios do centro da cidade; menor assaltado, jovem estuprada. E naquela altura não tinha conhecimento de que os construtores do prédio Manoel Asson, e seu filho Adolfo Asson haviam falecido durante as obras, o que parecia um mau agouro, segundo comentários da época.

Entretanto, pensava, esquece isso, você já é um moço, vai em frente e assim munido de súbita coragem tateando no escuro, eis que dobrando à direita no

fundo do corredor, dei de cara com a porta da sala 2. Passados setenta anos, não lembro mais o nome da empresa que procurava um jovem de 15 a 17 anos para prestar serviços de *office boy*; talvez fosse uma entregadora de encomendas.

Não havia campanha e bati na porta, uma, duas, três vezes até que uma voz masculina gritou: *"entra porra!"*. Não foi a delicada recepção que esperava, mas como queria trabalhar, e até o presente, não consigo ser agressivo ou retrucar respondendo à altura, entrei no cubículo, também escuro e enfumacado, com um atroz cheiro, ou murrinha de nicotina. Postei-me junto a um balcão, olhando para o meu possível primeiro patrão sentado, ou escarrapachado numa cadeira, segurando um cigarro com seus dedos e bigode amarelados.

Então o "cavalheiro" olhou para mim e quase gritando perguntou: *"O que você quer?"* E eu meio encabulado mostrei o recorte do jornal dizendo que estava me candidatando à vaga de *office boy*. O "fulano" mirando e medindo de cima a baixo, exclamou: *"Pô, mas que idade você tem? Você parece uma criança!"* Eu envergonhado e com a face ruborizada, de pronto respondi: *"Tenho quinze anos"*. E a "fera" insistiu: *"Não é possível, você não passa dos doze!"* Novamente reafirmei ter 15 anos completados no dia 29 de janeiro; estávamos no mês de março de 1951.

Não satisfeito o "indivíduo" me pediu os meus documentos e então lhe mostrei a carteira de identidade: *"De fato você realmente tem quinze anos, pô mas você é do Rio de Janeiro, DF?"* E eu educadamente retruquei: *"Sou, mas estou em São Paulo, desde os cinco meses de idade"*. E ele: *"Ah bem, então está certo, e você tem a Carteira de Trabalho do Menor?"* Fiz ver a ele que aquele seria eventualmente meu primeiro emprego, e poderia providenciar, caso fosse aceito e contratado.

Contudo, o que entornou o caldo viria a seguir quando me foi feita mais uma exigência: *"Mas diz aí, você tem uma lambreta?"* Pensei que a "personagem" estivesse brincando e avisei que não possuía nem uma simples bicicleta.

A entrevista foi então abruptamente encerrada e o "careta" ainda teve o desplante de dizer: *"Pô, você vem aqui me fazer perder tempo, olha, bate a porta quando sair!"*

Muito puto da vida, rapidamente saí daquela pocilga e resolvi descer pela escada; ferrei-me mais uma vez, pois no andar de baixo havia um portão fechado e tive que subir a escada e esperar a carroça, digo o lento elevador.

Finalmente cheguei ao térreo, atravessei a rua parando para apreciar a linda fachada e o majestoso cinema que ali havia, o Cine Santa Helena. Nesse momento, olho com atenção e vejo quem estava à porta recebendo os bilhetes de entrada, ninguém mais nem menos do que o já famoso à época, treinador de futebol Osvaldo Brandão. Pensei, pelo menos não perdi totalmente a viagem.

Esse prédio seria demolido a 23 de outubro de 1971, quando das obras da linha Norte-Sul do Metrô, privando a cidade de São Paulo, de mais um de seus elegantes casarões, como aconteceu em outros sítios e logradouros da zona central.

Bem, mas esta história teve um final feliz, pois voltando ao banco da Praça da Sé, apanhei o meu já surrado *Diário Popular*, mirei novamente na coluna de empregos e marquei “Machina São Paulo, precisa de *office boy*”.

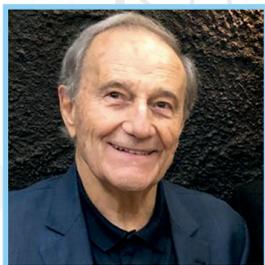
Atravessei a Praça da Sé, caminhei na Rua Benjamin Constant e no penúltimo prédio, à direita, quase esquina da Rua Quintino Bocaiuva, peguei um pequeno elevador, mas com ascensorista chegando ao sétimo andar.

Fui atendido por um senhor baixo e atarracado, fumando um cigarrinho de palha que empestava o ambiente. Todavia, ao que parece, simpatizou comigo, pelo menos a princípio. Ele disse: “Olha o salário aqui é de 500 cruzeiros, mas você poderá ganhar mais 100 cruzeiros se fizer diariamente a limpeza das duas salas do escritório varrendo e espanando, e nos finais de semana, aos sábados uma faxina geral encerando as salas e incluindo a lavagem do banheiro”.

“Você terá que, todas as manhãs, ir diretamente ao Correio Central, abrir a caixa postal e pegar a correspondência; isso antes de iniciar o expediente no escritório. Fará serviço bancário, entregará a correspondência e permanecerá no escritório atendendo ao telefone e as pessoas que eventualmente chegarem para tratar de algum negócio.”

Assim, como os tempos eram outros, no primeiro dia que sai à procura de um emprego voltei para casa contratado, *office boy*, faxineiro e carregando as chaves do escritório e da caixa do correio. De fato, nada a ver com a situação que vivemos hoje em dia no nosso querido Brasil.

Para concluir, ao chegar em casa, após uma viagem de bonde e uma caminhada de um quilômetro, a Dona Aurora passou-me um verdadeiro sermão, ou “sabão”, por não tê-la avisado que ia à cidade, mas ficou contente por saber que seu filho iria agora trabalhar; realmente os tempos mudaram, pudera já lá se vão setenta anos.



Aristides Almeida Rocha

Biólogo e professor emérito aposentado da Faculdade de Saúde Pública da USP. Autor dos livros: **Histórias do Saneamento** (2016) pela Editora Edgard Blucher; **O futebol do Brasil Medalhista Olímpico e Paraolímpico** (2017); **Sempre Fomos Sempre Seremos - Relatos de um pesquisador tricolor**. A história e os títulos do São Paulo F. C. (2018); **O basquete do Brasil em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos** (2018); **O São Paulo Futebol Clube no Atletismo** (2018); **Taças e suas histórias** (2019); **A simbologia animal no futebol** (2020); **Religiosidade nos clubes de futebol** (2020); entre outros.

Contato: arirocha2006@hotmail.com

A RODA

A roda gira e tudo se reinicia
Os traçados ingênuos
Porém certos
Desenham a sabedoria
A genialidade inata
O talento a aprimorar
A compreensão de si
Pela transposição da ideia
Ao outro lado do rio da alma
Da mente e do espírito ancião
Aqui uma diversão pueril
De volta ao que queria compreender
Novos aprendizados com velhos conhecimentos
Velhos aprendizados e novas lembranças
Num piscar de olhos o corpo se cansa
A criança anciã entende agora quem é
Tudo que pode ensinar é que nada se ensina
Compreende que tudo é
Não foi e nem será
É
Memória, lembranças e paz
A roda gira e tudo se reinicia?
Não desta vez

JORNADA

Jamais darei o que não tive
Tive tudo que podiam me oferecer
A herança que recebi demorei a apreciar
A julgar pela juventude
Tudo é imaturidade
A julgar pela velhice
Tudo é maturidade
A julgar pelo agora
Tudo o que sou
Não o que fui
Não o que serei
A minha herança é o agora
O que tenho dou
O que terei
Ou o que tive
Não é meu
Meu maior tesouro
Não é meu
Eu sou dele
O guardião
O barqueiro
Que o levará até o outro lado
Do rio das suas vontades, desejos e interesses
Se ele quiser
Também poderá voltar
Ou ficar
Assim, quando eu não estiver mais aqui
É porque terei dado tudo que tive
E tenho muito, muito, muito...

VOCÊ

O mundo não é como deveria ser
 Se é que deveria ser de algum modo
 Ou se o é, não foi como o esperado
 Talvez porque
 O ser humano não é estático
 Ou talvez, porque o mundo não é estático
 Você é consciente dos seres que te habitam?
 É conhecedor do que eles desejam?
 A Terra é conhecedora dos seus desejos?
 A Lua conhece suas vontades?
 O Sol te compreende?
 Você se compreende?
 Você é como deveria ser?
 Ou como quer ser?
 Ou como você realmente é?
 Ou como foi algum dia?
 Se é que foi
 Ou que será
 Ou que é

58



José Felício

Poeta, historiador, escritor, pesquisador, ilustrador e leciona História e Filosofia nas redes pública e particular do Estado de São Paulo. É autor de **Uma Poética Política** e **Uma Poética Política II: O engodo da alegria e outros protestos**. Coeditor da Revista Literária **JLetras**. Membro efetivo da Academia Jundiáense de Letras. Mestrando em Ensino e História de Ciências da Terra – IG/Unicamp. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP, o grupo cultural Letras em Atos e o grupo de escritores Palavras sem Fronteiras. Contribui com o portal de artigos Locomotiva Cultural. Participa do Movimento Subsistência, responsável por arte de rua e projetos integrando arte e educação. É o idealizador e curador da exposição Mais África na Escola. É o organizador e orientador do Projeto Livro **Agora é a nossa voz: o que temos para dizer** – vol. I e II. Responsável pela exposição **Ao vosso trabalho, a nossa gratidão**. Um dos criadores do Projeto Diálogos Poéticos e Sala da Esquerda. É criador do *blog* memorifique, onde publica seus raciocínios de forma livre. Contato: jfdecezare@hotmail.com

FRESCA MANHÃ DE PRIMAVERA EM NOSSA JUNDIAÍ

Acordei com o cantar da chuva
Que chegou por aqui

Que alegria
No florescer das flores
No canto dos passarinhos!

E peço a Deus
Que permita chover
Em todos os caminhos

Sobre cada fogueira
Em todos os lugares
Nos mais remotos cantinhos!

Eu vos agradeço
Meu Pai de Bondade
Por mais esta bênção.

E por este frescor
Por Vossa Misericórdia
Que de algum modo nos chega
Por Vosso imenso Amor!

MANHÃ

A rosa desabrochou
Com a chegada do sol
E senti seu perfume
Delicioso

Aspirei profundamente
O bem-vindo presente
Que é o ar fresco
De um amanhecer
Glorioso!

Quando o sol se esconder
Sob o manto da noite
Farei uma prece
De eterna gratidão
A Deus
O Todo Poderoso



Flavia Cunha

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Tem quatro filhas e uma neta. Gosta muito de escrever poesias, onde pode extravasar todos os seus sentimentos de amor a Deus, à família, aos amigos e à toda a Humanidade. Faz parte da ABC (Academia Barretense de Cultura), do Grêmio Cultural "Professor Pedro Fávoro", do qual é uma das fundadoras. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiáí (AFLAJ) e da Academia Jundiáense de Letras (AJL). Publicou seis livros de poesias e participa de inúmeras antologias da Editora In House. Seu mais recente livro é **Poemas à Luz do Evangelho**, publicado pela Editora In House em 2015.

Contato: flaviacorreacunha@hotmail.com

GUARDADOS

Guardadas estão as fotos
De todo o tempo passado.
O riso solto e o disfarçado
E, no amarelado do tempo,
Escondidos sentimentos.
Cada gesto, estático,
Traz à memória
Rios jorrando de emoção.
Cada detalhe se reconstrói,
Desenrolam-se lembranças
E é, como se não fosse,
a própria história.
Viram-se páginas,
Mas não se vira a vida
Que permanece n' alma.
Tudo é saudade.
Um súbito barulho
Avisa que o presente, real,
Em incomparável rapidez,
Não amarela fotos
E não mais se viram páginas.
Guardados, ora, os álbuns nas nuvens.
E se pode rever em móveis aparelhos.
Mas, a minha saudade insiste em ficar no coração,
Em álbuns folheados de afeto
Com capas coloridas a cada estação.

DISPERSOS INSTANTES*

Da janela vejo a rua
Os carros se atropelando
Numa rotatória sem fim
Daqui do segundo andar
Entro pelas vidraças
Da casa ao lado
Ouço o canto beneditino
E me embalo em sintonia...
(MM)

No céu aves desenham
Os rumos da liberdade
E se mostram em voos rasantes.
O vento ensaia um assobio
E eu, reinventando a vida,
Me embalo na saudade
Desejando que o amanhã pudesse ser agora
Enquanto os carros continuam a buzinar lá fora.
(SF)

**Coautoria com Márcio Martelli*



Susana Ferretti

Susana Ap. Ferretti Pacheco, jundiaense, advogada, escritora, poetisa, autora de *À Luz da Lua* e coautora, com Márcio Martelli, de *Silêncio, Sons, Emoções, Palavras*, é membro da Academia Jundiaense de Letras, sendo sua atual Presidente; da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá e da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas.

UM NOVO TEMPO

Num mundo desordenado e descrente,
das incertezas e desavenças,
das angústias e prepotências,
do poder e do querer.

Há sempre fé e coragem,
carinho e amizade,
sonho e verdade
no coração: esperança e divindade.

Pessoas e amigos que emanam paz
Empoderamento de sua vida e do outro
nesse momento de justiça
"a separação do jôio e do trigo".

Mudanças que requerem o bem
que vão muito além
que transcendem o universo
que desempoa tudo o que de mal tem.

A amizade fortalece
o amor entre as pessoas enobrece
a compaixão enriquece
o que é verdadeiro ninguém esquece.



Herminia Balbuena

Professora por profissão, missão, amor e compaixão desde os 20 anos. Nasceu na cidade de Jundiáí, São Paulo, ao primeiro dia do mês de agosto de 1969. Participou de concursos, exposições e de antologias; recebendo prêmios, homenagens e menção honrosa. Está presente em várias antologias da Editora In House.

E-mail: herminiabal@gmail.com

UM PEQUENO EPISÓDIO DE UMA VIDA CHEIA!

Lisboa anos 60

O Manel tem de ir à escola. Mais um dia. Mas este é diferente, porque tem medo. Medo das reguadas que certamente irá levar, porque não fez o trabalho de casa que o professor Soares mandou.

Não quer ir, mas a mãe não vai concordar com essa gazeta. Fazer gazeta à escola não está na aceitação dos seus pais, e muito menos da sua mãe que é quem o acompanha mais diariamente, pois o pai trabalha fora de casa todo o dia. Mas decidiu mesmo assim que não iria. Lembrou-se do Rodrigo. – Esse não tem problema nenhum. Nunca faz os trabalhos e ainda goza com o professor. Era um colega que já tinha 14 anos e ainda andava na 3ª Classe. Acumulava anos de chumbos. As cenas eram constantes. O Rodrigo pulava em cima das carteiras da sala de aula. O professor andava de volta dele de secretária em secretária com a régua de madeira na mão e ficava todo vermelho, cheio de nervos. Esse aluno ria-se à gargalhada e gozava tanto, mas tanto, que não havia nada a fazer.

Pensou, pensou e decidiu.

– Comerei a minha farinha AMPARO, vestirei a minha bata branca, colocarei os meus livros e o outro material escolar na minha mala, e antes da minha mãe ir à praça fazer compras, eu saio. Ela ficará a pensar que eu vou à escola, mas vou faltar e durante o tempo da aula da manhã irei passear pelo bairro da Graça.

O Manel assim fez. Lá foi com a sua mala castanha de cartão grosso, debruada a zinco, forrada a azul floral e com a alça de pele.

A mãe ficou à porta do prédio onde moravam a despedir-se do filho. Ambos olharam para a esquerda. Lá vinha a mulher da fava-rica com a panela protegida dentro de um cesto de verga, à cabeça apregoando: – Quem quer figos, quem quer almoça... a... ar! Olha os figuinhos da capa roo... o... ta!

E lá foi o Manel. Passou à porta da casa do senhor arquiteto e antes de descer a rua olhou para a direita. Ali estava a Fábrica de Chocolates FAVORITA. De vez em quando comia um chocolate, revestido de um papel às riscas azuis, brancas e vermelhas. Vinha de lá um cheirinho!

Quando chegou ao fundo, olhou em frente e viu a farmácia onde, de vez em quando, a mãe ia comprar cálcio em pó, vendido ao kilo, para ele tomar, bem como o óleo de fígado de bacalhau. Este era ingerido à colher e o seu sabor era extremamente desagradável.

Em vez de virar para a esquerda que o levaria à escola, virou para a direita.

– Vou dar uma volta e vou-me demorar tanto tempo como o da escola.

Assim regressarei a casa como viesse da aula.

Como mais à frente se verá, o plano saiu furado!

Entrou na rua da Graça e à esquerda ali estava a montra com os bolos da pastelaria Mimosa. Não tinha dinheiro, senão entraria para comer uma deliciosa bola de Berlim. Mais à frente, à direita, era o cinema Royal e logo, logo, chegava ao largo da Graça. Ali situava-se a papelaria Havaneza Bandeira onde se compravam as canetas, os lápis, as borrachas e outro material escolar. Enfim, o que se podia, porque o dinheiro não abundava.

Depois o Manel foi ao jardim, situado junto à igreja do Convento da Graça, e sentou-se um pouco num dos bancos ali existentes. Contemplou o lago redondo, com repuxo no centro. Poucos anos depois começou a frequentar a igreja, aos domingos, acompanhando a sua avó Delfina na assistência às missas.

Aproximava-se a hora do almoço. Era tempo de regressar a casa.

Voltou a percorrer a mesma distância, agora em sentido contrário e com o objetivo traçado inicialmente, regressar a casa como tivesse vindo da escola.

Quando voltou a passar junto da pastelaria Mimosa, olhou para a rua Angelina Vidal que ligava à rua da Graça, e o que viu? A sua mãe a subir com os sacos das compras, vindo do Mercado de Forno de Tijolo. O Manel ainda tentou esconder-se... apressar o passo... correr... para que não fosse visto, mas tal não foi possível.

– Mas o que andas aqui a fazer? Não devias estar na escola?

E agora? O que dizer...? Nada. Nada mesmo. Contra factos não havia argumentos! Lá foi com a mãe. Mas pelo caminho acabou por dar as explicações devidas. E ia pensando... no que lhe aconteceria em casa..., mas sobretudo, mais preocupante, na escola. No dia seguinte talvez não levasse as temidas reguadas, se, entretanto, fizesse os trabalhos de casa... ou seria que as levava na mesma por ter faltado à aula sem justificação?

Lisboa 2020

A pequena história do Manel ocorreu há mais de 50 anos. É um pequeno episódio de uma vida cheia!

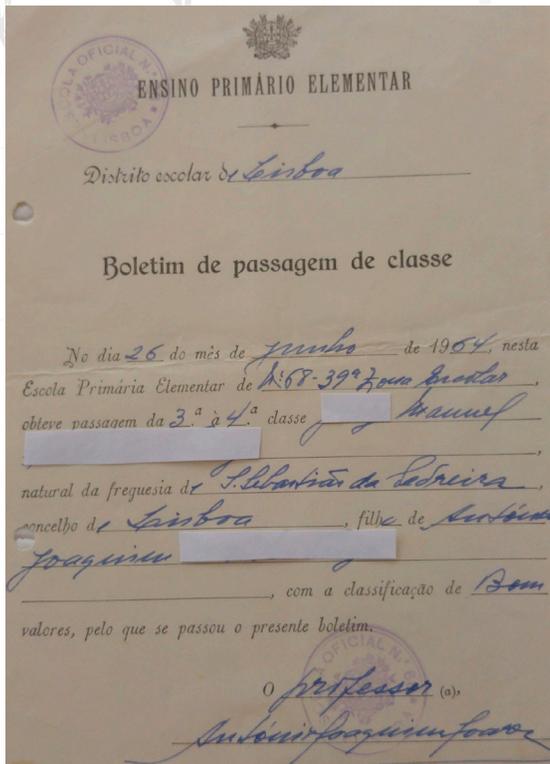
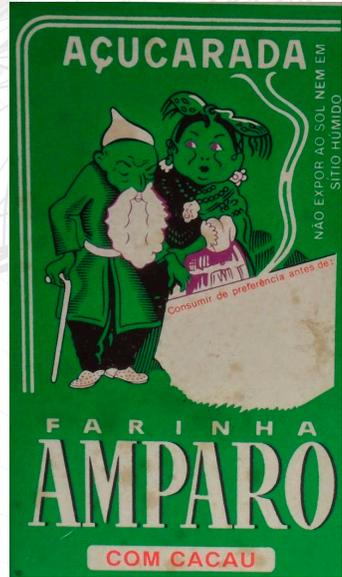
Importa referir que, apesar de às vezes ele não fazer os trabalhos de casa e do professor Soares lhe ter dado algumas fortes reguadas, completou o ensino primário, sem nenhum ano atrasado. E foi esse mesmo professor que lhe deu as aulas da 1ª à 4ª classe. Foi ele também que assinou os respetivos boletins de passagem de classe.

Durante todo esse tempo o que ficou e o que mudou?

Hoje a educação escolar é muito diferente. Já não se dão reguadas aos alunos. A Farinha AMPARO deixou de ser comercializada. Já não há mulheres da

fava-rica a venderem e a entoarem pelas ruas os seus pregões. O arquiteto chamava-se Raul Lino, e morreu há muito tempo. Foi um dos mais importantes arquitetos portugueses. A Fábrica de Chocolates FAVORITA foi demolida e no local desenvolveu-se um projeto de condomínio privado chamado "Fábrica Favorita Condomínio". Nem a fachada da antiga fábrica se salvou, apesar de estar classificada de interesse histórico-patrimonial. A farmácia ainda lá está, modernizou-se e há muito que deixou de vender o cálcio ao kilo.

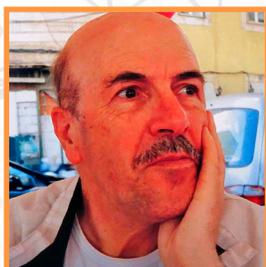
A pastelaria Mimososa mantém-se com as suas bolas de Berlim. O cinema Royal já não existe. No seu local funciona há anos um supermercado. A papelaria Havaneza Bandeira continua aberta ao público, mas luta com dificuldades. É um estabelecimento histórico, com mais de 80 anos. À porta há mochilas penduradas e nas montras há livros e material escolar. No interior destacam-se os artigos turísticos alusivos à cidade de Lisboa.



Hoje o Manel conserva, com todos os cuidados, os boletins de passagem de classe do ensino primário, recorda com alguma saudade o seu professor e guarda com orgulho os seus livros da 1ª, 2ª e 3ª classes.

13 de outubro de 2020 - Dia Mundial do Escritor

Obs.: O texto foi mantido em seu original. Português falado e escrito em Portugal



Jorge Trigo

Licenciado em História e Mestre em História Regional e Local pelas Universidades Portuguesas. Tem organizado e participado em inúmeras iniciativas e tem vários trabalhos publicados em Portugal e no Brasil. É membro do Conselho Geral da Fundação Amália Rodrigues e nessa qualidade colaborou ativamente na preparação das comemorações do centenário do nascimento da fadista. Publicou, em 2013, o livro **Ercília Costa – Sereia Peregrina do Fado**, Editora Fonte da Palavra, Lisboa, com ampla divulgação na Comunicação Social, tendo sido distinguido com o Prémio Amália (Edição Literária) 2014, atribuído pela Fundação Amália Rodrigues. Possui a Medalha de Mérito Municipal, Grau Ouro, Secção Cultura, da Câmara Municipal de Sintra, Portugal, o Diploma de Honra ao Mérito Cultural da Ordem dos Músicos do Brasil, OMB, secção São Paulo, 2015, o Diploma de Gratidão da Editora Matarazzo, do Brasil, 2015 e o Diploma de Reconhecimento da Editora In House, Brasil, 2017. É Embaixador Cultural da Editora In House em Portugal.

CARO LEITOR

Que tenha plena tranquilidade física e espiritual por toda a sua vida e que essa situação esteja sendo comum a todos os povos aí do seu tempo.

Aqui em nosso tempo, estamos presentes no século XXI depois de Cristo, no Calendário Gregoriano*. E desde que comecei a ter conhecimento da história da humanidade, sempre vivemos em conflitos, tanto antes como depois de Cristo. Por isso, tenho a impressão que nesse tempo de vocês, os povos estejam vivendo numa forma de Paraíso.

O nosso agora por exemplo, está contaminado por algo chamado COVID-19 (é um vírus), que está demonstrando a fragilidade dos que se acham poderosos e indomáveis. A religiosidade é muito variada, são muitos deuses. As formas de governos sempre retendo os cidadãos como reféns. Isso porque vivemos em sociedade que tem também muitas formas, mas que na realidade, poucos vivem, a maioria sobrevive.

Veja só a situação no geral da nossa sociedade em alguns quesitos: Paz - uma discórdia contínua, Religião - confusa, Política - danosa, Profissão - sem vocação, Previdência - perversa, Emprego - sacrificado, Ética - inconveniente, Economia - torturante, Saúde - na UTI**, Alimento - contaminado, Ecologia - em alerta, Educação - reprovada, Justiça - envergonhando a Têmis, Segurança - inquieta, Ciência - incerta, Esporte - inflacionado, Tolerância - em desuso, Respeito - esquecido, Família - em extinção. E veja que impressionante também: até a morte natural está se tornando uma raridade. Agora, a violência meu caro, estou convencido que ela não é humana; é satânica.

Muito obrigado, caro leitor, pela sua bondade e paciência, em ler esse meu desabafo. Salve as exceções do Bem!!!

*Novo calendário estabelecido em 1582, pelo Papa Gregório XIII.

**Unidade de Terapia Utensiva.

**Manoel de Jesus Carvalho**

Nasceu em Tutoia, no estado do Maranhão, em 25 de dezembro de 1946. Reside em Jundiá desde 1997. Bacharel em Comunicação pela Faculdade Anhembí Morumbi. Funcionário público aposentado da Prefeitura Municipal de Jundiá. Lançou, em 2017, seu primeiro livro: **A quem possa interessar**, pela Editora In House. Tem poesias publicadas em diversas antologias literárias.

O SÁBIO DIZER...

Vivo, pelas mãos divinas de um Ser
Sou saudável para enaltecer
Vendo todos os dias, o Sol nascer
No amor fiel vou permanecer
Saboreando todo o meu crescer
Em todos os dias amanhecer
Motivado para agradecer
Trabalhando para um engrandecer
Da sabedoria da existência, estou a conhecer
Lutando na verdade, e sem padecer
O sucesso inerente vai acontecer
No futuro certo, vou receber
As novas vidas, que vão nascer
E na segura, uma vontade de beber,
A água da vitória que merecer,
Porque estamos vivos, para morrer!

HOSPEDARIA

Aí existe uma grande chance de ficar um pouco.
Aí tem descanso para nossas almas.
Aí vai se recolher toda a insignificância do mundo.
Aí vai adormecer todo o encanto juvenil.
Aí pernотaram os nossos pensamentos.
Aí dormiremos em berços esplêndidos.
Aí será a estadia dos descompromissados.
Aí descansaremos nossas mentes.
Mas, aí ficarão, por algum tempo, os sonhos e todos os nossos desejos!!!

A FLOR DO GAINHEIRO

O galo brigou com a esposa
Ela queria mais milho, e agora
Por causa de uma mariposa
O galinho perdeu mais de uma hora.
O galo foi pegar a flor no chão
A galinha queria produzir de novo
Ele só queria enfeitar o pavão
Sem ver o peso e a cor do ovo.
O galo cravo e a galinha rosa
O tempo até ficou quente
Por falta de uma prosa
Ninguém saiu contente.
A moral ficou um pouco baixa
O galo não cheirava mais a flor
Os ovos mexidos fora da caixa
E a galinha deixou o galo sem amor.

70

VISIONÁRIOS DO BEM

Contagie o mundo com o que você tem de melhor:

- Magia
- Amizade
- Paz
- Amor
- Esperança
- Compartilhar Sabedoria e Fraternidade.

... Vamos viver o lado humano de ser Feliz!!!

AMOR PARA AMAR

O tamanho do meu amor, enorme é
Para percorrer os seus sentimentos molhados
Não se aventura sem a devida fé
Caminhando devagar, com todos os cuidados.
O meu amor só pode lhe mostrar
O que importa, no que você quiser
Não precisa nem procurar
Na graça de ser a minha mulher.
Guiando todos os dias da minha vida
Os desejos e muito amor não lhe vão faltar
Do infinito da alma, a preferida
E ao seu lado eu quero vibrar.
Ser feliz na vida, pela qual deixei
Uma brisa suave vai se espalhar
Ser amada, por quanto que lhe amei
Calmo e sereno, meu coração vai ficar.

MENSAGEIRO DA NOITE

No silêncio da madrugada,
As paredes são surdas e mudas,
As andorinhas, voaram o dia todo e, querem dormir,
E as estrelas vão iluminar
Qualquer escuridão!
Nos pensamentos confinados,
A imensidão do nosso amor e os abraços garantidos,
Darão o tempo, que a paz nos acalenta,
E vai trazer nos beijos ardentes,
Os desejos e aspirações, acolhendo toda sorte,
De afastar qualquer solidão!

SÍNTESE

No escuro eu fico claro;
Vivo na morte das frustrações;
Compadecido dos modos não salutareis;
Peregrino no mundo das dificuldades;
Tenho muito amor da invalidez do ódio;
Sou convalescente de todo o mal ocorrido;
Alegro-me das tristezas da vida;
Tenho muito do pouco que estou precisando;
Fico limpo em meio a tanta sujeira;
Estou seco nesta chuvarada toda;
Não passo fome por falta de comida;
Ando firme depois dos tropeços;
No meu caminho vou desviando dos espinhos;
No jardim da minha vida, encontro muitas pétalas de rosas;
No mar da minha história, a maré é baixa; e
Na sua vida, eu sou um amor eterno.

O SUBLIME ENCANTAMENTO

Perambulando por aí, num determinado instante, também nem muito distante como um beija-flor no jardim e uma beleza para me dizer um SIM. Encontrei rosas e espinhos, cruzando os meus caminhos e das minhas amadas, que viram ventos e tempestades, mas por tudo que fiz, espero estar feliz sendo que fraco ou forte, mereço toda a minha sorte.

Não chorei, nem suspiros deixei em ares impuros, mas os meus desejos são maduros e, digno estou para dizer a ela: EU TE AMO!!!

O QUE É PIOR?

A ilusão ou a mentira;
A covardia ou a preguiça;
A ganância ou a ignorância;
A burrice ou a estupidez;
O ódio ou a prisão;
A raiva ou a maldade;
O insatisfeito ou o guloso;
O triste ou o fraco;
O derrotado ou o incompetente,
... Então conclui-se que:
Todo mentiroso está iludido;
Todo preguiçoso é covarde;
Todo ignorante é ganancioso;
Todo estúpido é burro;
Todo prisioneiro está com ódio;
Todo maldoso tem raiva;
Todo guloso é insaciável;
Todo fraco não está contente;
E todo incompetente é vencido,
... Porque, para o mundo sedutor:
O homem é feliz, tem a sabedoria e a verdade é vida!!!

LAMENTOS

Chorando pelos cantos, graças ao desperdício de tempo originado no peso do ressentimento e não vendo a luz das estrelas como meio de sanar as dores.

Calando-se a voz de quem pode alcançar para não chegar a lugar algum e deturpando o verdadeiro cheiro da vida para enganar os sentimentos.

Ventos que sopram a miséria intelectual mantendo o doce da ganância como virtude dos vilões, em busca dos conhecimentos não reconhecidos.

A RAZÃO DE VIVER

Tudo é belo, tudo é certo
Sempre com o espaço para as paixões
Para quem tem o coração aberto
E ter uma vida cheia de emoções.

"Yes, to make an opportunity"

Sentir quente o meu inverno
Apreciar o frescor do meu verão
Não me enganar e fugir do inferno
E ter o seu amor no meu coração.

"I can see the mountains and to love you"

O conto de fadas, que tem jeitos
Na força de um amor, que tem pilares
Suspirar pelos seus beijos
E adormecer nos seus olhares.

"I love my life, because of my life is you".

EU QUERIA TANTO...

Andar no seu trilho,
Comer no seu prato,
Dormir na sua cama,
Pegar na sua mão,
Beijar a sua boca,
Passear com você,
Viajar no seu sonho,
Conhecer a sua alma,
Entrar no seu coração,
Tirar a sua roupa,
Sonhar na sua vida,
Ganhar o seu beijo,
Realizar todos os desejos,
Fazer amor só contigo,
Ter um filho seu,
Acordar nos seus braços,
E ter um lar feliz.

PREVISÕES

O universo espera a humanidade
O natural não pode deixar de existir
O povo sem rumo, e sem identidade
Assim fica difícil de resistir.
A luta é sempre intensa
Das trevas sempre vem a luz
A paz do solidário é imensa
E cada um tem a sua cruz.
Determinação, uma atitude divina
Entendimento, a maravilhosa satisfação
A cor que tão bem combina
Numa prova de gratidão.
A medida é contagiante
Com o peso dos louvores
A força é de um gigante
E o alívio de qualquer uma das dores.

ÊTERNIDADES

Eis! Eterno! Eterno! E já
Os inseparáveis, de todas as horas
Cheia de charme, cheia de charme, vem para cá
Vivida, vivida, vivida, chega sem demoras.
No cheiro da amizade e da solidão
A cor das letras, da pura filosofia
Na chama do Sol, para a vibração
O claro da Lua e da modesta sintonia.
Eterno, o divino tratado
Um trajeto enorme, do sul para o norte
Vigor da vida, um nó desatado
O sonho da constelação em toda a sorte.
Da ignorância, ao lado, vou tirar o pé.

UM AMOR SEGURO

Todo este afeto que está no ar
É para mostrar a nossa relação
Tudo o que quero é amar
E cuidar do meu coração.
Não tenho nervos de aço
Você vai trilhar o meu caminho
Mas quero o seu abraço
Depois de me fazer um carinho.
Uma vida bem arquitetada
Só depende de como tiver agido
Uma parceria já arrumada
É para nunca sair ferido.
Não quero levar nenhum susto
Quero ter você por perto
O que mereço é justo
O que preciso é o certo.

ALEGRIA DE ONTEM

O contentamento foi momentâneo
Durou o quanto existiu
Num lance bem espontâneo
Acabou-se porque não resistiu.
À míngua de um sentimento
Esfriou toda sua grandeza
No calor de um sofrimento
Escancarou o tamanho da tristeza.
Sem importância fugiu da lembrança
Ficou pequena e passou despercebida
Não pesando muito na balança
Também ocultada ficou esquecida.
A desistência de lutar
Fez a alma não viver
Parou um dia de amar
E padeceu até morrer.

O SONHO DOURADO

Trajado em seda e girassol
Andando firme e içado do chão
Mostrando a força amorosa do farol
Encantando o meu carente coração.
Pelo recanto florido e perfumado
No ar puro da serenidade
Dando um realce em todo o riscado
E confiança na felicidade.
A passagem dos passarinhos cantadores
O sossego do figurino que vai alegrando
A tonalidade amarela dos sonhadores
Muitas estrelas no caminho vão clareando.
A sensação de um grande prazer
Sem que se acabe em algum dia
Deixando claro o que tem que fazer
A beleza de um sentimento com alegria.



Dalton Luiz Sibinel

Poeta e escritor. Natural de Jundiá, SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: **Uma pérola esquecida** (2010); **Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida** (2011); **Descompasso da Administração Pública** (2015) e **As nuances de uma curiosidade** (2017).

LACUNANIMA

Numa vocação para extrema alegria,
o batuqueiro faz tocar seu coração,
como a batida do tambor que o acompanha.
Os conteúdos e significados na memória
ancestral voltam a visitar o
território sagrado da infância.
A natureza de Deus é nosso dom,
seja o que for e em todos os sentidos da fala.
Numa dimensão maior do cotidiano
a alma tem o reflexo na água
e Narciso se cala diante dessa cena.
Esquecendo a própria vontade e dando
vez ao novo texto sem pretexto algum.
É a memória se desligando do vazio
existencial, à procura de uma emoção
mais abrangente e poderosa.
Sentindo um frio na alma, diferente
do frio arrepio que dá na espinha
pelo desprendimento do calor humano.
Quando se deixa de ser solar, pelo
distanciamento do eixo central da consciência.
Sempre haverá um elemento de dúvida
em qualquer uma das atribuições.
Mudando hábitos e modos de convivência
a cultura é um modo de vida, como
uma boa concepção de mundo.
Todo processo é lento e o que
faz a diferença é a persistência
vencendo. E até hoje assim vem sendo.
O mundo não vai mudar nunca,
sempre vai haver senhores e escravos.
Os homens nunca deixarão de acreditar
em Deus, porque têm medo de não
encontrar nenhum substituto à altura,
em outra agenda e afeto.

PANDEMIATUALIDADE

Babilônia, Brasília ou Califórnia?
A Terra do Fogo congelada, isso pode?
Há limites para quem se aproxima do precipício,
os precipitados não sairão ilesos.
Solidão é comparada somente a
um grão de areia num deserto.
Isso foi o que me falaram um dia
e agora está fazendo sentido.
Troco Covid-19 por Comvida desde 1950.
Fé e esperança na expansão dos novos projetos
de vida, que vão dar também um sentido
diferenciado de saciedade.
A sociedade espera e crê nisso.
Fora dos currículos de vidas buscadas em
certames literários ou baseadas em
certificados escolares.
Novos caminhos não passam pelo Novo Normal.
Ele não existe, nada substitui, mesmo com tanta
Tecnologia Atual, as Forças Naturais.
Como, por exemplo, Energia Solar e dedo
humano que a tudo liga e desliga.
As Forças Armadas dissolvem-se em balas
perdidas e as Forças Ocultas continuarão
sempre camufladas.
Segura e eficazmente a frustração molda caráter.
Nada acontece por acaso, coincidências são
pequenos milagres, nos quais "onipresentemente"
o Criador prefere não aparecer.

ARTE DE FATO

A arte só se preocupa em existir. Nunca em perfeição. Mostra o real da existência sem que precise falar disso. Arte não tem compromisso. Arte é. Assim como Deus é EU SOU. O artista até pode ser um visionário. Vive no futuro sem estar lá. Volta ao passado sem sair do lugar. No presente é pura criação, movimenta-se como um pêndulo, tim-tom, dim-dom... O tic é magia, o tac também é magia. O tic-tac é a própria mágica. O áudio audível é assim. Vapt-vupt. E é para explicar a utilidade de um segundo. Em cada um dos lados registra tempo e evolução. Acaba e nunca se completa, continua e pede mais ação. Realidade inconsistente. O poeta resume, passa uma certidão. Fica um documento para a história. Só para registro nas memórias das futuras gerações. Nosso foco não é no sufoco. Quisera ficar aqui. Muito embora, cada vez que adentro esse mundo. "fico livre" para seguir mundo afora. Cultura é a consciência da vida e a escultura de barro feita com o pó da estrada.

ESPERANÇA ADAPTÁVEL

Solto-me ao vento como um avião de papel
ou um papagaio tipo pipa-capucheta.
Coisa errada escolhamba a ação.
Livro-me do aprisionamento da consciência.
No livro, de ser careta. Atenção nas palavras
críticas, nelas as incertezas permanecem.
Na nossa cabeça um eco da intuição da primeira
fase da criação. A ideia.
O belo é a cara da humanidade.
Beleza a personagem, poesia, a história.
Viver é a principal causa da natureza.
Todos gostariam de ter o seu direito respeitado,
isso não acontece na realidade.
A arte não está só na rima, está no ritmo que
impõe às pessoas para elas pensarem em
melhorar de vida.
Tempo de dar biscoitos finos para as massas!
Qual biscoito, qual massa?
Qual massa de biscoito?
Na massa encefálica somente razão.
Sensibilidade emocional faz a massa crescer.
Como um pão a ser repartido feito prêmio.
Na coroação do coração que nas batidas do
viver, não economiza ações para se fazer o bem.
Concomitantemente e em sintonia com a
harmonia no terceiro milênio.

SINAL VERDE

O mecanismo da experiência humana é um arcano antropológico.

Como as coisas acontecem?

Como as coisas se sucedem?

No silêncio sem compartilhar com ninguém, fluem melhor o resultado no destino das ideias.

Para se fazer uma coisa boa pelo mundo em favor da natureza e bem da humanidade.

De um modo justo, moderado e cristão.

A voz interna é Deus, alma e moral.

Minha gratidão eterna aos três mestres,

os três mensageiros da Paz,

os cavaleiros da Ordem dos Chicosantridade.

I - São Francisco de Assis.

II - Dom Chico Buarque de Holanda.

III - Papa Francisco I do Vaticano.

Sem religiofanatismo, sem regionalismo, sem regimentalismo, só na pacificação das frases autorais reconhecidas e autenticadas.

"Faz de mim um instrumento da sua Paz."

"Apesar de você amanhã há de ser outro dia."

"A humanidade chegará longe graças ao Amor a fonte de todos os bens."

Coisas para se contemplar profundamente e analisar humanamente cada um dos itens.

Agalierapis – mistério da mata e da mente.

INSTINTO EXTRAORDINÁRIO

Palavras sem fronteiras não têm rumo certo,
soltas ao vento, flutuam em qualquer direção.

Intenções, memórias, observações.

Somos sem destino desde o tempo que nos
chamavam de menino-levado.

Fomos levados a todo canto sem precisão.

Hoje estamos em fases de *hashtags* culturais.

Seria Deus, alguém controlando funções dos
humanos com tecnologia, exercendo a crítica
social assessorado pelo QR CODE?

A nova cartografia espiritualizada universal virá
pelos artistas, traduzindo o que sempre esteve
a nosso alcance, escrito nas estrelas.

Teremos que seguir olhando para o futuro, sem
saber quando ele chegará, mas escrevendo para o
público que vive em todos os tempos, como se
conjugasse só o verbo AMAR.

Tudo passa, algumas coisas vão e voltam.

O amor pela natureza é o que tem que ficar.

Infinito é o Pai – Criador é o universo.

Na luz divina o poder de realizar.



Luiz Alberto Carlos

Brasileiro, nasceu e mora em Jundiá, SP, escritor e poeta. Escreve desde os tempos do ginásio. Técnico em Administração e também formado em Gastronomia pela Escola Internacional de Gastronomia Casa do Chefe. Participa, em seu país, de concursos, antologias, movimentos literários. Publicou em 2015, o livro de prosa poética *Senhas e Sonhos* pela Editora In House e, em coautoria, *C'cretolirismo* pela Ed. Scortecci. Colabora em jornais locais com artigos. É verbete da Enciclopédia da Literatura Brasileira, além de receber inúmeras medalhas e menções honrosas de diversas instituições culturais e literárias do Brasil.

E-mail: luizalbertocarlos@gmail.com

SAUDADE DO FUTURO

Nesses dias de pandemia, enjaulados dentro de nossas casas, quer a gente queira ou não, a saudade se apresenta com uma força incrível, porém não a saudade da infância, da juventude ou de tempos longínquos. Não, definitivamente não é essa saudade e sim, aquela recente, do dia a dia que vivíamos há tão pouco. Saudade dos passeios na praia pela manhã, dos almoços em restaurantes ou lanchonetes, escolhidos quase que na hora da refeição; dos encontros com os amigos à tarde, das visitas às bibliotecas, sebos e bancas de jornais. Saudade do aperto de mão, do abraço, do papo desprezioso jogando conversa fora, do passeio no jardim da orla, da ida aos shoppings e até de pegar o automóvel à tardezinha e dirigir por toda a orla, ouvindo minhas músicas preferidas e no fim do percurso, estacionar à beira-mar para apreciar a beleza do pôr do Sol. Saudade de pegar uma cadeira de alumínio e se esquecer na praia, no final de tarde, lendo um bom livro. Saudade dos bailes no Clube de Regatas Vasco da Gama, com shows da banda Blow-Up, saudade da padaria Padrela do canal 7 e seus deliciosos croquetes, pastéis e capuccinos. Saudade das deliciosas pizzas do Van Gogh no Canal 1, com aquele burburinho das várias pessoas conversando, rindo, falando alto, com a alegria estampada em cada rosto, namorando, chamando pelo garçom. Saudade do tilintar dos copos, do barulho dos talheres nos pratos. Sabia ser feliz vivendo assim e meu coração me mostrava isso, pois a felicidade é poder viver cada segundo, cada minuto e cada dia, com saúde e alegria. Hoje, esse mesmo coração distila suas memórias, trazendo-me até minhas saudades inconfessáveis. Saudade da brisa e cheiro do mar, saudade do cheiro das pessoas e do olor das flores do jardim, da poluição dos automóveis (Quem diria?), saudade de ter, à época, uma vida maravilhosa com promessas de um belo futuro. Saudade das aulas de canto, das gravações das músicas, das orações com meu DEUS ao caminhar observando a natureza. Continuo, é claro, minhas conversas com ELE, entretanto, na praia, molhando meus pés na beirada da água, sentia-me bem mais próximo. Dava a impressão de que seguíamos juntos, um ao lado do outro. Éramos a água e o sangue. Saudade de um passado quase presente. Enfim, saudade da vida! Hoje, sentado ao lado de minha alma, descobri que sinto saudade até do futuro...

ENJAULADOS

Abrindo o Whatsapp em grupo de amigos, deparei-me com um quadro de criatividade sem igual. Personagens saindo de uma tela. Pesquisei e notei ser uma plataforma de desenhos gráficos "DESIGN CROWD". Trabalham nela em torno de 700.000 desenhistas. Expandem os limites de obras clássicas antigas, criando outros significados e perspectivas, resultando em obras magníficas. Existe uma infinidade desses estilos, nomeados "FORA DOS LIMITES". Um deles, em especial, fez-me parecer que seus personagens estavam querendo sair rapidamente da tela. Apressavam-se para entrar nesse nosso mundo. Fugiam da paisagem. Coloquei-me no lugar deles e minha imaginação trouxe-me para os dias atuais, na pandemia que estamos vivenciando. Enjaulados em nossa própria casa com vontade enorme de sair desse cárcere. Somos a paisagem de um quadro em que Deus ou o Diabo pintou, só que em infinitas telas. Cada uma em casas diversas. Uma tela diferindo da outra em personagens e estilos. Casas com decorações sofisticadas, outras nem tanto, porém, ansiosos para sair das telas, desses quadros que embora aconchegantes por serem nossos lares, mesmo aqueles de extrema pobreza, e apesar desse sentimento de proteção que nos envolve, mesmo assim, sentimo-nos presos e, à medida que o tempo passa, maior é nossa vontade de fuga dessa pintura. Vontade de arranhar, de esgarçar essa tela e sair dela para poder respirar, sentir novamente a liberdade e a beleza de um passeio pelo parque, praia, campo, enfim, eliminar essa angústia que um maldito vírus em toda sua pequenez foi capaz de fazer. Tirar nossa paz e tranquilidade. O que está acontecendo com esse nosso mundo? Não temos mais certeza de nada. Nunca voltaremos a ser o que fomos. Tudo já se modificou...



Nilton Gutierrez

Nasceu em São Paulo, em 1948. Engenheiro aposentado. Membro da AMLAC - Academia Metropolitana de Letras, Artes e Ciências. Começou a escrever em 2015. Seus livros: **Gotas de Felicidade**, lançado em Santos; **Gotas de Alegria**, lançado na 1º FLIVI (Festa Literária de Vinhedo), ambos de contos e crônicas. Na 2º FLIVI lançou seu primeiro romance **Olhos D'água**. **O Escorpião** foi seu segundo romance, lançado em Santos. Integrou sete antologias da Editora In House, com lançamentos em Jundiaí e algumas em Portugal. Participou como colaborador na 1º e 2º FLIVI, integrando a mesa redonda com o acadêmico da ABL, Antonio Torres.

COTIDIANO

O sabiá veio muito cedo e deu uma sumida nessa manhã de calor. À tarde ele volta. Está tentando fazer ninho na garagem, num lugar onde não para nenhum dos raminhos que traz.

Fico imaginando a frustração, a angústia e o desespero dele: escolheu o lugar errado para ninho e a primavera tá chegando.

Não são só as pessoas que têm problemas e frustrações, os pássaros e animais em geral também.

Imaginem, com as grandes queimadas em florestas, tanto aqui como nos EUA, o desespero de pássaros e outros animais, tentando fugir do fogo, tendo de largar seus ninhos e filhotes, ainda por cima, faltando água.

Aqui são os índios, os garimpeiros, grandes produtores de grãos e os desmatadores e lá é o pessoal das cidades. Além de ter que abandonar seus lares, ainda, enfrentam, desesperadamente, a fumaça forte.

A minha dúvida é quanto ao desespero do sabiá que, provavelmente, não é igual. Está para mais ou para menos?

De qualquer forma, ambos têm grande problema, um querendo construir seu ninho e não dá certo e outro tentando proteger sua casa do fogo, dentro de uma pandemia séria e não consegue.

Isso mostra a vida como ela é, obstáculos não faltam para ninguém, falta é compreensão do mundo, do universo, dos riscos a que estamos sujeitos, vivendo.

Até vejo tudo como uma maneira da natureza, de um Deus, tentar domar o homem que anda muito materialista e pouco humanista.

Abraços.

Nesta manhã de sol, o sabiá cantou e ficou pouco, acredito que esteja construindo ninho noutra terreno.

O dia de ontem, 13/09/20, foi o dia da "marvada", da pinga, cachaça, gostosa. Para comemorar o dia dela, só tomei vinho, cachaça tomo todo dia.

Tomo nos aperitivos, geralmente, antes da janta, tomo como quebra gelo antes de uma cervejinha.

A caninha ganhou a concorrência da bagaceira, feita com bagaço de uva, há muito tempo.

Alguns médicos dizem que faz bem um cálice todo dia. Outros dizem que idosos, como eu, não devem tomar destilados, só fermentados. Eu tomo os dois.

Tenho amigos que fazem a mesma coisa com uísque, com conhaque de vinho, gim, rum, Campari.

Poucos ficam sem ingerir álcool manipulado, seja de uva, de cana ou outra fruta. Hoje, na pandemia, vai álcool até nas mãos.

Acredito que destilados e fermentados realmente fazem bem, quando ingeridos de forma consciente, moderada.

É verdadeiro que quem exagera fica bêbado, mas, sabe perfeitamente o que está fazendo, perde o domínio do corpo e da emissão da palavra, que sai “pastosa”, isso sim, mas sabe como está e o que faz. Uns só querem dormir e outros se tonam até agressivos.

Algumas pessoas, no dia seguinte, arrependem-se devido à ressaca e à dor de cabeça. Não é meu caso.

Sempre que bebo é por um motivo justo: papo com amigos, abrir o apetite, comemorar mais um dia de vida boa, acompanhar uma picanha na grelha, faz bem para a saúde, felicidade, chateação e por aí vai. Tenho sempre um motivo para beber e a pinguinha vem sempre primeiro, mas sempre com moderação.

Outra coisa é a forma de beber. Deve ser degustada, saboreada, não simplesmente engolida.

A cachaça que tomo é especialíssima. Um grupo de “pinguço”, amigos do meu falecido cunhado e meus adquirem uma gleba de cana, numa propriedade que tem um alambique e monitoram o crescimento da cana, a colheita até a cachaça pronta, transportam e armazenam em tonéis de carvalho. Eu só consumo.

Beba na medida certa, que te deixa alegre, principalmente, quando triste.

Abraços.



Vanderlei Negro

Escritor jundiáense com várias participações nas antologias da Editora In House. Autor do livro **Pontos de Vida e de Vista**.

HOJE, SEMPRE... PRA SEMPRE?

Ansiedade
Complexidade
Agradecimento
Descumprimento
Atrocidade
Insanidade
Antagonismo
Consumismo
Equidade
Calamidade
Calmaria
Ave Maria...
Tempos obscuros
Tempos normais
"Normais"
Nunca mais...

FASES

Amada
Angustiada
Atarefada
Atribulada
Amargurada
Amada
Alada
Aninhada
Admirada
Apaixonada
Amada



Luciana Piamonteze

Filha de pais incentivadores, mãe de meninas extraordinárias, avó de um menino notável. Irmã, amiga, namorada, tia de pessoas únicas. Professora alfabetizadora. Formada em Magistério, Pedagogia e Letras.

ENTRE PÂNTANOS E SECURAS

Acalma-te, coração meu. Conto um, dois, três, dez. Respiro. Chego aos 50, 60, 70. E volto a tremer. Meu corpo sente a ansiedade em ondas; luta contra correntes opostas, debate-se entre o que tanto quero olhar e o todo a esconder. Sonhos antigos, quando estão prestes a se concretizar, são maré alta na alma. Riso de desconforto. Agonia que me faz sofrer os revezes da minha própria instabilidade. Dois pingos de medo. Memórias tatuadas na alma.

Eu era ainda pequena quando li em um pedaço velho de jornal a história da “mulher pantanosa de Londres”. Devia ter oito ou nove anos, no máximo. A idade era pouca, mas a imaginação, esta era infinita. Tanto que a imagem brotada na mente pode soar como algo fantástico, típico das histórias dos irmãos Grimm – a de uma pessoa constantemente molhada, corcunda, de lábios finos e tristes, com uma espécie de nuvem escura a pairar sobre a cabeça, dona de escassos fios de cabelos encharcados a cobrir parte do rosto. Uma mulher alagadiça... uma pele enrugada e um cheiro de mar. Espírito viscoso. Alguém que chorasse não de dentro para fora, mas sim por todos os lados.

A mulher pantanosa se tornou meu assunto preferido na infância. Eu escrevia sobre ela nas cartas que enviava à minha avó de Goiás, desenhava-a em papéis soltos ao longo do caminho, falava sobre ela com os meus amigos imaginários, rezava por ela antes de dormir. Criei intimidade com aquele ser humano tão longe de mim, mas tão semelhante com aquilo que sou. Tinha vontade de saber mais. Queria molhar meus próprios dedos naquela chuva que caía só para ela. Sentia-me fascinada e, talvez, atrevo-me a dizer, até mesmo possessa pelo sonho de um dia a encontrar face a face.

Fascinação e possessão me levaram a fantasiar com o nosso encontro. Da fantasia parti para a obra e, antes de chegar à adolescência, comecei a fazer pequenos serviços aqui e acolá em busca de dinheiro. Juntava recicláveis de porta em porta, coletava cada centavo abandonado pela estrada. Quinze anos se passaram até que eu conseguisse entrar em um avião, diante do olhar de protesto da minha mãe, e viajar nove mil quilômetros para chegar aqui onde estou agora, escondida atrás de uma árvore em Soho Square, na angústia dos dois graus centígrados do inverno londrino, na ansiedade do coração que continua a saltitar.

Quem poderia imaginar que a chuva dela só teve início numa tarde ensolarada de agosto nos idos dos anos 70. Era o ápice do verão inglês. Fazia 39 dias, 23 horas e 59 segundos que Londres era abençoada com céu azul. Os ânimos

estavam elevados e causavam uma certa loucura no comportamento dos seres humanos. Secretárias aproveitavam os minutos de almoço no meio do expediente para tomar sol no Hyde Park. Crianças iam pra escola em seus triciclos e, às quatro da tarde, ao final do dia de estudos, corriam atrás das peruas que vendiam picolés. Aposentados plantavam flores no jardim e penduravam arranjos coloridos de gerânios nas fachadas das casas vitorianas.

Tudo parecia perfeito até a mulher, no auge dos 18 anos, notar que no vidro do seu carro caíam algumas gotas de chuva. Um tanto atípico, pensou. Não havia nuvens ao redor de Londres. O sol de 28 graus centígrados continuava cheio de brilho. Os outros carros seguiam secos, os aposentados continuavam plantando, as crianças prosseguiram em seus triciclos, as secretárias deviam ainda estar deitadas na grama. Mas no território particular daquela moça, chovia. Só para ela, só nela.

Ao sair do carro, sentiu uma gota de chuva molhar a testa. Resolveu entrar num mercado para se esconder daquilo que nem sabia o que era, mas de nada adiantou. Ao se dirigir ao caixa com seis potes de iogurte – itens que nem queria comprar, mas, uma vez dentro da loja, via-se na obrigação de pagar por algo – já tinha a roupa molhada, grudada ao corpo, como se tivesse saído de uma lagoa.

Começou a chorar em desespero, inconsolável debaixo da nuvem ingrata que estava se apoderando do seu espaço e da sua paz. Ninguém viu lágrima alguma, nem ela mesma. Ao sair da loja, tentou andar devagar, depois mais depressa, e chegou até mesmo a correr na tentativa de driblar aquela praga, mas a tempestade persistia. Os iogurtes caíram ao chão e serviram de alimento para um gato que passeava sozinho. A mulher, mal sabia ela, estava a ponto de servir para nada mais.

Triste reconhecer que a vida daquela moça foi pura ruína desde o primeiro gotejo. Ao chegar em casa, levou uma surra da mãe e um peteleco do irmão mais novo. Teve vergonha e saiu pela porta dos fundos para nunca mais voltar. Sentiu a risada pegajosa de quem se dizia amigo. Foi demitida do emprego de babá, sofreu a repulsa daqueles que se afastavam quando ela tentava se chegar. Sentiu no olhar das crianças o pavor. Foi julgada como bruxa, pecadora e endemoninhada. Teve fome, mas não encontrou alguém que oferecesse comida. Saiu a correr sem destino por horas, meses, anos sem fim.

Quando se cansou da corrida, começou a andar. Foi desacelerando o passo aos poucos, cansada. Certo dia percebeu que as pernas estavam gastas demais para continuar na posição ereta. Decidiu engatinhar, e quando os joelhos ralados decretaram tregua, arrastou-se como cobra marinha, até o momento em que se viu na Oxford Street e lançou os olhos para a vitrine da loja Selfridges. Os manequins a observavam. Aqueles homens e mulheres de plástico, cheios



Ilustração de Giulia da Silva (Instagram: giulia_artzz)

94 de ombreiras, com suas perucas avolumadas, não demonstravam repulsa alguma. Sequer viraram os rostos para o lado de lá.

E ela finalmente parou. Sentou-se sozinha em frente à loja, na calçada fria, e decidiu permanecer naquele local até que a morte viesse a resgatar. Mas a morte, essa lerda ingrata, também não quis aproximação, e quieta a mulher ficou, inundada na sua própria poça. Tenho certeza de que ela está lá agora, nesse momento quando eu ainda estou aqui. Apenas um quilômetro e meio nos separa. Só 20 minutos de caminhada. Menos de dois mil passos.

Balucio uma oração com o olhar fixo na igreja de Saint Patrick. Peço por coragem. E ela chega, como força de corrente marítima, deslocando-me do banco da praça e me empurrando em direção à Soho Street, uma ruazinha curta e quieta que desemboca no burburinho da Oxford Street. Sinto o cheiro da comida chinesa, ouço o som da música de Bollywood. Observo a fileira de ônibus de dois andares. Desvio dos turistas fascinados com a abundância do que comprar. E sigo andando, com parte do rosto coberto, evitando o olhar alheio, como sempre tem sido, como talvez sempre será.

Passo por uma loja de bolsas, outra de souvenirs, por um café. Já naveguei mil e oitocentos passos. Creio que meu coração tenha se esguelado no peito mais de três mil e quatrocentas vezes desde que deixei Soho Square. E o sintoma bater ainda mais no momento em que levanto o olhar e avisto ao longe a

gigante Selfridges, com sua fachada cheias de colunas, uniformes e clássicas, tão Beaux-Arts, tão como sonhei: fina construção em cinco andares de altura. Abaixo com pressa meus olhos para a calçada e vejo o que ninguém quer olhar – uma mulher pantanosa, de rosto tão escondido como o meu, quase afogada em uma poça de água, com uma nuvem escura logo acima da cabeça. Sentada, curvada, sozinha.

Corro para ela em exaltamento. Corro como nunca antes havia corrido. A mulher molhada cheirava mesmo a mar. Ajoelho-me na tentativa de atrair aquele olhar que deveria também ser de maresia, mas ela não se mexe. Toco o manto molhado a cobri-la, mas ainda continua estática.

Respiro fundo mais uma vez: não haveria outra forma de a atrair para mim a não ser descobrindo minha própria face deformada. Tiro do rosto os pedaços de pano e exponho à ela e ao mundo o que sempre tentei esconder: meus olhos caídos e meu maxilar descentralizado. O crânio defeituoso. A má formação óssea, as orelhas minúsculas, a ausência da maçã do rosto. Exponho a secura desta alma tão desértica, tão carente de afeição.

Ela sente a minha audácia. De forma lenta, levanta a face enrugada para fitar a fisionomia ferida que há tanto tempo me amaldiçoa. Olha-me com curiosidade, com empatia, com um respeito que eu nunca havia provado. A mulher venera a mim. E eu retribuo o gesto com um sorriso torto, embebido em ternura.

Sinto a aproximação do inesperado quando ela levanta os braços úmidos para me abraçar. Assim ela vem, inundando a minha aridez, e dá-me a certeza de que eu havia chegado ao lugar preparado para mim, onde as tempestades silenciam. Estávamos finalmente descobertas. Quinze anos de espera até conseguir encarar a mim mesma. Dez, nove, oito segundos submersa em um abraço que a tanto mudou. Duas almas inquietas, um encontro eterno. E, meu coração, repousa todo calmo.



R. R. Mansfield

39 anos, é esposa e mãe de duas crianças. Nascida e criada em Jundiáí, mora na Inglaterra há 12 anos, onde aprendeu a apreciar chá preto com leite e invernos cinzentos. Jornalista com especialização em Jornalismo Literário, faz trabalhos voluntários de Comunicação para instituições católicas locais e escreve contos e poesias enquanto observa o feijão cozer, ou aguarda os filhos saírem da escola, ou espera o tocar dos sinos da igreja. Alguns escritos vão parar no Instagram ([rrmansfield](#)). Outros, ainda guarda só para si, enquanto não é chegado o momento de os libertar.

MONTEVÍDEU, JULHO DE 2010

Sempre gostei de marcar de alguma forma a comemoração de meus aniversários, não importando a forma da celebração. Pode ser um churrasco em família ou uma simples pizza com os mais chegados. O fundamental é não deixar a data passar em branco.

Daí que naquele ano, prestes a completar o meu 59º aniversário, resolvi festejar de uma maneira diferente e pensei em passar a data fora do Brasil, viajando ao Uruguai.

Como de hábito comecei a pensar na viagem alguns meses antes. A ideia era irmos Teresa, Guilherme e eu. Os dois começaram a inventar desculpas esfarrapadas para não ir (é longe, vai estar muito frio) o que me fez dizer que iria sozinho. Diante da minha firmeza mudaram de opinião e resolveram ir comigo. Hoje avalio que devem ter ficado com medo de que eu pudesse ter algum problema de saúde, devido a ocorrências médicas anteriores.

O fato é que se eu tivesse que ir sozinho o passeio não teria a menor graça. Mais do que conhecer outros locais, o grande barato das viagens para mim é compartilhar a experiência ao vivo com meus acompanhantes. Tanto assim é que parei de fotografar durante os passeios para curtir intensamente cada momento.

Guilherme na ocasião estava com 14 anos e já era um hábil fotógrafo, motivo pelo qual ficou encarregado de fazer a cobertura da viagem.

Sempre com o apoio logístico da Domenico Turismo (do meu amigo Serjão), numa fria manhã de domingo chegamos bem cedo ao Aeroporto de Guarulhos, a fim de embarcar no voo da Pluna das 9 horas, com destino a Montevideu.

O voo foi tranquilo, mas ocorreu uma surpresa durante o trajeto. O serviço de bordo não estava incluído no preço da passagem. A tripulação exibiu um cardápio aos passageiros, avisando que aceitaria dólares, reais, pesos uruguaios e até cartões de crédito ou débito. Pena que não aceitavam vales-refeição. Todos os itens seriam cobrados, desde o mais simples copo de água até o mais sofisticado uísque. De minha parte pedi uma Coca Light e resolvi experimentar um Chivito, que é um típico sanduíche misto (queijo, presunto, ovo frito e alface) muito popular no Uruguai. Não deixou saudades, serviu apenas para tapear a fome.

Três horas depois desembarcamos no Aeroporto de Carrasco, passamos sem problemas pela imigração, liberamos a bagagem e saímos em busca do guia acompanhante contratado pela Domenico.

Fomos recebidos por dois senhores, um dos quais se apressou em carregar nossas malas, enquanto o outro se identificava como representante da empresa de turismo local e nos conduzia ao carro que nos levaria ao hotel. Antes de entramos no veículo o carregador solicitou-nos *“una propina”* (uma gorjeta). Só então soubemos que ele não trabalhava para a agência de turismo, mas fizera amizade com nosso guia a fim de ganhar uns trocados. Dei-lhe uma cédula de R\$ 10,00 (a menor de que dispunha) e ele saiu dando pulos de alegria pois a importância correspondia a 100 pesos uruguaios e dava para fazer muita coisa com ela.

O Uruguai é um país muito pequeno que na época possuía cerca de 3,5 milhões de habitantes (hoje não deve ter muito mais). O trajeto do aeroporto até o Centro foi feito através de ruas e avenidas (ramblas) planas. O relevo do país é em sua maioria formado por planícies, existindo em alguns pontos pequenas elevações denominadas cerros.

A viagem foi feita durante a Copa do Mundo (então disputada na África do Sul). O Uruguai vinha fazendo boa campanha no torneio e, assim como no Brasil, todas as vias, casas particulares e edifícios públicos estavam enfeitados com a bandeira nacional.

A propósito, o guia explicou-nos o significado do desenho da bandeira uruguaia. Ela é formada por nove listras verticais, sendo cinco brancas e quatro azuis, representando os nove “Departamentos” (Estados) que compunham o país no século XIX, na época de sua independência. Na época de nossa viagem os Departamentos eram 19, dos quais destaco o de Carrasco, onde fica o aeroporto e o de Montevideú, onde fica o hotel onde nos hospedamos.

Ficamos hospedados no Hotel Balmoral que é antigo, mas estava muito bem conservado e localiza-se na Plaza Cagancha, bem no centro financeiro e comercial da capital uruguaia, ao lado da Avenida 18 de Julio, a principal artéria da cidade.

Considero-me, sem nenhuma modéstia, bastante fluente em espanhol e não tive nenhuma dificuldade em comunicar-me com os uruguaios. Estes, devido ao grande intercâmbio turístico e comercial com os brasileiros, são em sua maioria fluentes em português o que facilitou sobremaneira a comunicação do Guilherme e da Teresa quando não estavam em minha companhia.

Fez muito frio durante toda a nossa estada. Apesar de havermos levado muitos agasalhos na bagagem, estes não foram suficientes para nos proteger das baixas temperaturas locais, o que nos deu uma boa desculpa para visitar o comércio local e comprar casacos, cachecóis e outros itens que depois nunca mais seriam usados em nossa volta ao Brasil.

As corridas de táxi eram muito baratas, o que nos fez utilizar o serviço várias vezes. Como reflexo da insegurança que dominava o Uruguai, os táxis pos-

suíam uma espécie de gaiola separando o motorista dos passageiros, havendo espaço apenas para a comunicação verbal e para a passagem do dinheiro relativo ao preço da corrida.

A frota rodoviária era muito envelhecida, em face da crise econômica que o país vivia, o que fazia com que a maioria dos trabalhadores recebesse baixos salários, havendo muito desemprego. Por falta de perspectivas, muitos jovens emigravam em busca de oportunidades em outros países, razão pela qual a população pouco havia crescido nas últimas décadas.

Lá como cá, os principais “inimigos” são os argentinos, com quem os uruguaios travam grandes polêmicas, ainda mais acirradas pelo fato de que Montevideu e Buenos Aires são cidades praticamente vizinhas, separadas apenas pelo Rio da Prata.

Ambas advogam ser a pátria de Carlos Gardel, existindo tanto numa como noutra casas onde teria nascido o Rei do Tango. Para piorar a briga, há versões que sustentam que ele teria nascido na França.

Como tanto o Uruguai, quanto a Argentina são grandes criadores de gado bovino, ambos os países querem ser o pai do doce de leite e do alfajor, que por sinal são duas delícias independentemente de onde quer que tenham sido inventados.

Igual disputa se dá em relação ao tango. Somente para exemplificar um dos mais lindos que conheço é Uno, que sempre ouvi ter sido criado no Uruguai, mas que os argentinos sustentam que foi escrito em Buenos Aires.

O fato é que fizemos passeios maravilhosos.

Estava incluído em nosso pacote turístico um “city-tour” pelos principais pontos da capital uruguaia.

O ônibus em que embarcamos passou por vários hotéis e quando já estava lotado a guia Virginia, uruguaia que falava muito bem o português, ao se dar conta da presença de muitos brasileiros voltou a lembrar do Maracanazo, ou seja a vitória no Uruguai sobre o Brasil na Copa do Mundo de 1950. Até hoje eles comemoram aquela conquista.

Visitamos o monumento em homenagem a José Artigas, o libertador do Uruguai. Uma construção suntuosa, que ocupa uma área enorme numa das principais praças da cidade e que é vigiada 24 horas por dia por uma guarda de honra, tudo isto para guardar os restos mortais de famoso general. A meu ver, um desperdício de espaço e um aparato desnecessário, pois se poderia homenagear adequadamente um herói nacional sem demonstrar tanta ostentação.

Fomos também a um parque nacional muito florido onde igualmente existe um monumento, este bem mais modesto, em memória dos Charruas. Trata-se dos índios que habitavam o Uruguai antes da chegada dos colonizadores es-

panhóis e que foram dizimados por estes, não restando nenhum para contar a história. E os espanhóis, que invadiram a terra dos índios, diziam-se civilizados. Já viram isto em algum outro país?

Num dos dias fui sozinho ao Estádio Centenário, templo do futebol uruguaio construído para a primeira Copa do Mundo disputada em 1930. Meu propósito era conhecer o Museu do Futebol e desta vez fui de ônibus urbano. Teresa e Guilherme preferiam praticar arremesso de cartão de crédito no comércio da Avenida 18 de Julio.

Era o mês das férias dos jogadores de futebol e o estádio estava passando por reformas, mas mesmo assim foi possível ter acesso às suas tribunas e ver a grandiosidade da obra.

O museu é modesto, o suficiente para abrigar as poucas conquistas esportivas internacionais do pequeno país. Havia uma sala de cinema, com cerca de 20 poltronas, onde eram constantemente exibidos os filmes dos torneios olímpicos de 1924 e 1928, assim como da copa de 1930, todas as três competições vencidas pelos uruguaios. Não havia filmes sobre a copa de 1950.

Como antes de 1930 não existia a Copa do Mundo, os uruguaios dizem que o Torneio Olímpico de Futebol tinha o mesmo significado. Por este motivo a camisa de sua seleção, La Celeste Olimpica é enfeitada com quatro estrelas, representando as conquistas de 1924, 1928, 1930 e 1950.

Foi possível ver a camisa 5 envergada por Obdulio Jacinto Varela, “*El Negro Jefe*”, utilizada pelo capitão uruguaio em 16 de julho de 1950 quando eles venceram o Brasil por 2 x 1.

Aproveitei para adquirir dois livros escritos em espanhol. Um era a biografia de Alcides Edgardo Gigghia, autor do gol decisivo naquela partida (o outro gol uruguaio foi de Juan Schiaffino e o gol brasileiro foi de Friaça). O outro livro era o relato do mundial de 1950 a partir da ótica uruguaia. Devorei as duas obras nas noites do hotel, muito antes de voltar ao Brasil.

Certa noite fomos os três assistir a um show típico, denominado El Candombe. Era uma apresentação mista de canções e danças, onde eram mostrados todos os ritmos que compõe a cultura local, incluindo além do tango vários ritmos legados pelos escravos africanos, pois cerca de 9% da população uruguaia é composta por negros e mulatos.

Reservamos um dia para visitar Punta del Este. Foi seguramente o dia mais frio da jornada, agravado pelo fato de que choveu e ventou durante praticamente todo o passeio.

No caminho fizemos uma parada na Casa Monumento, do hoje saudoso Carlos Paz Villaró, artista plástico e escultor uruguaio internacionalmente famoso, que vivia num misto de museu e galeria de arte localizada numa vila paradisíaca às margens do Oceano Atlântico.

Punta del Este é a cidade dos endinheirados (o Uruguai é um paraíso fiscal) e tem intenso movimento turístico durante os três meses do verão. Entretanto, fica praticamente deserta no restante do ano, habitada somente pela pequena população local. No dia de nossa visita, tendo em vista as péssimas condições climáticas, parecia uma cidade fantasma daquelas que se viam nos antigos filmes de faroeste.

Estava tão frio que meu agasalho não era suficiente para me proteger. Fui obrigado a gastar alguns dólares e comprar um grosso casaco com capuz e como estava muitos quilos acima do peso ideal, fiquei parecendo um grande urso marrom. É obvio que ao chegar ao Brasil o casaco foi parar numa gaveta, de onde saiu raríssimas vezes, até que resolvi doá-lo.

Almoçamos muito bem no local. Guilherme foi de Pasta con Pollo (macarrão com frango); Teresa e eu dividimos um Frito Misto de Pescados inesquecível.

Num outro dia fomos a Colonia del Sacramento, uma pequena cidade à beira-mar que durante alguns anos foi dominada pelos espanhóis e em outros tantos pelos portugueses, motivo pelo qual fez parte do Brasil quando D. Pedro I anexou o Uruguai e criou a Província Cisplatina.

A arquitetura mostra os traços de ambas as colonizações.

No caminho passamos por uma pequena vila fundada por imigrantes suíços no século 19, onde visitamos uma pequena igreja, um hotel e um balneário. Houve ainda tempo para dois passeios gastronômicos.

Num dia em que finalmente o Sol resolveu dar as caras, fomos de táxi conhecer uma vinícola localizada nos arredores de Montevidéu, na Ruta 5 (Rodovia 5). Além de imensos parreirais e das instalações industriais onde se produzia o vinho o local possuía uma exposição permanente de carros antigos e um excelente restaurante.

Depois da visita guiada, Teresa resolveu experimentar o vinho e foi-lhe oferecida uma degustação de quatro tipos produzidos no local. Ela foi tomando os quatro pequenos cálices durante nosso almoço e pensou tratar-se de cortesia. Quando veio a conta, para seu espanto, aqueles pequenos cálices haviam custado 18 dólares. Refeita do susto, passou na loja ali existente e comprou uma dúzia de garrafas que trouxemos para o Brasil.

Numa outra ocasião saímos a pé e fomos almoçar no Mercado Municipal, à beira do Rio da Prata.

É um local muito limpo e em suas várias ruas convivem harmoniosamente várias barracas e lojas dos mais variados produtos agrícolas e industrializados, além de inúmeros restaurantes de altíssimo nível. O único problema é que todo o comércio local fecha às 16 horas, pois é uma zona muito perigosa para se transitar à noite.

Come-se muito bem no Uruguai e foi lá no mercado que esta constatação se confirmou. Guilherme mandou para dentro do estomago uma Tapa de Cuadril na Parrilla (Picanha na Brasa); Teresa e eu dividimos um Arroz de Mariscos, de cujo sabor me lembro até hoje.

Não poderia encerrar estas memórias sem destacar o sentimento nacionalista que domina o povo uruguaio, com o qual nós brasileiros temos ainda muito que aprender.

O Uruguai terminou a Copa do Mundo em 4º lugar, tendo perdido a semifinal para a Holanda e a decisão do 3º lugar para a Alemanha. Mesmo assim o povo saiu às ruas para uma estrondosa comemoração e uma grande multidão foi ao Aeroporto de Carrasco receber os jogadores como se fossem heróis nacionais.

E assim terminou nossa jornada pelas terras uruguaias. Para coroar, esqueci o cachecol ao passar pela máquina de raios-x do aeroporto.

Desembarcamos em Guarulhos num domingo, por volta das 15 horas. Meu taxista favorito, o sampaulino Gilberto, estava de plantão para levar-nos de volta a Vinhedo, aonde chegamos a tempo de ver o final de Espanha 1 x 0 Holanda, decisão da Copa do Mundo de futebol.



Aristeu de Campos Filho

Nasceu em São Paulo e reside em Vinhedo, SP. Publica no Facebook. Colaborador da Revista do Marambaia. Publicou **Da Vila Ede para o Mundo** e **Doce Infância e outras lembranças**, ambos pela Editora In House. Participou de diversas coletâneas. Premiado no 18º Concurso Literário promovido pelo Jornal de Itatiba, SP, e nos 30º e 31º Concursos Literários Internacionais de Cruz Alta, RS.

Contato: ari.campos@uol.com.br.

SINAIS

Quem nunca enfrentou um sinal?

O primeiro e mais importante, é o que nossas mães recebem, quando a bolsa aminiótica se rompe, dando o sinal que estamos prontos para ver a luz, para a alegria de nossos pais. Claro que podemos ter um sinal de nascença, só nosso.

Damos os sinais de fome, sono, doença etc. Com nosso choro de bebês!

O sinal esculpido nas pedras das cavernas, que indicam que os desenhos, são de pessoas ancestrais a nós. Sinal de que queriam que soubéssemos de sua linda presença em nosso planeta Terra. Civilizações que marcaram!

O sinal de trânsito que foi elaborado para preservar nossas vidas, ainda bem!

O da campainha da porta? Significa que alguém está à espera para nos ver.

Quando os relâmpagos riscam o céu com sua beleza amedrontadora e es-tonteante, nos dá o sinal que vai chover, e muito! Sinal que temos que correr!

Um sinal que marca nossas vidas, é o da escola... sinal da entrada e da saída!

O do apito do trem, sinal da partida e o da chegada, quando o maquinista puxa a cordinha.

Até nosso carro quando damos o sinal de partida, quando pega, sabemos que estará tudo bem!

Quando comemos, dormimos, nos divertimos bem e somos felizes, sinal de que está como desejamos. Nosso corpo transmite todos os sinais.

E quando um anzol sobe e desce na pescaria? Sinal de peixe no anzol!

O olhar de um apaixonado dá sinais mesmo que não queira demonstrar... desvia várias vezes, como se não estivesse interessado!

O sinal do rádio? Do telégrafo? Da televisão?

E o sinal de nossa fé? A cruz indicando que somos cristãos.

Quando os Reis Magos viram o sinal da estrela de Belém no céu, já sabiam que nosso salvador havia nascido.

O sinal da paz, quando a bandeira branca é hasteada?

Nas tribos indígenas, o sinal de fumaça dizia muitas coisas importantes.

Quando está sendo escolhido um Papa, enquanto a fumaça for negra, nada feito. Quando sobe a fumaça branca? "Habemos Papa".

Se somos convocados para um novo trabalho, ao qual nos candidatamos, sinal de que nos esforçamos o suficiente.

No aeroporto, o sinal da Torre é muito importante para a decolagem ou aterrissagem.

Em mil oitocentos e antigamente, se uma ópera ou peça, fosse levada, o sinal que estava um sucesso, o Teatro ficava cheio de cocô de cavalo em frente.

Hoje? Sabemos logo de cara. Sinal de que não acharemos vaga para estacionar! O sinal de cansaço de nossos olhos, quando lemos muito!

No Peru. Em Nazca, temos os sinais da visita de extraterrestres.

São tantos os sinais... só temos que aprender a observá-los.

EFEITOS COLATERAIS DO I9

Certa noite dessas, eu estava completamente sem sono. Resolvi me levantar. Foi o que fiz. Fui até o meu cantinho de escrever. Sentei-me em minha poltrona branca e, muito quieta, ouvi vozes, assim como se estivessem sussurrando para que ninguém ouvisse! Apurei meus ouvidos, e foi então que percebi, vinham do meu armário, onde guardo roupas. Apurando os ouvidos, percebi uma voz que dizia:

– Gostaria de saber o que está acontecendo com nossa dona... faz mais de quarenta dias que ela não nos solicita! Só a vejo abrindo o armário para organizar, mais nada! O que você pensa disso, macacão verde?

– Nossa, achei que era só eu que estava jogado para escanteio! Sei que sou um dos preferidos dela; eu me perguntava, será que fiz algo que ela não gostou? Faz alguns meses que fui com ela ao Rio de Janeiro. Até na Confeitaria Colombo ela me levou. Estava com uma amiga que ela chama de amiga-irmã! Sinto falta do carinho com que ela sempre nos tratou. Nos dá banhos com uma água perfumada que só! E no frio, nos aquece com o ferro de passar. E você, vestido vermelho, o que acha disso tudo?

– Como você sabe, só vou a bailes com ela. Adoro quando ela passa um perfume delicioso, calça as sandálias douradas e a bolsinha dourada. Quando está frio, joga uma estola nos ombros! Os outros companheiros meus de baile, também são solicitados. Só não gostamos quando ela promove um tal de desfile de modas. Desfilam outros que nem conhecemos, acho que são de lojas da cidade. De amigas dela sabe? Ela detesta faltar a algum compromisso agendado! E você. conjunto amarelo todo caprichado no laise?

– Sou bastante solicitado, até quando ela vai dar autógrafos. Já vi alguns de vocês também solicitados nesses eventos! Mas, vamos combinar, até biquíni amarelo, chapéu da mesma cor, até sapato amarelo, pode uma coisa dessas?

Nossa dona é amarrada mesmo nessa cor, até a família e os amigos comentam isso não é, óculos amarelo?

– Olha, bem lembrado. Para dizer a verdade, ela não gosta de sair sem a proteção contra os raios solares. E olha que ela é apaixonada pelo Sol – risos. Estou assustado com o que está acontecendo ultimamente; ela vai ao mercado sem batom! E usa uma tal de máscara na boca, parece que não quer ser reconhecida! Ave Maria! Ei, você aí, sapato amarelo?

– Não pise em meu orgulho! Acredita que assim que chega em casa, ela me troca por um chinelo chinfrim à beça! Me larga na entrada e sai em disparada, para lavar mãos e a compra que acabou de fazer. Faça-me o favor, até meus amigos de outras cores, estão magoados!

O tênis preto deu seu aparte:

– Eu pelo menos saio a passeio com ela, sempre em lugar que não haja ninguém, mas ela está sempre com essa tal de máscara. Nunca tinha visto ela sair sem batom! Será que está desanimada com a vida? Mas ela sempre foi tão alto astral! Não é, lindo biquíni amarelo?

– Sim, justo eu que sempre estou ao ar livre e ao Sol, ouço ela dizer que o Sol é seu amante. Sempre bronzeando e dando saúde a ela. Até suspira quando sente os seus raios a acariciando... Estou até embolorando aqui! Mas as calcinhas e sutiãs, troca todos os dias! Uma ingrata, isso sim! Fiquei sabendo que a roupa de dança, três delas, foram solicitadas!

A roupa da dança do ventre, uma delas, ficou ofendida!!!

– Deixem de pensar só em si mesmos! Isso se chama inveja! Temos que dar força a ela e não criticá-la! Quando ela nos veste, irradia alegria.

O chapéu preto e branco falou:

– Parabéns, vocês da dança do ventre são demais! Eu até me encanto ao ver a nossa dona rodopiando feliz da vida quando as veste!!!

– Ficamos quietinhas, aqui na caixa, ouvindo vocês. Claro que temos saudades das viagens, não é roupa de dança de jazz?

– Sim, adoramos ir para outros países, participar de concursos que o grupo da nossa dona participa! Ela ama dançar jazz. A professora é incrível!

As roupas de dança de outro grupo, estavam em cima do armário, mas senti todas elas loucas para dar um aparte. A roupa de organza azul céu, disse:

– Não é porque estamos escondidas o ano inteiro que deixamos de ser importantes! Uma vez ao ano, participamos com nossa dona em um concurso de dança também, delicioso!

– Ah! Quer dizer que quando ela põe vocês para arejar ao Sol, ela fica feliz?

– Claro, ela fica relembando, os prêmios ganhos em outras cidades – disse – a cor coral!

– Esqueceram-se de nós? Sem bijuterias e maquiagens ela não fica!
– Têm razão! – responderam em uníssimo todos ao mesmo tempo! E foi uma algazarra!

Com lágrimas nos olhos, resolvi dedurar minha presença:

– Oi, estou aqui!!! Não fiquem preocupadas, vou tentar explicar o que está acontecendo de uma maneira que entendam, OK? – ficaram encantadas ao notarem que eu as entendia e elas a mim!

– Vocês não queiram saber o que a humanidade está passando mais uma vez! É uma guerra silenciosa, de vida ou morte. Temos que ficar trancafiados em casa para fugirmos de um ser micro, que eu nem gosto de pronunciar o nome, – eca! – um vírus, que deram um nome: coronavírus! Cruzes! Mas vocês têm que saber. É por isso que não procuro vocês dia nenhum! A única coisa boa é que o nosso planeta Terra está se regenerando. As máquinas, os carros e as fábricas estão paradas. Milhões de desempregados. Nem vou entrar na questão política, senão todos vocês vão pirar – sorri interiormente, e continuei... – o nascer do Sol e o pôr do Sol nunca estiveram tão magníficos. E a Lua então? Ficaram tão belos que nem acreditamos nesse milagre. Os médicos, enfermeiras e todos que costumam prestar serviços normalmente, agora, correm risco de vida. Aliás muitos já perderam a vida! – falei isso com lágrimas nos olhos mais uma vez! Todas as roupas, sapatos etc, ouviam-me com a máxima atenção, consternados e em silêncio.

– Quando saio para caminhar com a roupa de ginástica, tenho que ir de máscaras. Para passar o tempo – esse maldito vírus nos obriga a não tocar em ninguém, nem em nossa própria família, sem abraços, nem beijos – fazemos ginástica em casa, on-line. Até tirei um dia para distribuir meus livros nos prédios vizinhos, de máscara, claro! Uma coisa eu prometo a vocês:

– Quando esse pesadelo passar, levarei todos para passearem ao ar livre, dançarem em festas que gosto muito e viajaremos para onde o dinheiro der. Temos que vencer este vírus maldito. Não se esqueçam que muitos de vocês atravessaram o século e o milênio comigo! – sorrindo por dentro. Apelidei o que estamos vivendo de salto quântico. Acreditam que estamos praticamente ignorando o ano 2020? Acho que vamos pular do ano 2019 direto para 2021. Pode uma coisa destas? O ano que estamos vivendo, por causa desse inimigo invisível, levou para o brejo nossas economias, nossa alegria e as esperanças também! Para nós humanos é um pesadelo. Claro que houve momentos parecidos em outras eras. Só que agora, sabemos tudo o que acontece no mundo inteiro, praticamente no mesmo dia. Mas, desculpem meu desabafo, vocês não precisam se desesperar, eu os protejo.

Então, passei a mão em cada um deles com muito carinho. Fui até minhas bijuterias e maquiagens, olhei-as e agradei também.

Fui vestir meu pijama de oncinha. Escutei alto e bom som!

– Venha para a cama, volte a dormir.

Eram meus lençóis, travesseiros e coberta reclamando minha presença! Fui para os braços do sono. Agora, pelo menos nos sonhos, sou livre. Faço viagens espaciais, vou até as estrelas e olho a Terra lá de cima, se Deus quiser. Amanhã será outro dia. Terei sempre histórias para contar!

Este momento quântico passará. Abraçaremos todos, inclusive vocês, que me vestirão! Nossas gerações futuras herdarão um planeta mais limpo e mais consciente. Sei que adoram dar um “tchibum” na máquina de lavar, saem de lá cheirosos e vão para o varal, balouçando para lá e para cá, até voltarem para o armário.

Saibam que todos os países na Terra estão vivendo o mesmo momento. Isto sim, nunca aconteceu antes neste nosso planeta azul. Boa noite! Não sei se foi o efeito colateral do que estamos vivendo, ou se estou maluca mesmo. Só sei que dormi como um anjo naquela noite. Contar pra quem???



Cacilda Franco Ribeiro

Escritora com vários livros publicados, inclusive pela Editora In House. Nascida em Agudos, SP. Com vários títulos, prêmios e mais de cento e oitenta medalhas obtidas em tudo que concorreu, tais como: vôlei, poesias premiadas, miss, danças, homenagens e teatro. Esposa, mãe, avó e bisavó.

FONTE PRIMORDIAL

Há uma força infinita
Em mentes sadias
No respeito pela vida

O amor é o maior
Legado da humanidade

Vem da fonte primordial
Não é aparência
Nem um ato superficial
A dádiva do amor!

É um manancial de beleza
Fonte rica de criatividade
Dos gênios celestiais

Traz em si a felicidade
Abrangendo fronteiras
No caminhar transpessoal
Experiências! Tecnológica e científica

Amar não é sofrimento
Água cristalina jorrando da fonte
Sutil olhar de quem sabe enxergar...
Segredos profundos
da evolução humana

Quem ama não mata
Não padece em sofrimento
Aceita! Sem sacrifício!
Amor não é apego
Amor não é paixão

Santifica a vida,
num tom suave de ser!



Liége Maria Esteves, nome artístico **Liege Esteves**.
Nasceu na cidade de Ribeirão Pires, SP. Sempre envolvida com artes. Fez cursos de balé, pintura, teatro e canto. Trabalhou como atriz profissional. Teve uma companhia de teatro infantil e teatro de bonecos. Deu aulas de balé, coreografou o show **São Paulo e a Garoa** no centro de artes Banespa. Autora dos livros: **Nós e Os Loucos**, **Viagem Poética**, **Versos & Versos**, **São Tantas As Razões I e II**. Participou de várias coletâneas e concursos.

E-mail: stivesliege@hotmail.com

AMPLITUDE

Era tão certo!
Mas, de repente, descobri incerto
Vulnerabilidade
Medo
Dor
Saudade
Não é só por gente que se sofre
Descobri em noites sombrias
O valor da vida
Descobri que sempre há o novo
Que basta sair do eterno lugar
Abrir as portas e janelas da alma
Ver além dos velhos muros,
Assim quero sempre ver o mundo,
Quero experimentar e marcar cada dia
Cada passo
Cada olhar
Quero assim, amplificar!

FUTURO

Ainda ontem eras meu maior anseio, hoje sinto que lido com você como menino ligeiro.

Você está sempre à espreita dos meus passos, me permite um presente rotineiro, mas de tempos em tempos aparece sorrateiro.

Me lembra que em breve vamos nos encontrar e na minha mente inquieta em muitas perguntas vou esbarrar:

Que fizestes ontem para me merecer de forma encantadora?

Que plantastes anos a fio, para que eu possa lhe florir?

Quanto de amor espalhou, para agora me cobrar o retorno, a companhia e a paz?

Você faz parte de mim, eu faço parte de você!

Assim entrelaçados, quero um dia, olhar pra trás e dizer:

Fizemos um bom caminho desde o início até o anoitecer!



Susana Bueno de Souza

Fonoaudióloga e Psicopedagoga. Especialista em voz. Membro da sociedade brasileira de Fonoaudiologia. Autora da obra **A Fonoaudiologia no Âmbito Escolar** - Ed. LiLivros. Escritora responsável pela página: **Uma cronista accidental**. Participante de inúmeras antologias da In House. Prêmio IGES de Poesia 2020. Arte à flor da pele. Jundiá, SP

CORAÇÃO DE MULHER

Tem dia que ela chora
Parece se lembrar do útero em que vivera outrora
Tem dia que ela põe a mão no útero e demora
Pinga uma lágrima pelo filho ido embora
Tem dia que ela ora
Curvada, ao tempo ignora
Não parece se dar conta
Que em choro se desmonta
Vi uma delas habilidosa
Triste pelos cantos sem saber fazer o quê!
Que óvulo e espermatozóide
Não se juntem para entregar-lhe um bebê!
Também tem aquela agora
Que chora em silêncio
A partida mortal do amado
Que foi antes do combinado!
Tem uma bem alegre pela cidade
Contagiando até a mocidade
Mas em casa chora abandonada
Mesmo que fora mãe de seis filhos ausentes!
Teve outra, enfermeira
Que de muitos foi parteira
Hoje vive só na soleira
De sua casa solitária
São tantas delas
Cuidando sozinhas de filhos lindos
Especiais *ab* útero ou por lesão do mundo mau
Em disfarce secando lágrimas que pingam sem parar!
Houve outra chorosa
De decepção por ser rosa
De um espinho pretensioso
Metido a príncipe charmoso
O que fazemos com aquela
Que vê sua menina linda
Antes de fazer 15ão

Já trazendo no braço lindo bebezão?
Tem aquela
Que sabe que é bela
Mas que mangam dela
Por ser da cor de Mandela
Vi a outra
Que era sempre neutra
Não mostrava seu choro
Curtia a paixão secreta
E ainda outra bem magra
Coração mergulhado em praga
Pelo seu amor que sempre nega
Que está mergulhado em droga
Essas outras, antes do 18tão
Já sonham com os corações
Entregues a solidão:
Seus corações perderam a razão! (Juram que o amor não existe!)
O coração dessa penúltima
Está aberto em minúcias
Dando um clamor último
Que seu Homem lhe peça perdão!
Aprovada no vestibular
Esta só quer estudar
Na tentativa de curar
Sua alma divorciada do amor
Cada uma sabe aquilo
Que lhe vai ao coração
Merecentes todas de respeito dedicado
Dependentes todas da mais dedicada Oração.



Osnir Gonçalves Ferreira

Nascido no estado do Paraná em 1975. Bacharel em Música pela Unesp. Vencedor do Concurso Mapa Cultural Paulista. Poeta e Compositor. Regente do Coral CCNA de Francisco Morato. Pastor.

ASSIM ERA O AMOR



112

Hoje tão diferente, se declara sem cerimônia,
Antes era cultivado, suspirados pelos cantos,
Olhado pelas frestas e admirado.

Era seguido e perguntado,
Precisava de certeza e à mesa era evitado,
Bastava se distrair para ser observado.

Perguntava-se várias vezes: será que é?!
Ocupava os pensamentos e se fazia de tonto
Mesmo que não se desejasse, era.

Intenso e onipotente,
Nem fechando os olhos o deixava de ver.

Como era pleno!
Como era puro!
Se imaginava o único saber das intenções,
Mas esconder era inevitável.

Via-se sorrindo e fazendo planos,
Sonhando e divagando,
Estar enfeitado o fazia notado.

Quando acontecia, enfim,
Aquele encontro tão esperado
E o beijo há tanto tempo guardado,
Sentia que era o momento da vida mais iluminado.

Sempre era a primeira vez,
Uma novidade e a timidez.

Esse era o início de tudo.
O começo, a semente,
Passo a passo, sem qualquer embaraço.

Tudo lindo, encantado e muito desejado.



Sandra Regina Librelon

Advogada, Educadora e Escritora. Autora de dois livros infanto-juvenis: **Chilling Stories - Historinhas de arrepiar** e **O fantasma do aniversário**. Também publicou o livro jurídico **Sob Controle - Assédio Moral No Âmbito Religioso**. Participou de diversas antologias da Editora In House.

A SINFONIA DO SILÊNCIO

E foi por encontrar o seu olhar um dia
Que entendi o que os livros já não falavam
A harmonia que começa no silêncio
Que palavras podem matar e abraços curam

Que um boa noite salva um dia
Que oratória não vale sem sentimento
Que ajuda casa com anonimato
Que o melhor fim para ofensa é o perdão

Que caminhamos para a luz mas é preciso abrir os olhos
Que todo dia se nasce
Que cada acordar é uma chance
Que amar é uma expansão universal

E sim, que o silêncio é uma prece

ANTES DE FECHAR OS OLHOS

Quero encostar a cabeça em seu peito
E esquecer o mundo
Me embriagar em seu cheiro
E cair nos seus braços

Quero que ouças dois corações em compasso
E o devaneio de uma vida
Serás sempre a lembrança mais querida
Meu fim de tarde para eternidade

Quero no beijo de boa noite
Acreditar no bom dia
E te olhar com um sorriso bobo
E adormecer extasiado

Antes de fechar olhos
Por fim
Quero que o meu silêncio te dê a certeza
Que o amor não cabe nas palavras

LEMBRAREI VOCÊ COM AMOR

Mesmo que o tempo me falhe as memórias
E as cores de tudo não me pareçam tão claras
Mesmo que a inocência de um dia se perca
E o caminhar de uma vida me torne duro

Mesmo que a sua lembrança seja o aroma de café
E a tarde esteja vazia
E ainda se a minha sanidade fraquejar
A medida que os cabelos embranquecem

Ainda assim
Lembrarei você com amor
Porque seu estar virou melodia
E o meu ser traduziu canção

TUDO PASSARÁ

Não sei dos monstros que se escondem no escuro
Nem da dor pungente nas suas horas vazias
Não sei se o silêncio é paz ou armadilha
Mas estou aqui

Se não puder ser cura
Serei a lágrima conjunta a formar um rio
Porque me importo
E sua dor dói em mim

E mesmo que eu não entenda a explosão de todas as suas cores
E o contexto dos seus amores
Ofereço-te o meu jardim

Tenha fé no futuro
Mesmo a mais longa noite passará
E o Sol voltará a nascer.



Damião Nascimento

39 anos. Itupeva, SP. Pseudônimo: **Dam Nascimento**. Eu escrevo desde os 14 anos; por um tempo poesias, também enveredando para crônicas sociais e romances. Já participei de algumas antologias poéticas e tenho uma coluna social no Jornal de Itupeva. Publiquei: **O Enigma dos Santucci** (2008) e, em 2013, fui premiado no concurso: Poesia e Movimento.

Abraço as **mudanças** e abandono as fachadas inúteis.
Aceito e abençoo o novo **desenho** da minha vida,
encantada com a trama de fios tecida pelo mágico universo.
Aconchego-me a **ELE** que me aponta os **sinais**
para caminhos pincelados de **SUA** luz!

CONFIDENCIAL

Quero arrebeitar esta **crosta embolorada** que se formou na minha cabeça atrofiando neurônios!

Cansei de mentiras e autopiedade.

Abomino este marasmo ridículo e ranços em que a vida se transformou.

O conflito interior não me deixará viver em paz até que eu **desintegre** da tanta exacerbação!

Deus do céu:

Me ajuda?

Me entende?

Me deixa ser valente e covarde?

Me deixa ser forte e frágil?

Me deixa existir sendo eu mesma?

Quero **vomit**ar essa mágoa que estoura minha resistência.

Preciso assumir o **monstro de várias cabeças** que me deteriora neste hoje furioso e amargo!

Perder ou ganhar... importa a definição desta descomunal descrença na qual mergulhei!

Me mata?

Me liberta?

Me faz outra pessoa...

Sem **disfarces** e perfis aceitáveis.

Sem **protótipos** que mais se assemelham a falsos e medíocres anjos.

Me arranca de mim?

Me faz desenraizar deste solo obsoleto?

Me ajuda na busca do equilíbrio e da serenidade?

Me enterra e desenterra... sem **padrões envelhecidos**.

Deus-Pai, me entende a **SUA** mão!

Uma cortina semicerrada
e, a sorreteira espiada no
"eu"... **enovoado e
amorfo**, porém, vivo!

EFLORESCÊNCIA

À mercê do tempo, procuro refletir-me em algo vivo que, reme-
xendo-se, lembra um frágil embrião em meio a um **nítido apocalipse!**

Esse algo vivo que teima em existir nas minhas entranhas, grotes-
camente, empurra cinzas de uma "queima" que me atormenta pela
destruição de valores antes sonhados e agora... perdidos!

Onde o espírito adolescente que, obstinado, lutava para vencer e,
neste hoje conformista, desapega-se anulando questionamentos da
vibração, antes somente "pele"?

Penso em salvaguardar o meu lado bom e sensível mas, agarrar-
-me em quem e no quê?

O "nós" tão indefinido, mesclado a momentos traduzidos em
lembranças remotas...

Doces recordações amarelecidas como páginas de um livro, úni-
co e desafiante, mas que mereceu apenas um pequeno espaço de
prateleira, construída às pressas, sem a percepção do esquecimento!

Subsisto em meio às sombras do indefinível desastre, rezando
para que alguma semente submersa ainda se **atreva à afluorescência**,
ressurgindo para o "resgate"!



Anna Maria Gallo

Escritora, Diretora e Pedagoga.

Participantes de inúmeras antologias da Editora In House.

T-TUDO OU NADA

Por vezes tudo que temos a dizer é nada,
Os pingos nos is deixam de ser necessários,
Os acertos de conta não fazem mais sentido,
E as palavras não brotam mais da minha boca como antes,
De repente, as coisas se alteram de um modo
Que não conseguimos sequer pescar no meio do caos
O porquê elas mudaram tanto.

Sinto que tantas são as vezes que elas nem mudaram,
Eu mudei, vejo diferente, vejo tanto o presente
Quanto o quão ausente, foi a nossa conversa,
Então a conversa se foi, ficamos mudos,
E cada momento se transforma em um mar de pensamentos
E os pensamentos seguem enfileirados,
Às vezes lado a lado, mas nunca de modo ordenado.

Posso sentir o teu nada,
A tua falta de desejo, a tua falta de querer,
Posso sentir todos os teus nadas,
O seu não pensamento em mim,
O seu não respiro, nem suspiro,
Posso sentir o teu cheiro sem perfume,
Ou o teu sorriso sem dentes.

De tudo que tinha sem nunca ter tido
E sinto sem nunca ter visto,
Algumas coisas ainda me fazem falta,
O tempo que não vivemos juntos enquanto
Estávamos juntos, segue inexorável.

De um lado da plataforma estou eu,
Do outro está você e entre nós passa esse trem
Que não para em nenhuma estação,

Não sei se fui eu, não
Não sei se foi você, nós ou ninguém,
Mas alguém mudou tudo,
E meu tudo virou nada.

A noite segue calada,
Doída, condoída,
Seguem os maltrapilhos sentimentos
Vivendo de migalhas buscando
No meio fio o conforto
E eu sigo essa estrada sem rumo
Sem barulho, sem música ou rumor.

Sigo no orgulho, destruído,
No, sei que nada sei, de cada dia,
Sigo na falha, no afogo, no respingo,
No retirado, sigo sim com medo,
Mas sigo porque nada me resta,
Nada resta,
Nesta festa de nada,
De sonhos perdidos, de olhos destruídos
E corações destituídos, nada resta.

Às vezes de testa erguida não mais por altives
Mas porque me doe a coluna toda arcada
Depois de tanto viver do nada

Que pesou sobre mim na velhice embasbacada
Ao descobrir que a juventude trouxe consigo
Um caminhão de comigos,
Uma festa de autoestimas destruídas
Impossibilitadas de elevar o outro,
De amar o outro,
De viver com o outro,
Porque não sabem mais quem são
E aqueles que tem mais que nada
Dentro de si, passam a ser Incompreensíveis,

Assim como me tornei para você,
Assim como hoje sou para mim.

E neste redemoinho de nadas,
De todos e tapas
Sou obrigado a escolher,
Sabendo que no tudo
Resto sem nada,
E que no nada, sigo com tudo
Que não tenho,
Ainda com medo,
Mas talvez com seu dedo
Entre os meus,
calejados,
Arcados, tentando escolher
O tudo, ou o nada.



Devair Ahrens

Psicólogo, sexólogo, 50tão, meio brasileiro, meio italiano.
Apaixonado por como a linguagem muda nosso meio de ver
a vida e o mundo.

DISFORIA

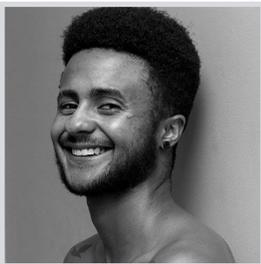
Cada cicatriz é uma linha da minha história
Carrega tantas memórias
Elas falam muito sobre mim
Sobre tudo que passei e me trouxe até aqui
Meu corpo pode falar por si só
Na pele, as marcas, reflexo da minha dor
Nos olhos faltam o brilho, que foi levado pelo medo
Eu vivo sendo tomado pela sensação de que me falta algo
Estou o tempo todo fazendo uma comparação
Entre quem eu sou e quem eu gostaria de ser
Ou seria o que eu gostaria de ter e não ter?
É difícil saber
Eu nem sei o que dizer...

Minha querida disforia
Eu era tão feliz quando não te conhecia
Quando eu não sabia o quanto você doía
O quanto podia me machucar de dentro pra fora
O quanto faria com que eu quisesse ir embora
Mas de que adiantaria?
Você ainda me seguiria
Você se faria presente
E eu me sentiria ainda mais insuficiente...

Às vezes eu penso que,
Eu queria ter nascido cis
Talvez eu fosse mais feliz
Talvez eu não sentisse mais medo
Talvez eu não me comparasse com quem
Eu queria ser porque eu já seria,
Eu já teria...
Mas do que eu me orgulharia?

Hoje eu me orgulho de quem sou pelo que eu passei,
Pelo que aprendi, por onde andei
Meu corpo é minha morada
Mas eu continuo querendo fazer reformas nessa casa
Às vezes, eu me pergunto,
E quando essa reforma acabar, e tudo de fora estiver no lugar,
Será que o que tenho guardado aqui dentro vai se encaixar?
Os pensamentos farão sentido
E eu ficarei totalmente de bem comigo?

Espero ansiosamente por quando esse
Algo vai acontecer e eu saberei como responder



João Daniel

23 anos, trans não binário, preto, candoblecista, militante e poeta. Atualmente tem como inspiração sua luta e a de pessoas à sua volta. Quem já leu algo seu sabe que escreve de forma intensa e profunda sobre assuntos que algumas pessoas ainda não entendem, porém ele faz com que, um assunto que possa parecer complexo, soe de uma maneira mais simples. Apaixonado pela mulher e a família que estão construindo que hoje conta com o casal e mais quatro animais de estimação.

A ARTE DE VIVER

A vida deve ser vivida com toda a sua verdade, pois ao nascermos, nossos sentidos já começam a aparecer e, de certa forma florescer, pois tudo é novidade para eles.

Porém, amparado pelo amor de quem nos deu à luz, sentimo-nos vivos e protegidos com a descoberta desse mundo novo que agora nos cerca.

Ao crescermos, as curiosidades e novidades despertarão pela vida afora, fazendo, sempre, adquirirmos conhecimentos e valores que nos fortalecerão pela jornada que se seguirá, despertando nossa intelectualidade e valores que nos farão sentir mais solidários aos nossos semelhantes!

A vida seguirá dessa forma. Constituiremos nossas próprias famílias, que nos engrandecerá ainda mais, aprendendo e descobrindo os fatores que despertarão nosso processo evolutivo. Um eterno aprendizado!

Porém, uma coisa é bem certa: quanto mais vivemos, maiores conhecimentos serão absorvidos e aprenderemos muito mais.

Há quem diga que quem passou pela vida e não soube despertar conhecimentos, não evoluiu. Acredite também na máxima: "passou pela vida, mas não viveu!"



Carmen Sílvia Pereira

É natural de Ituverava, SP. Professora especializada na pré-escola, atriz e diretora de produções teatrais. Participou de diversos cursos e oficinas de dramaturgia para televisão e teatro. Publicou os livros com peças de teatro **Texto em contexto** - Volumes I, II, III e IV e os romances **Selena** e **Violino Cigano** pela Editora In House.

SER FLOR

Flores são flores,
Vivas num jardim ou num vaso
precisam elas de cuidados
todos os dias
Regar, semear, sol, ar, carinho
assim...

FLOR todos dias é a mulher...
Escolhida por ser merecedora
Acolhida pelo seu perfume e beleza
Cultivada sem dó por alguém que diz amá-la,
Por ter medo de ficar só...
Já que VOCÊ me colheu sem dó, me aperte, me pegue,
me chame de FLOR até que eu esqueça
meu nome e... sussure o seu.

Floresçam os botões ainda fechados e que você
Venha com a missão de tirar os espinhos deixados
Regar a terra sedenta de amor e carinhos
Colher cada pétala, tocar suavemente,
Sentir sua leveza...

Chegou a hora!
Impossível deixar o passado para trás,
As experiências e vivências desse passado
que me trouxeram
a esse presente maravilhoso

Posso não ser o exemplo do que é considerado o mais decente e, sim, do que é considerado honrado. Visto que o único que poderia ser prejudicado é quem soube me compreender, pelo simples fato de me sentir e foi surpreendido. Prometo sempre levá-lo tão longe quanto possa ir, sem o impedir de levá-lo ao seu limite.

PERMITA-SE

A beleza agrada aos olhos
mas são as doçuras das ações
que encantam a alma

Tantas frustrações e decepções,
Perde-se a inocência,
Policiemo-nos para não
endurecermos nossos corações
e ajustarmos nossa alma,
se quisermos ter doçura nos olhos

Permita-se ser o que é.
A beleza agrada os olhos,
Constata-se que a doçura
das ações encanta alma,
Tantas decepções, frustrações
Perde-se a inocência, a doçura dos olhos.
Sem trocadilhos
Ligue o foda-se.
PERMITA-SE SER FELIZ!



Katia Maria Moratore

Nascida em São Paulo, em 16/06/64. Mora em Vinhedo, SP. Graduada em Administração de Empresas e Pedagogia. Trabalhou durante muito tempo com confecção de bijuterias e artesanato. Mãe de Pedro (20) e Julia (18). Há 17 anos teve um Aneurisma Vascular Cerebral, que deixou como seqüela o lado esquerdo do seu corpo paralisado. Escreveu e publicou os livros **Descobrimo meu novo corpo após um AVC** (2005) e **Curiosidades e desafios de uma nova mulher** (2009).

Felicidade é um estado de espírito presente. Não podemos ser felizes no passado porque o passado é apenas uma lembrança; tampouco podemos ser felizes no futuro porque o futuro é apenas uma promessa. Felicidade é algo que acontece em um tempo chamado agora!

Contato: kamoratore@hotmail.com

ARTE ETERNA DE VINICIUS DE MORAES

Eu sei e você sabe já que a vida quis assim
Que nada nesse mundo levará você de mim
De tudo o meu amor serei atento
Pois tu és o meu sonhar
Tome cuidado, menina porque sou capaz
Do beijo lhe roubar.

Quando tu passas por mim
Passam saudades de um tempo
Leva-me a um tempo sem fim
Que eu vou te seguindo em pensamento...

Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer
Se todos no mundo fossem iguais a você
Que maravilha viver
Pois todos os caminhos me encaminham pra você.

Ah! Eu não sei como vai ser
Que vou fazer?
Eu sei que vou te amar
Eu sei que vou chorar.

Você já chorou de dor? Pois eu chorei!
Eu sei e você sabe que a distância não existe
É melhor ser alegre que ser triste
A alegria é a melhor coisa que existe.

Coitado do homem que vai atrás de mandiga de amor,
Eu francamente já não quero nem saber
De quem não vai porque tem medo de sofrer
Para viver um grande amor.

Não quero perder nada da vida
Como um desejo de viver sem me notar
Feito um despeito de eu não ter
Como lutar.

Tento compor o nosso amor, toda loucura, todo martírio
Dentro da tua ausência
De uma paixão imensa
Por isso meu amor não tenha medo de sofrer
Pois todos os caminhos me encaminham pra você.

Para viver um grande amor
Há que fazer do corpo uma morada
Onde closure-se a mulher amada
Se algum dia a tristeza quiser entrar... é
Porque o perdão também cansa de perdoar.

Às vezes quero crer mas não consigo
É tudo uma total insensatez
Se foi pra desfazer, por que é que fez?

Se tu soubesses no momento todo o arrependimento
Como tudo entristeceu
Mas cada volta tua há de apagar
O que essa tua ausência me causou.

A vida não é de brincadeira
A vida é arte do encontro
Embora haja tanto desencontro
Quem dera todo mundo fosse assim como você
Pois todos os caminhos me encaminham pra você.

A vida não gosta de esperar
A vida é pra valer.
Assim como uma nuvem só acontece se chover
Assim como o poeta só é grande se sofrer.

Através da poesia, encontrei a melhor forma de expressar a **Arte Eterna de Vinicius de Moraes**, usando como referências as seguintes músicas que me inspiraram para compor os versos:

- . *Eu não existo sem você*
- . *O beijo que você não quis dar*
- . *Quando tu passas por mim*
- . *Se todos fossem iguais a você*
- . *Eu sei que vou te amar*
- . *Sabe você*
- . *Samba da bênção*
- . *Canto de Ossanha*
- . *Como dizia o poeta*
- . *Falso Mendigo*
- . *Gente humilde*
- . *A rosa desfolhada*
- . *Para viver um grande amor*
- . *Regra Três*
- . *Cotidiano*
- . *Apelo*



Geraldo Enfeldt

Nascido em Jundiaí, SP, em 19/10/1945. Engenheiro agrônomo, aposentado em 30 de junho de 2015. Trabalhou durante 39 anos no Ministério da Agricultura, Superintendência Federal em São Paulo.

E-mail: enfeldtg@gmail.com

SINTA O MUNDO COM AS PALAVRAS

Sinta o mundo através das palavras escritas nas páginas do livro da sua vida.

Porque viver é respirar os verbos:

Pens ar

Lut ar

Chor ar

Cri ar

Brinc ar

Or ar

Sonh ar

Am ar.

O vocabulário é imenso e infinitamente inédito.

Não há limite de palavras conhecidas, sempre tem mais palavras para conhecer e mais verbos para viver.

Transforme a história da sua vida no dicionário completo de palavras novas de todos os idiomas ou em grandes aventuras, romances, dramas, comédias, mas não aceite terrores e permita somente os amores.

O importante é que a sua história seja original, que cada sensação e sentimento vivido seja traduzido com palavras verdadeiras e que com cada palavra nova aprendida seja possível encontrar mais sentido nos desafios de cada dia.



Sandra Albuquerque Torres

Jundiaíense. Professora e Escritora. Especialista em Alfabetização e Letramento, Educação Especial e Literatura. Autora dos Livros Infantis **Versos divertidos** (2017), **Amizade de Minhoca** (2018), ambas pela Editora In House e outras participações em coletâneas poéticas. Organizadora do Projeto Hi Portuguesa que divulga a Língua Portuguesa nos EUA (2019).

ISSO É QUE É O BRASIL?

Então isso é que é o Brasil? Esses dias uma velha ficou três horas na fila do P. A. Que tormento. Dei meu lugar pra ela. Sei que artrose é de matar. Meu pé? É só um corte, vai melhorar.

E ontem, que perdemos mais um? Era amigo das ruas, Jacinto. E hoje é domingo. Dia de Ceia. O pão é colocado na mesa, mas o vinho no recinto não é do tinto. Ele vem da jugular do Jacinto. Faminto. Não podia comer, não podia roubar. Decidiu é rasgar o pescoço com uma faca-de-cozinha, usada tanto para cortar galinha, como para cortar a dor.

A doença que mais mata no Brasil é ter sangue de barata. Sei disso. Sei disso. Então isso é que é o Brasil. E ainda dizem que brasileiro é cordial. Meu cu que é cordial. Não pode dizer palavrão? Não sabia, foi mal. É a força do hábito. O que pode, então? Fingir ser alguém que não é? Isso pode?

Já vi Sarinha tomar coca de canudo só para acabar mais devagar. Se comprar mais uma lata não sobra dinheiro pro jantar. Até que eu me comporte bem, mamãe... será que no Natal ganho uma boneca? Boneca ou calcinha. Boneca ou minha. Boneca ou mantinha. Vem um frio, e o que a menina faz? Vai se esquentar com a boneca? A verdade é que ninguém liga. Conquanto, que se encha a barriga, pode largar a gente aqui. Lugar da gente é na rua mesmo. Às traças. Já aprendi. Aprendi a gostar daqui. Não é o que dondoca com a cara toda inchada de Botox diz? Quero ver arrancar o mal pela raiz. Infeliz. Falar da gente é fácil. Quero ver passar o que a gente passa. Viver catando lata pra ganhar uns trocados. Pra tomar um café diferente. De repente, um reifer, weifer, sei-lá-como-diz.

Então isso é que o Brasil? País de gente feliz. De gente que empina o nariz. De gente que sai por aí rebolando. Eu rebolo também. Mas meu rebolado é outro. Aprendi com dezesseis a pernoitar em cafofo de maluco. Jogar perna pro ar. Rapaz. Se aparecer rapaz bonito, já sabe. Rapaz engomadinho dá um dinheiro bom. Pena que na cama é um bruto. Já perdi até dente uma vez. O verme se empolgou. Meu único dente bom, filho duma mãe. E quando vem aqueles surrados, fedidos? Não tem pra onde correr. É matar ou morrer. É engraçado.

Vou dar um recado: pra quem diz que sou largada, aqui ó! Já quis casa. Mas pra ter casa tem que ter trabalho. Pra ter trabalho tem que provar ter casa. Eu tenho é cara de palhaça?

Então isso é que o Brasil? Ganhar em cima dos outros? Tô fora. Prefiro minha pobreza. O dia em que eu quiser ser má eu falo. Eu aviso. Ainda tá dando pra segurar as pontas. Ainda tô dando. Não tenho nem conta de luz. De água, de gás, de nada. Nem vem cobrar imposto da minha calçada. Agora chega, não quero mais. Isso é pura propaganda. O que dá audiência é fofoca de famoso. Para. Não me encara. E tira esse microfone de vez da minha cara. Vá em paz.

O POETA QUE VIROU POESIA

Penso nele, noite e dia
No poeta que virou poesia
Nas suas cartas escritas à máquina
E nas letras que em sua teia pendiam
Com dez patas a vida tecia
Passava a vida tecendo
Pacato.

Calculando as humanas
Em arte abstrata
Tudo na mente do morto-poeta
Que presta, que testa
Termina e detesta
A obra que um dia
Lhe rendeu aplausos.

Escreva, anote em cima da mesa
E use e abuse da folha indefesa
E risque...
Faça da noite sua presa
Como se lhe custasse
A vida inteira.

Eu sento, me curvo
Acendo uma vela
E o poeta é o choro
Na minha janela.

Que dança no tempo
Escorre depressa
Que pingou na folha
De papel impressa.

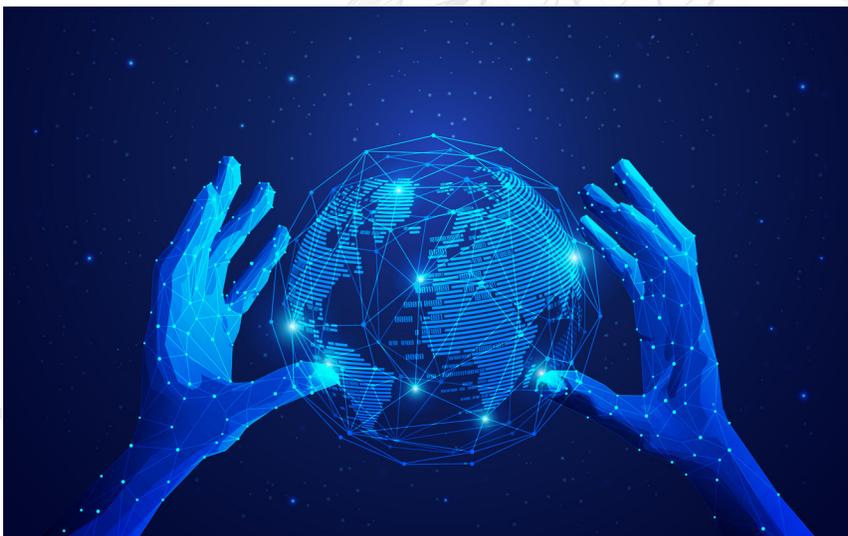
Desenhou borrões
Como a aranha tecia
Com suas dez patas
E virou poesia.



Bruno Marin

Escritor e ator de Louveira, interior de São Paulo. Nascido em 1996 na cidade de Santo André, SP, deu início à vida artística com poemas e crônicas. Participou de antologias junto à Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA) e, no campo cênico, recebeu prêmios no Festival de Teatro de Vinhedo (FESTEVI) a frente de espetáculos como **Onde Está o Seu Pudor?** e **Sonho de Uma Noite de Verão**. Foi primeiro lugar na II Mostra Literária da rede SESI-SP em 2014 no gênero Poesia. Para mais informações sobre o autor e sua obra, escreva para brunomarin@uol.com.br.

A CHANCE



134

Era de tardezinha, uma voz gritou no portão. A pandemia tinha há pouco se instalado. Conservei-me quieto, no andar de cima do sobrado, só aguardando a esposa ir atender ao pedinte. Sabia que ela tomaria todos os cuidados, como o uso de máscara e o distanciamento. Passaram alguns minutos e, sem escutar nenhuma movimentação ou conversa, fui espiar na sacada; e o enxerguei já no outro lado da calçada. Na realidade, eram três: o rapaz, a moça, e uma criança de colo. Tentando se comunicar através do interfone, nem esperei pelo desfecho, sem saber se esses foram socorridos. Todos estavam bem vestidos, mas, em tempo de desemprego, pandemia e calamidade pública, nada disso quer dizer alguma coisa. Estariam com fome! Ou pedindo dinheiro para suprir necessidades? Julgá-los nem pude mais, porque minutos antes, tinha feito isso. Sem coragem para chamá-los e tentar contornar o erro; que só eu sabia que tinha cometido. Quem sabe serviria também para diminuir o remorso e afastar a vergonha que de mim sentia. Tinha certeza absoluta de que minha esposa não os ouviu, pois teria ido atendê-los e, certamente os socorrido. Naquele hora, ela se ocupava lavando o piso do quintal e o barulho da água, ao ser esguichada, encobriu o som da voz do pedinte. Pensei comigo: acabei de ter sido reprovado no teste da solidariedade ao me omitir em auxiliar o casal com um filho. Impossível foi não me recordar daquele, que junto com mãe e pai, fugiu

da perseguição de um rei, e teve como companhia a estrela de Belém. Estavam ali, novamente representados, outros refugiados; ao tentar se livrar da fome, do frio e de uma infecção viral. Ironicamente, expondo-se ainda mais, para sobreviver diante da crise econômica. Reapareceu à minha mente uma frase secular: “Ao fazer o bem a um pequenino, estarão fazendo a mim também”. Lamentei ter perdido a oportunidade, clamei por perdão, olhando para o céu. Acho que, se nem a mim o gesto convenceu ou consolou; imagine a Ele, apesar de misericordioso e bondoso. Resolvi clamar em busca por uma nova chance; que dessa vez mandasse bater à minha porta, a exemplo de outro Santo, esse o de Assis. Confiante em ser escutado em meu pedido, aguardei. Juro pelas estrelas do céu, pelos peixes do rio e do mar, e tudo mais que Ele criou; ao entardecer do dia seguinte, o enviado felizmente surgiu. Talvez no mesmo horário do dia anterior, sentou-se um homem do lado de lá da calçada, na mesma direção da minha casa. Com uma placa de papelão, forrou o chão frio para dormir. Desci as escadas eufórico, fui direto relatar à minha esposa o “milagre”. Agora, era Ele que estendia a mão em minha direção, não para pedir, e sim, para me conceder a chance da remissão. Agarrei-a com todas as minhas forças, dessa vez, o pão seria, enfim, dividido. Qual foi minha surpresa ao ouvir o homem agradecer do portão usando de um sotaque parecido com o do italiano. Mas, o que menos a mim importou, era saber de onde vinha aquele cavalheiro.



Evandro Fernandes da Silva

Natural de Jundiaí. Membro da Academia Jundiaense de Letras e autor de diversos livros, entre eles, os **Vida e Morte de Olympia**, **O penetra**, **O levante dos oprimidos**, **Na esquina de batom**, **Tonico Perê**, **Vida e Morte de Olympia** (contos) e os infantojuvenis, **A menina que tinha medo da meia-noite**, **Leticia**, **a lagartixa**, **A fuga da bailarina da caixinha de música** e **Marcelinha**, **a aranhinha**.

A MARCA DA ESCRITA

Apenas papel e caneta,
Abrir a mente e se deixar levar,
Dessa forma você pode marcar a história,
Trazer alegria e despertar sentimentos. Criar bons momentos.

Criar universos que podem salvar,
Histórias que vão cativar,
Registrar momentos que podem a saudade sarar.

Livros são portas.
Caminho para iluminar corações escuros
Alimento que sacia a sede de conhecimento
Incentivo à criatividade, que te salva de uma difícil realidade.

Deixe suas pegadas nessa terra através das palavras,
Para que outros encontrem seu próprio caminho.
Para que você seja feliz com você mesmo
e faça outras pessoas sorrirem também.

Registre seus momentos,
Crie e imagine.
Escreva para marcar e leia para ser marcado.
Deixe seu legado!



Ana Clara Santos Cavalcante

Tem atualmente 14 anos de idade, ama ler e escrever, possui um Instagram literário para influenciar outras pessoas a adquirirem esse hábito também, esse é o seu terceiro poema publicado pela Editora In House, ela também gosta muito de robótica (participa de torneios) e música, em específico o piano.

Contato: aninhaccavalcante8@gmail.com

A NOITE

Ao cair da noite,
as luzes se apagam
as vozes se calam
o silêncio invade
todo o meu ser.

Uma mistura pulsante
de sentimentos constantes
do medo paralisante
à felicidade estonteante.

O cansaço se vai.
O corpo se acalma,
pois sabe que chegou a hora
de aos sonhos se entregar.

As horas se passam,
adentram a madrugada.
E a que outrora fora apenas uma noite,
serena, suave e tão plena
me acorda com um sopro.
Um beijo no rosto
Da aurora do amanhecer.

QUEM SOU EU?

Sou luta
Sou força
Sou guerra.

Sou medo
Sou dúvidas
E anseios.

Sou sonhos
Sou emoções
E desejos.
Sou a calma
Sou a paz
E o silêncio.

Sou trevas
Sou luz
E inquietações.

Sou vivo
Sou inteiro
Sou intenso.

Sou perguntas
Sou respostas
E afirmações.

Quem sou eu?
Sou a complexidade
Em meio à simplicidade.

O FIM DO DIA

De repente, o cansaço
preenche todo espaço
de um corpo vivo e atarefado.

Assolado e estafado
se rende ao descanso vivificante,
repleto de sonhos fascinantes.

Aos poucos cessam-se os medos,
cura-se a dor,
restaura-se o desejo,
renova-se a capacidade
de se reerguer com vontade
E começar tudo outra vez.



Kelli Cristina Candido de Lima

Nasceu em 1979, na cidade de Jundiá. É casada e tem dois filhos, Pedro e João. Autora dos livros **Aprendendo com as diferenças**, **O pequeno caixote azul**, **O barquinho de papel** e **O aniversário do elefante Simão**, sempre foi apaixonada por livros e pela educação; e este amor é o que a motiva escrever suas histórias e poesias.

O ESCRITOR PODE LER O INFINITO

A noite se revela inteira. Brincam estrelas. Poderosa, orgulhosa, a dama Lua passeia com luz de cheia. Banhou-se em purpurina dourada. Distribui seus raios, namora o mar, as montanhas, florestas e até o meu jardim. Ah, dona Lua, danada de cheia! Esse olhar... ah esse jeito... nem parece a rainha solitária que cantam em versos...

Olho daqui este infinito, deste canto da casa onde fica uma janela antiga que canta quando tento fechá-la, para esconder os medos da noite. Perco meu olhar neste tudo chamado de céu. Bilhões de galáxias onde moram bilhões de estrelas... só estrelas? Sinto neste universo, a minha insignificância.

“Vós nada compreendeis e eu nada poderei explicar-vos” (Rimbaud). Li, em algum lugar. Sei que o silêncio de agora envolve a noite e a mim. Sinto vontade de conversar, com um bom vinho nas mãos, o calor da lareira e casos, risos, lembranças, mas ninguém há. De que servem as palavras quando o silêncio é tudo?

Envolve meu ser um ar de mistérios, de perguntas, às vezes até tão tolas, que me fazem rir, mas sem respostas. É o momento em que busco na palavra o desvendar de mim mesma e nesta entrega faço o que mais me encanta: escrevo.

Amo esta pseudosolidão que abraça o escritor no momento da criação. Uma solidão gostosa, macia, sem nada de humano para perturbar o momento.

Já não há mais insignificância. Agora sou um deus de mim. Ao avesso do criador, não sou supremo, ou suprema, isso não importa agora. Quando a palavra escapa das minhas mãos sou um ser indefeso, apenas um ser “tão possuído, tão entregue” como dizia Fernando Sabino, mas repleto de ideias como se houvesse algo a explodir.

E nesta pequenez de um deus de mentira, procuro a redescoberta de tantos mistérios que nunca deixarão de ser, pois não há quem os desvista. E crio a vida na palavra. Tudo em mim começa com ela. Há uma entrega total. O texto flui e me abraça. Há tanta sensibilidade neste momento que qualquer coisa mais forte pode embarçar as letras que o desenham. E seria triste perdê-lo. Não volta. Surge quando bem entende, noite, dia, madrugada. Não entende de horários, tem o seu tempo. As letras acordam e escravizam. Doce escravidão...

Toda vez que escrevo é como se fosse a primeira. Não leio, pois encontraria alguma coisa para mudar e o texto já não seria único. Há um gosto estranho

de estarmos apenas eu e ele, como se eu fosse capaz de dar-lhe vida. Não é solidão. É sonho.

E aqui, sob este céu, consigo viver tantas vezes quantas eu queira. Ora princesa, ora palhaça, ora cantora... vivo da maneira que escolher e personagens loucos desafiam a minha realidade. Não há juízes. A criação é a redescoberta, pois dentro de uma vida há tantas outras vidas que desconhecemos, como no infinito. E neste infinito, por que apenas nós, terráqueos, teríamos o privilégio de sermos únicos?

Olho. No azul dançam ainda as estrelas. Umas fogem. Querem voltar? Quando menina, disseram-me que eram as vidas que nos deixaram e piscavam para dizer: estou aqui!!! Mas nada quero com lembranças.

Está frio. Levanto e solto um grito enorme, como se me despedindo de tantos e tantas personagens que já pontuaram a minha vida; BOA NOITE!!!

E o eco responde: boa noite... noit... noi... Pergunto intrigada: Será mesmo apenas o eco???

Não há resposta. Continuo a desenhar a minha realidade. Às vezes, com palavras, viajo entre sonhos e me enteneço, pois neles, não há limites. E numa hora qualquer, num lugar que não sei onde, as palavras virão para permanecerem até que as descubram um dia. Saberão entender a nossa língua? Terão a sensibilidade de perceber os nossos sentimentos?

A noite escorre devagarinho pelos cantos do mundo... dormem as ondas... aquietam-se os pássaros... passeia a Lua e o sono chega para disfarçar as respostas que eu não encontro.



Cidinha Palma

Maria Aparecida de batismo, nasceu em Campinas. Como jornalista, trabalhou há muitos anos no **Diário do Povo** de sua cidade natal. Fez também Letras e atuou como professora na área de Atualidades, Redação e Literatura. Em Jundiaí, além das aulas, coordenou o Colégio Objetivo, hoje Ápice Eleva, onde é mantenedora ao lado de seus filhos. Escrever para crianças é seu ponto forte. Escrever suas crônicas é expor emoções, sentimentos, dúvidas... mas escrever sempre é o que mais traz satisfação. Junto à Editora In House editou alguns de seus escritos e aqui, mais um deles.

VIDA

O que é a vida?

É energia? É matéria? É luz?

Há quem diga que a vida é energia materializada

Há quem diga que a luz que dá a vida.

A verdade é que se somos energia, matéria e luz podemos supor nossas origens "O universo".

Sabe-se que as células de todos os seres vivos terrestres possuem mais de 90 elementos químicos; estes presentes não só no planeta Terra, como também no universo, no espaço, e em seus corpos celestes.

Será que isso é coincidência?

Coincidência ou não, podemos dizer que o universo é reluzente e infinito com mais de bilhões de anos e com uma luz que o integra. Essa classificada como ondas eletromagnéticas que viajaram bilhões e bilhões de anos-luz até chegar aqui, coexistindo em nós, seres viventes insignificantes mediante a grandeza do nosso universo, que sem ela não haveria vida no planeta, seja a presente no Sol como nas células humanas.

Fomos contemplados, ou é nosso destino?

Podemos pensar que somos a soma de todos esses registros de bilhões de anos ou vidas.

Não é por acaso que desde os tempos remotos falamos: à "Luz" do pensamento, à "Luz" da razão!

Essa que circunda a Terra e nosso corpo e é responsável por dar vida nos processos da nossa matéria. Se essas ondas eletromagnéticas estão presentes em todas as reações químicas existentes no nosso organismo, então é fato que a luz dá a vida e ela vibra nas nossas entranhas desde o início da existência.

Mas qual o propósito da nossa existência? Será que o universo inteiro já foi pensado e somos apenas os fios dessa rede?

A verdade é que cada vez mais descobrimos que fazemos parte de um todo. Já acreditamos que nossas ações impactam de alguma forma o outro, como também a nossa casa, o planeta Terra.

Independente de qualquer coisa, estamos aqui para EVOLUIR. Seja para um plano maior ou não, mas o que nunca sabemos que cada ser humano mesmo sendo uma gota no oceano, pois de gota em gota se faz um oceano e não somos diferentes.

Desde os primórdios sempre nos relacionamos e já podemos entender que somos cocriadores, que temos que cooperar, interagir uns com os outros, só assim evoluiremos como seres humanos que somos, pois coabitamos num mesmo espaço.

Se somos matéria, se somos energia herdada do universo e também somos uma bioquímica que vibra e circunda no nosso ser, podemos concluir que: precisamos uns dos outros, e mais do que nunca, nossa intenção, nosso desejo, nosso pensamento e nossas atitudes são protocolos para uma existência harmônica.

Que a vida de todas as formas existentes no planeta possa completar o processo e atravessar as fronteiras da eternidade.



Eliane Diana Nunes

Tecnóloga em Eventos pela Fatec. Membro do CMPC- Conselho Municipal de Políticas Culturais desde 2016. Atualmente faz parte da Cadeira de Consumidores de Cultura do CMPC. Membro da Câmara Setorial de Literatura do CMPC. 2º Secretaria do CMPC. Agremiada do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávoro. Membro do Comitê da Lei Aldir Aldir Blanc.

A MÃE MÚSICA

Quando falamos de legado podemos pensar primeiramente em nossas mães, pois é por meio delas que estamos neste mundo. Portanto, podemos dizer que todas já deixaram o seu legado na figura de seus filhos.

E é por este motivo que comparo a música com uma mãe. Pelo menos para mim ela tem este papel, além de outros, uma vez que sempre me carrega no colo, quer nos momentos mágicos repletos de prazer e alegria, quer nos momentos tristes, em que alguma situação te pega de surpresa e só te resta chorar. Ela vem e te abraça e te consola. É assim, absoluta.

Composta com sensibilidade, de forma intuitiva e sem normas rígidas, a música é uma linguagem antiga e poderosa. Através de inúmeros estudos pode-se afirmar o quanto ela propicia um maior bem-estar, promove o relaxamento, estimula o pensamento, a reflexão, tem efeito calmante e energético e ainda opera como um extraordinário instrumento terapêutico contra a ansiedade e o medo.

Não há como se defender dos efeitos que ela provoca em nossas emoções, nenhum ser humano consegue. Seu poder transcende o planeta. É um canal de comunicação com o divino e com o sagrado. Ela foge de qualquer rótulo ou definição porque acompanha os tempos históricos e ao tentar defini-la, ela já se modificou. É de todas as manifestações artísticas a mais completa, pois as outras artes falam das aparências, enquanto que a música fala da essência.

Meu legado

Aos cinco anos de idade eu já cantava no almoço de domingo na casa de meus avôs maternos e ficava alucinada em ver meus tios tocarem diversos instrumentos musicais, mas o que mais me chamava atenção era o violão e a guitarra. Tanto que a partir dos quatro anos sempre estava com violões de brinquedo já fazendo performances e, finalmente aos seis, depois de ter uma febre, coisa de criança, meu pai me deu meu primeiro violão, meio contra a sua vontade, porque achava que era só “fogo de palha” e que iria investir um dinheiro à toa. Nem preciso dizer que me debrucei no instrumento. Meu tio me levou um método pela manhã com os três acordes que compõem os tons de Dó a Si e me disse que assim que eu terminasse aquele compêndio me traria o próximo que seria os acordes também de todos os tons só que com sétima.

Bom, no final do dia passou em minha casa para saber quais os acordes e de quais tons eu já conseguia fazer. O ideal seria que pelo menos os de Dó e

Ré eu já saberia executar. Meu tio chamou meus pais e eu já estava sentadinha numa cadeira na sala da minha casa com o violão na mão. Indagou-me em quais tons eu havia conseguido executar os três acordes básicos e eu respondi na maior inocência de uma criança, como se fosse a coisa mais normal do mundo: "Já fiz todos!" Todos se olharam e ele pediu para que eu tocasse então e ao término do meu primeiro "concerto" disse a meu pai: "É... parece que o fogo de palha virou um incêndio".

Deste dia em diante não parei mais de estudar o instrumento, aonde eu ia ele ia comigo. Tornou-se meu parceiro, meu amigo de todas as horas. Ia comigo para a escola, para as festas de aniversário de parentes e amigos, para viagens, enfim, virou uma extensão do meu corpo. E aí parti para minhas primeiras apresentações, digamos assim, para o público em geral.

Fui convidada pelo padre da paróquia do meu bairro para cantar e tocar na missa de domingo. E lá fui eu. Comecei a adorar a experiência de poder levar para mais e mais pessoas a música executada por mim. Isso me causava um frisson, uma vontade louca de querer cada vez mais um maior número de pessoas.

No colegial, no curso de Magistério, a escola promovia anualmente uma gincana famosa em toda a minha cidade, Jundiáí, pertencente ao estado de São Paulo, tinha até a cobertura da imprensa local. E foi nessa gincana que pela primeira vez ganhei o primeiro lugar num Festival de Música e com isso o primeiro convite para participar de uma banda.

Na época uma banda de baile, que se apresentava na cidade e em todo o estado de São Paulo. Para tanto, meu pai me levou ao juizado de menores para autorizar minhas viagens porque eu tinha ainda 17 anos. Nunca mais parei. E senti o gosto também do meu primeiro salário e o que era melhor ainda, fazendo o que gostava. Isso não tem preço. E o sonho da criança foi se materializando em apresentações nos bares e todo tipo de evento musical que acontecia na cidade e fora dela. Viajei muito pelo interior de São Paulo com a banda, até que ela se desfez e aí parti para outra viagem.

Mudei de cidade, fui para Campinas e lá fiz aulas de técnica vocal e tive a experiência de me apresentar somente com pianistas. Foi um grande aprendizado porque a voz se sobressaía e com os estudos de técnica vocal aprendi a utilizá-la da maneira que quisesse em qualquer estilo musical. Fiquei na cidade por dois anos até me transferir para São Paulo, onde pude me apresentar em diversos espaços culturais, bares, Casas de Cultura, programas de TV, de rádio e também produzi três álbuns independentes e continuo a produzir.

A música me deu simplesmente tudo. Uma família musical, meus amigos, lugares maravilhosos dos mais simples até os mais sofisticados e acima de tudo foi, é e sempre será a minha psicoterapia, minha companheira de absolutamente todos os momentos.

Música, música! Gratidão por tudo que me destes nesta vida e ainda o que me dará em outras dimensões. E pra terminar meu legado nada como ilustrá-lo com uma canção que fala dela, a mãe música.

Música, Música

Composição: Abel Silva / Sueli Costa

Música, música

Companheira do quarto dos rapazes
entre revistas e fumaça
Confidente do quarto das meninas
entre calcinhas e sandálias

Música, música

Farol na cerração dos grandes medos
A força que levanta os bailarinos
Elétrica guitarra entre os dedos aflitos
e quentes dos meninos

Música, música

Irmã, irmã, irmã.
Feroz como a ira do Irã
Ou mansa como o último carinho
quando já chega a manhã
Música, Música



Marta Corrêa

Natural de Jundiá.

Cantora, Compositora, Jornalista e Psicóloga.

Contato: marta.esquinadacultura@gmail.com

POEMA SEM FRONTEIRAS



O amor chega na surdina, com passos de veludo
Invade nosso mundo
Deixa-nos, algumas vezes, mudo.
Grita, esperneia, nos transforma e nos reforma.
Tudo vai modificando, o sentimento transmuda.
Assim que chega, o mundo gira, aí, então, o bicho pega...
Tem quem se assusta e foge, quem transborda e se entrega.
Uma entrega total, vertigem banal com uma adrenalina sensacional.
Carrega o que há de útil e você vai pra vida afinal.
O amor vai mais além de nossa vã filosofia.
E, se não basta à casta, se não cabe ranço, ama e aprende.
Por vezes parece ladino.... mas é, no fundo, ingênuo menino.
Que chega sorrateiro, num olhar, num sorriso certo.
Muitas vezes vem distraído, outras vezes atrevido.
E com a brisa apaixonante revigora
o semblante tênue suado da alma iluminada.
Faz da alma um enigmático bordado em filigranas
Inspira, excita e desperta planos;
E tudo o que se parecia enfadonho, transforma-se em sonho.
Em suas multifaces, o meu eu se perde, se encontra, faz-se
Não tem pressa, nem quer ser presa
É apenas surpresa que a vida embeleza

NORMALIDADES

Normal é fazer chuva, sol, depois esfriar um pouco e esquentar. Às vezes, o normal são as quatro estações do ano em um só dia.

O normal, na praia do Cassino, em Rio Grande, na pontinha sul do Rio Grande do Sul, é ventar muito à tarde. Ou seja, o normal é, mesmo no verão, ir à praia pela manhã. Ou suportar mais vento à tarde.

O normal é o inverno de São Paulo não cair exatamente no inverno. Às vezes, o normal é garoar em um dos lados da Marginal Pinheiros, e fazer sol do outro lado, a poucos metros de distância.

O normal, como se vê, não é lá tão normal.

O normal, por estas bandas, é a normalidade das Capitânias Hereditárias: tudo para quem tem o poder, em termos de vantagens, benesses, serviços. E quase nada, exceto muita luta para sobreviver, para quem não comanda a capitania, seja ela qual for.

Às vezes, o que já não é normal há muitos anos, a economia cresce, o desemprego cai, e alguns profissionais até têm renda maior por pouco tempo. Foi o normal. O normal, por estes tempos, são desemprego, recessão e renda achatada, ou inexistente.

O normal é não reajustarem, à esquerda e à direita, a tabela do Imposto de Renda. Também é *beeem* normal que criem novos impostos, taxas e contribuições, porque não conseguem – ou não querem – fazer o país crescer.

Foi normal trabalhar com carteira assinada, depois como pessoa jurídica, mais adiante sem qualquer vínculo, ainda depois fazer bico, e por agora, nem-nem: nem estudar, nem trabalhar.

Novo significa o que nasceu ou apareceu recentemente. Normal é o que segue a regra, a norma, o regulamento.

Novo normal seria aquele que apareceu recentemente e que se tornou regra? Qual?

Esta expressão ignóbil surgiu com a pandemia de coronavírus, aquela que não é gripezinha, e que sempre volta como tragédia ou farsa, como disse Karl Marx em relação à história.

Tragédias para os doentes, aqueles que não faleceram e seus familiares, amigos, colegas e vizinhos. Para qualquer ser humano meia-boca. Farsa para os que pregam tisanas mágicas, e renegam a doença.

Novo normal? Velho normal? Os moradores deste planeta já enfrentaram várias pandemias. E com muito menos conhecimento e tecnologia do que agora. O que há de novo, então?

Ah, o novo normal seria a nova realidade? Como afirmar, se ainda não sabemos quando e como nos livraremos deste vírus. E de outros que nos atormentam, mas daí já será outra história.

Amazônia e Cerrado queimando, onças com patas queimadas, fuligem viajando pelo Brasil são novo normal? Ou novo anormal?

Terra plana (Meu Deus!) não é novo normal, porque quando não havia como checar a, digamos, redondeza do planeta, muitos acreditavam nisso. Também que era sustentada pelo gigante Atlas ou por elefantes. Agora, quando foguetes e satélites sassaricam pelo espaço, como duvidar que a Terra seja geoide (quase esférica).

Normal não é sinônimo de certo, correto, perfeito. Embora, em termos de saúde mental, alguns se declarem normais. O que de nada vale, primeiramente porque ninguém se declara anormal. E em segundo lugar, porque seguir a norma, se ela não for adequada, não chega a ser vantajoso.

Enfim, vamos ver como funcionará nossa rotina quando tivermos vacinas e eventuais medicamentos contra a Covid-19.

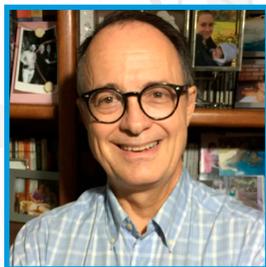
Avanços tecnológicos não deixam de ser utilizados porque uma pandemia se foi – ou foi superada. Quem vai querer sair para trabalhar presencialmente em um escritório de segunda a sexta-feira se puder fazer isso de casa, pelos meios digitais?

Quem não se acostumou a comprar tudo on-line, se tiver dinheiro para tal? Talvez haja menos lives. Pode ser. Ou mais, preferencialmente curtas, por favor.

E as florestas? Espero que as queimadas sejam um velho normal. Ou um velho anormal, que nunca deveria ter existido, muito menos ser permitido.

Esse negócio de colocar etiquetas em tudo, inclusive em fases da vida, é muito chato.

Que venha esta qualquer coisa que teremos de enfrentar, com mais ou menos gosto. Que, em qualquer época, sempre valeu mais do que seis vinténs (bitcoins?).



Carlos Thompson

Jornalista, gaúcho, gremista, é fã de Jorge Luiz Borges, Fernando Pessoa e Mário Quintana. Escreve poesia desde os nove anos de idade. Gosta de caminhar na praia do Cassino, em Rio Grande, e no bairro da Pompeia, em São Paulo. Anarquista, admira Allan Kardec. Escreve para viver e vive para escrever. Marido da Vera, pai da Júlia, padrasto do Marcelo, do Bruno e da Camila, e avô da Olívia, aprendeu a escrever com a mãe, Teresinha, quando teve de fazer a primeira composição (redação).

APENAS MEMÓRIAS QUE A CANÇÃO ME TRAZ...

Aos nove anos, ouvia Supertramp na sala de casa sem entender nada do que Roger Hodgson dizia, apenas sentia a melodia que entrava na alma e impregnava de nostalgia para que um dia, quarenta anos depois, pudesse rememorar e sentir, ou ao menos tentar, tudo o que se passava na mente de um menino e seu olhar para o mundo.



150

Sempre foi assim que a música tomava posse de mim; trazendo à tona sentimentos e a memória dos que já se foram e tão presentes ainda aqui se fazem na hora da canção.

A janela aberta permite que os ares de novembro invadam o apartamento. Apenas ouço Aretha Franklin. Não me importo se lá fora existe um inimigo oculto. Não me deixo abalar pelo desespero nem mesmo pela dor dos outros. Apenas medito e peço paz ao mundo. Vivo o que a música me diz para viver e ela me pede calma, sossego e liberdade.

Ela chama pelos amigos, fala da vida em outros planetas, faz juras eternas de amor e amizade. E, também, me faz rir. **A balada de John e Yoko** se inicia e, imediatamente, vem à minha mente as palavras de Thompson sobre a suposta e verdadeira intenção (versão) sobre quem deveria ter partido anos atrás.

E penso que os Beatles nunca se foram. Ninguém realmente vai embora. A presença ausente é demais marcante dentro da gente. Quem nunca se pegou conversando com alguém que não está vendo ou sequer faz parte deste mundo?

É, meu amigo, a vida tem dessas coisas – Vinicius bem o sabia. São demais os perigos dessa vida. E eu me deixei levar pelo som, pelas buzinas de Napoli, pelo *gelato* da Fontana Di Trevi e acabei aterrissando na novela das oito da Janete Clair, acho que **O Astro** ou outra dessa época, que sequer sei se era de Janete ou de Dias Gomes. Sei que Rita Colidge canta e, mais uma vez, volto para a época de menino.

E nessa viagem pelas mais diversas épocas eu sequer preciso de passaporte ou atestado médico. Será que a saudade é algum mal crônico? Existe vacina? Não quero imunização sobre o passado. Eu o quero vivo. Pois ele é quem sou. Com todas as alegrias e tristezas.

Quero trazer a novidade todas as manhãs.

Quero gritar e subir as escadarias do céu. Como o Led Zeppelin. E poder acreditar sempre que a vida é muito mais que isso e que as músicas, essas sim, têm o dom de me fazer fluir por entre sua pauta e me transformar em uma nota musical...

“You make me feel...”



Márcio Martelli

Escritor nascido em Jundiá em 1968. Membro efetivo da AJL - Academia Jundiense de Letras. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Editor de livros com mais de 900 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou mais de 45 livros autorais. Foi o curador da I FLIVI – Festa Literária de Vinhedo. Contato: marciomartelli05@gmail.com



Caro Leitor

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Envie suas dúvidas e sugestões
pelo nosso e-mail:

 editorainhouse@gmail.com

Compre outros títulos em

 www.livrariainhouse.com



 11 4607-8747 / 99903-7599

Participam deste livro:

Ana Clara Santos Cavalcante

Ana Eulinda Marquesim Nóbrega

Anna Maria Gallo

Aristeu de Campos Filho

Aristides Almeida Rocha

Bel Lopes

Bruno Marin

Cacilda Franco Ribeiro

Carlos Thompson

Carmen Sílvia Pereira

Cidinha Palma

Dalton Luiz Sibinel

Damião Nascimento

Devair Ahrens

Eliane Diana Nunes

Evandro Fernandes da Silva

Fábio Spina

Flavia Cunha

Geraldo Enfeldt

Herminia Ap. Balbuena

Ivonete Piccinato de Freitas

Jefferson Dieckmann

João Carlos José Martinelli

João Daniel

Jorge Trigo

José Felício

José Garcia Netto

Katia Maria Moratore

Kelli Cristina Candido de Lima

Kelly Cristina Galbieri

Liege Esteves

Luciana Piamonteze

Luiz Alberto Carlos

Manoel de Jesus Carvalho

Márcio Martelli

Maria Beatriz Sayeg Freire

Maria Teresa Sponchiado

Marta Corrêa

Nilton Gutierrez

Osnir Gonçalves Ferreira

R. R. Mansfield

Ronaldo Martelli

Rosalie Gallo y Sanches

Sandra Albuquerque Torres

Sandra Regina Librelon

Susana Bueno de Souza

Susana Ferretti

Tatiana Rosa

Thaty Marcondes

Vanderlei Negro

**QUE COISA EXTRAORDINÁRIA É UM LIVRO.
UM OBJETO PLANO, PRODUZIDO A PARTIR DE UMA
ÁRVORE, COM CAMADAS FLEXÍVEIS NAS QUAIS
SÃO IMPRESSOS VÁRIOS TRAÇOS E RABISCOS.
MAS BASTA UM OLHAR E VOCÊ SE VÊ DENTRO DA
MENTE DE OUTRA PESSOA, TALVEZ ALGUÉM QUE
TENHA MORRIDO HÁ MILHARES DE ANOS.
ATRAVESSANDO OS MILÊNIOS, AQUELE AUTOR
FALA CLARA E SILENCIOSAMENTE DENTRO DA SUA
CABEÇA, DIRETAMENTE PARA VOCÊ.
A ESCRITA É TALVEZ A MAIOR DAS INVENÇÕES
HUMANAS, CAPAZ DE UNIR PESSOAS QUE NUNCA
SE CONHECERAM, CIDADÃOS DE ÉPOCAS
DISTANTES. LIVROS QUEBRAM OS GRILHÕES
DO TEMPO. UM LIVRO É UMA PROVA DE QUE
OS HUMANOS SÃO CAPAZES DE FAZER MÁGICA.**

CARL EDWARD SAGAN

ISBN: 978-65-86978-37-7



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br